

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto De Geociências E Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

A FESTA NA METRÓPOLE: UMA LEITURA SOBRE O
PAPEL DOS *BUFFETS* NA VIDA COTIDIANA DE SÃO
PAULO NO *SÉCULO XXI*.

RENAN GAUTHIER CARDOSO DOS SANTOS

Orientadora: Prof. Dra. Profa. Dra. Bernadete A. Caprioglio de Castro Oliveira

Dissertação elaborada junto ao
Programa de Pós-graduação em
Geografia – Área de
Concentração em Organização
do Espaço, para obtenção do
Título de Mestre em
Geografia.

Rio Claro (SP)
Dezembro de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Profa. Dra. Bernadete A. Caprioglio de Castro Oliveira

Professor Dr. Romualdo Dias

Professor Dr. Carlos Henrique da Costa Silva

Renan Gauthier Cardoso dos Santos
- Aluno

Rio Claro, 20 de outubro de 2009

Resultado APROVADO

Para o (devir)-mundo.

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Bernadete A. Caprioglio de Castro Oliveira pela amizade, carinho e dedicação na pesquisa.

Ao Professor Dr. Romualdo Dias pelo incentivo, dedicação e amizade que atravessaram toda a realização do trabalho desde seu *início*

Ao Professor Dr. Paulo Godoy pelas ricas sugestões dadas nas aulas do Programa, pela contribuição no Exame Geral de Qualificação, enfim meu agradecimento.

Ao Professor Dr. Carlos Henrique da Costa Silva pela leitura rigorosa e enriquecedora do trabalho. Agradeço também a participação na defesa e questões levantadas.

Ao Professor Dr. Archimedes Peres Filho pelo convívio e alegria nas aulas do Programa da Pós-Graduação em Geografia.

À Professora Dra. Neusa de Fátima Mariano pela possibilidade de partilhar o tema e ajuda recebida.

Aos alunos do Programa da Pós Flamarion, Chicão, Guilherme, Danilo, Leandro e outros.

Aos amigos Reflexivos. Michel, Pedro (BH), Silvio, Jundiaí, João Calis, Vitor, Max, Chubaquinha, e outros tantos! Muito obrigado!

Ao Israel de Sá pela amizade e leitura do trabalho. Aos amigos Breno, Messias Luciano, Silvio um brinde!

Ao Luiz Henrique pela amizade compartilhada também nesse trabalho. Aos amigos distantes da Geografia 2003 – Camila, Natália, Paula, Joselito, André, Nelson, Dú, Smile, Águai e tantos outros.

Aos professores do SESI 339 pela amizade e alegria!

A Mirian Kikuchi e a sua ternura!

Aos meus familiares dedico este trabalho pelo apoio recebido. Vilson (pai), Célia (Mãe) e Rodolpho (irmão).

Sob a magia do dionisíaco torna a selar-se não apenas o laço de pessoa a pessoa, mas também, a natureza alheada, inamistosa ou subjugada volta a celebrar a festa de reconciliação com seu filho perdido, o homem.
(F. Nietzsche)

SUMÁRIO

Índice.....	ii
Lista de mapas e figuras	iv
Lista de gráficos.....	iv
Lista de quadros e tabelas.....	iv
Lista de fotos.....	v
Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
Introdução.....	1
Capítulo 1.....	14
Capítulo 2	32
Capítulo 3.....	77
Capítulo 4	86
Considerações Finais.....	102
Referência Bibliográfica.....	109
Anexo.....	117

ÍNDICE

1 – INTRODUÇÃO	1
Fundamentação Teórica e Metodológica.....	4
Localização da Área de Estudo.....	7
2 – PRIMEIRO CAPÍTULO	
Apresentando o tema.....	14
O termo “Buffet”	22
As festas no cotidiano da metrópole.....	27
3 - SEGUNDO CAPÍTULO	
O Crescimento de Moema/SP.....	32
A infra-estrutura do bairro.....	39
O velho e o novo na cidade	46
O pioneirismo dos anos cinqüenta	48
Os buffets em Moema e Indianópolis	53
Os termos da festas	59
As atividades dos buffets	65
4 – TERCEIRO CAPÍTULO	
As transformações da festa.....	77
5 - QUARTO CAPÍTULO	
A festa diante da necessidade capitalista.....	86
O uso do espaço.....	89
A necessidade capitalista	91
O sentido da festa	95
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
7 - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	109
8 - ANEXO.....	117

Anexo 1	118
Anexo 2	122
Anexo 3	127

LISTA DE MAPAS E FIGURAS

Mapa 1 : Localização do Distrito de Moema em São Paulo.....	11
Mapa 2 : Localização da Área de Estudo no Distrito de Moema em São Paulo.....	12
Mapa 3 : Os buffets em Moema e Indianópolis.....	72
Figura 1: Atuação dos profissionais dos buffets na prestação de serviços.....	25
Figura 2: O bairro de Moema e Indianópolis, antes de se tornar Distrito.....	37
Figura 3: Moema se amplia e em 1991 e torna-se Distrito.....	38
Figura 4: Manchete do Jornal "Gazeta de Moema" de junho de 1991.....	39
Figura 5: Convite de casamento do Buffet França de 1961.....	48
Figura 6: Exposição de Enxoval no Buffet França.....	50
Figura 7: Capa das Revistas Especializadas (Revista Espaço d'FESTAS e Revista Festas Infantis Buffets e Eventos).....	51

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Crescimento Demográfico no Distrito de Indianópolis	35
Gráfico 2: Distribuição dos Domicílios por faixa de renda familiar no Distrito de Moema.....	45
Gráfico 3: Quantidade de <i>buffets</i> em Moema e Indianópolis separado pelo perfil.....	58
Gráfico 4: Nomes utilizados pelos <i>buffets</i>	59
Gráfico 5: Participação das atividades no segmento de Serviços prestados às famílias no Estado de São Paulo – 2005 (Pessoal ocupado).....	66
Gráfico 6: Participação das atividades no segmento de Serviços prestados às famílias no Estado de São Paulo – 2005 (Número de empresas).....	67
Gráfico 7: Receita bruta (em milhões de R\$) dos serviços de Alimentação e Alojamento no Estado de São Paulo (2003-2006).....	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População Ativa no Setor Terciário das Atividades na Região Sudeste.....	8
--	---

Tabela 2: Buffets presentes em Moema e Indianópolis.....	55
Tabela 3: Principais atribuições dos buffets.....	56
Tabela 4: Média de pessoal ocupado por empresa, salário médio mensal, segundo atividades dos serviços prestados às famílias	68

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Buffet Infantil Pee Ka Boo	62
Foto 2 – Buffet Infantil Traquinagem.....	62
Foto 3 – Buffet Wally Dolly	62
Foto 4 – Buffet Infantil Mega Circus.....	62
Foto 5 – Buffet Infantil Magic Fantasy	62
Foto 6 – Buffet Sonho Colorido.	62
Foto 7 – Buffet Funny Days	62
Foto 8 – Buffet Hora da Alegria	62
Foto 9 – Buffet Willy Billy	63
Foto 10 – Buffet Toca do Coelho.....	63
Foto 11 – Buffet Anarkia Park	63
Foto 12 – Buffet Circus	63
Foto 13 – Buffet Jurassic	63
Foto 14 – Buffet Actual	63
Foto 15 – Buffet Universo Feliz	63
Foto 16 – Buffet Toys Dolls	63
Foto 17 – Buffet Estação Criança	64
Foto 18 – Buffet Fun Club	64
Foto 19 – Buffet Sunny Day	64
Foto 20 – Buffet e Eventos Saint Morit's	64
Foto 21 – Buffet Trick and Treat	64
Foto 22 – Buffet Tropical Kids	64
Foto 23 – Buffet Oceano	64
Foto 24 – Buffet Estação Club	64
Foto 25 – Buffet Delphos	64

Resumo

Este trabalho analisa o cotidiano da cidade de São Paulo a partir dos espaços destinados a realização de festas – buffets. Delimitamos o bairro de Moema localizado na Região Sul da metrópole paulista para estudar o papel desses serviços na sua relação com a festa. O consumo realizado nesses lugares e o uso de forma temporária também aparecem imersos ao longo da *análise*. A produção da festa *é* estudada a partir do desenvolvimento da vida de bairro e da metrópole, que comporta mudanças nos hábitos de consumo para o qual a festa agora possui lugar.

Palavras-Chave

Espaço, Cotidiano, Consumo, Festa, Buffet.

Abstract

The aim of this study is to investigate the daily life of the city of São Paulo by analyzing places where parties are held – the buffets. We have chosen Moema neighborhood, located in the South Region of São Paulo to study the role of such places in relation to the parties. The consumption taking place in these locations and their occasional use are also objects of this investigation. The production of parties is studied, taking into consideration the neighborhood life and metropolis development, which can shed light into the understanding of consumption habits such as the existence of parties.

Key-Words

Space, Daily, Consumption, Party, Buffet.

INTRODUÇÃO

A realidade urbana do início do século XXI revela problemas nas principais cidades do mundo. O aumento da violência e as péssimas condições de moradia evidenciam parte dos problemas nas grandes cidades, o que de longe não reflete condições saudáveis à manutenção da vida em grupo. Mas o entendimento que o homem faz de si e de suas ações, por meio de pesquisas, estudos concentrados e de sua reflexão, permite (re)elaborar os rumos assumidos nos seus projetos e nas suas escolhas.

Os problemas vêm acompanhados de uma complexidade inerente às transições do conhecimento próximas a um sentimento de incerteza cada vez mais evidente. A complexidade não poupa os pesquisadores e expõe dificuldades de leitura e compreensão das questões referentes à reprodução da vida, do espaço e tempo habitado. A especialização do conhecimento e o desenvolvimento de novos campos de pesquisa e de estudo implicam conhecimentos cada vez mais parcelares. A grande quantidade de informações divulgadas em aspecto global e a proliferação de publicações, dada a sua velocidade, dificilmente acompanhamos. Com isso alguns conhecimentos que procuram disponibilizar um referencial teórico permanecem ainda impraticáveis. A complexidade possui ainda traços mais profundos. A ciência moderna e o conhecimento são preenchidos por variações e pelo sentido do “novo” pós-moderno. Assim chegamos ao século XXI com muitas perguntas sobre o conhecimento e sobre a inteligibilidade, neste caso oferecido pela realidade urbana. Sendo assim, poderíamos perguntar: Como a Geografia pode apresentar caminhos para a compreensão da realidade citadina? E mais: Quais as tendências observadas nas metrópoles de interesse à Geografia no entendimento do uso do espaço?

Esse trabalho não tem por objetivo responder a todas essas questões, porém nosso direcionamento implica um modo de análise e um recorte problematizador inerente ao percurso de estudo. Nosso trajeto revela uma preocupação fina sobre o horizonte que repousa os hábitos de seus moradores, o que significa uma delimitação ao tema. Portanto, remete ao cotidiano da cidade, nos conduz à

experiência vivida dos seus habitantes e mostra a produção de espaços que, materializados pelas ações humanas, tornam visíveis certas formas espaciais.

A pesquisa investiga os espaços destinados à realização de festas na cidade de São Paulo. Delimitamos para isso um ramo da atividade de serviços atuante na capital paulista: os *buffets*, que definem em suas atividades lugares e indumentárias, onde ritos de celebração inerentes ao convívio humano acontecem. Casamentos, aniversários, reuniões comemorativas, *happy hour*, são algumas atividades constantes na rotina desses estabelecimentos cada vez mais presentes e oferecidos, em alguns casos com alta sofisticação. Em relação às cidades: Como se constrói a experiência festiva no urbano? Seria possível compreender como os habitantes se relacionam com a festa levando em conta a existência e a expansão de inúmeras empresas nesse ramo?

O que parece convidativo é a ideia de que esses serviços servem ao consumo dos habitantes preocupados em celebrar um momento da vida, ou seja, a celebração de um ritual. Ao trabalho do *buffet* cabe, num primeiro momento, servir um espaço, mas não só ele, em que a festa tem preparado seu lugar. Compreendemos a instalação e o funcionamento dos *buffets* enquanto uma atividade do setor de comércio e serviços em que o espaço assume um papel fundamental. O estudo analisa o que se vende e os significados que a festa tem para essas empresas, levando em conta a produção e o uso desses espaços. A expansão desse ramo de atividade marca um fluxo de investimentos e a instalação, cada vez mais acentuada, de novas empresas neste setor. No entanto, a festa está inserida no cotidiano em que as empresas desempenham um papel importante na possibilidade de orientação de rituais coletivos em que a existência humana tem por preservar e inserir neles seus significados que mediam relações entre famílias. Ao entrar nos *espaços do comércio*, ela perde vínculos mais evidentes com a rua, com a casa, e torna diminuto seu uso pelos seus habitantes. Como nos sugere Carlos (1999, p. 64):

Constata-se hoje, a tendência segundo o qual, cada vez mais, os espaços urbanos são destinados à troca - o que significa que a apropriação e os modos de uso tendem a se subordinar cada vez mais ao mercado. Em última instância, significa que existe uma tendência à diminuição dos espaços - onde o uso não se reduz à esfera da mercadoria e o acesso não se associa à compra e à venda de um "direito de uso temporário".

Esse tema de estudo é importante a Geografia Urbana uma vez que encontramos uma forma de entendermos de que maneira a vida na metrópole se relaciona com a festa para sustentar bases explicativas durante a utilização e produção dos espaços privados que, na verdade, proliferam em diversas regiões da cidade. O que notamos a princípio é a oferta exitosa do mercado em produzir novas funcionalidades aos espaços que sugerem necessidades que se adaptam rapidamente aos modos e estilos de vida.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

A atuação dos *buffets*, ou melhor, as questões que emergem do seu funcionamento suscitam uma problematização que conduz nosso eixo investigativo. A fundamentação acontece a partir do seu corpo metodológico e conceitual na qual desenvolvemos o tema sobre a produção do espaço dos *buffets* na cidade de São Paulo.

Primeiramente, apresentamos questões referentes aos procedimentos e materiais. Os procedimentos revelam os passos tomado pelo seu sentido prático. Esta etapa evidencia a maneira como a pesquisa foi construída acompanhada de perto pelo uso dos materiais que orientam em direção à edificação do tema de estudo impondo um modo de ação. Os materiais apresentam as bases em que o pesquisador buscará engendrar seu estudo, definindo, assim, sua conjuntura com os procedimentos.

Os materiais utilizados demonstraram o percurso de análise admitindo, assim, nossos dispositivos de interpretação. Desse modo, os materiais delimitados são: revistas especializadas nos âmbitos de festas e eventos; visitas e entrevistas aos estabelecimentos, mapas urbanos da cidade de São Paulo; a bibliografia selecionada; e a consulta em órgãos públicos da cidade de São Paulo para a consulta de dados secundários.

A estruturação se torna possível na medida em que revelamos a base explicativa para o conceito de espaço, que é produto e condição de reprodução das relações sociais que os homens estabelecem entre si para se apropriar da natureza, o que o fazem por meio do emprego do trabalho¹. Nessas condições, sua forma monetarizada revela impasses na produção e no uso. Como destaca Lefebvre: “o conhecimento do espaço – o conhecimento do que nele se faz, do que nele se passa e do que dele se serve – retoma a dialética, pois detecta e revela contradições do espaço”(1973, p.17).

Ele é analisado dentro das relações produtivas, sendo base material que sugere seu compromisso com a realização da vida diária capitalista. Dessa maneira,

¹ Esse conceito de espaço é desenvolvido pela pesquisadora e geógrafa Silvana Maria Pintaudi.

o que se problematiza é como os espaços para a realização de festas integram a vida cotidiana na qual existe a oferta de um espaço (preparado) para o consumo na realização do ritual. A produção do espaço para rituais coletivos leva em conta sua inserção na lógica do valor cuja reprodutibilidade atesta e orienta o uso do espaço. Sua constituição acompanha o modo de produção que o envolve, na medida em que está inserido na oferta e procura de espaços especializados na metrópole. As empresas de *buffet* que apresentam espaços destinados ao consumo evidenciam investimentos definindo necessidades que adquirem qualidades provisórias uma vez que são ressignificados diante das inovações que apelam à “nova” modernidade das coisas e dos estilos – o moderno e o arcaico se confundem transmitindo sobrevida aos lucros ininterruptos. Como nos sugere Harvey:

Para o capitalismo sobreviver, deverá existir ou ser criado espaço novo para a acumulação. Se o modo capitalista de produção prevalecer em todos os aspectos, em todas as esferas e em todas as partes do mundo, haverá pouco ou nenhum espaço restante para a acumulação adicional (o crescimento populacional e a criação de novos desejos e necessidades seriam as únicas opções (2005, p.64)

Nossa análise se baseia no papel dos *buffets* e na sua relação com a festa, estudando para isso, como ocorre a inserção na vida cotidiana da metrópole. O legado de Lefebvre evidencia o cotidiano como categoria de análise das questões citadinas na qual verificamos como a expansão ocorre no espaço da metrópole e os significados que emergem na sua construção na qual o acesso e o uso são mediados pelos significados inerentes ao momento, ou seja, o ritual – sem eliminar certos impasses e contradições que constituem essa prática dialética. Como aponta Carlos (2000):

O espaço é construído em função de um tempo e de uma lógica que impõe comportamentos, modos de uso, o tempo e a duração do uso. Há uma relação necessária entre os ritmos da vida e os usos e apropriação do espaço, e estes são delimitados com base na esfera da produção, invadindo a partir daí toda a sociedade (p. 222)

Esse trabalho recorre ao método progressivo-regressivo de Henry Lefebvre. De fato, há certas transições da festa e para isso, investigamos o seu descolamento sutil e silencioso para os espaços do comércio ocorridos no início da segunda metade do século XX. Buscamos compreender, levando em conta o tempo histórico,

o surgimento de formas comerciais² aptas a integrarem um cotidiano repetitivo na qual ela se distancia do ambiente doméstico e da rua para adentrar espaços fechados, fragmentados. O desenvolvimento da vida urbana, a rápida urbanização das áreas centrais e a modernização acelerada impõem transformações que se incorporam no plano do vivido e seria, para nós, um campo rico e pouco explorado – sendo festas em ambiente urbano um sintoma dessa evolução.

A seguir, apresentaremos a localização da área de estudo e posteriormente o primeiro capítulo em que produzimos considerações e apresentamos com mais propriedade o tema e as abordagens iniciais, o que inclui hipóteses e suspeitas, que o compõem. Indicamos referências ao termo “*buffet*” revelando sua origem e abrangência, produzindo assim indicativos sobre as festas inseridas dentro do cotidiano da metrópole.

²As formas comerciais são, antes de mais nada, formas sociais ; são as relações sociais que produzem as formas que, ao mesmo tempo, ensejam relações sociais. (PINTAUDI, 2005 p.145)

LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A localização da área de estudo é a cidade de São Paulo que possui uma área privilegiada para a análise. Ela não é só a maior metrópole do país como também a maior da América do Sul, compreendendo uma área³ de 1.509 m². São Paulo possui uma diversidade cultural expressa pelas diversos grupos étnicos e é por vezes comparada aos grandes centros mundiais, por exemplo, pelos investimentos recebidos das empresas transnacionais. Como ressalta Ortigoza: “A metrópole de São Paulo apresenta uma multiplicidade de padrões culturais, diferentes formas de sociabilidade e com isso diversos usos e apropriações do espaço...” (2001, p. 2)

No início do século, o investimento nas lavouras de café deu à região sudeste um salto qualitativo nos recursos financeiros. Com o passar dos anos as primeiras formações industriais se consagraram nesta área do território brasileiro e, logo, a industrialização impulsionou o desenvolvimento de suas áreas vizinhas. Vários pesquisadores reconhecem a mudança do perfil econômico que a cidade e a região obtiveram ao receber as primeiras formações industriais. A região, que antes possuía um elevado percentual no denominado setor primário, com o declínio do café e o processo gradativo de instalações de pequenas indústrias, sinalizava a ampliação do chamado *setor secundário*, impulsionando assim o processo de êxodo rural e a urbanização das cidades do Estado de São Paulo.

Nos dias atuais o aumento e a consolidação do setor terciário marcam atualmente o perfil da região sudeste. Como exemplo dessas mudanças apresentamos na tabela abaixo os dados da população ativa no setor terciário no período de 1940 a 2000 para tal região.

³ Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo.

Tabela 1 - População Ativa no Setor Terciário das Atividades na Região Sudeste.

	1940	1960	1980	2000
Sudeste	29.53 %	43.10%	52.23%	60.82%

Retirado de: SCARLATO, F. C. População e Urbanização Brasileira IN: ROSS, J. (Org.) **Geografia do Brasil**. São Paulo. Edusp. 2005. Fonte: IBGE Organização: SANTOS, Renan Gauthier C.

Os dados acima revelam o aumento gradativo da população ativa no setor terciário – que corresponde ao setor de comércio e serviço – na Região Sudeste. Em 1940, a taxa da população ativa neste setor era de quase 30% e em 1969 chegou a 43,10%. Já em 1980, o valor da população ativa no setor de comércio e serviços chegou a 52,23%. No ano de 2000, o terciário foi responsável por cerca de 60,82% da população ativa empregada na região. Os números acima mostram o aumento dos empregos gerados neste setor assim como o aumento de investimento no ramo de comércio e serviços. Tal setor, evidenciado pelos padrões globais⁴ da economia, sugere um movimento maciço de investimento, orientando a geração de emprego e a sua participação na produção de riqueza.

Alguns pesquisadores chegam a denominar a cidade de São Paulo como “centro internacional de serviços” pela expressiva participação do setor terciário. Dados da Prefeitura Municipal de São Paulo⁵ revelam a quantidade de serviços: cerca de 82.690 estabelecimentos, o que corresponde a 46.08% do total encontrado. Ainda no setor terciário, os empregos gerados merecem destaque, cerca de 1.179.860, o que equivale a 56.10% dos empregos gerados nessas atividades.

São Paulo é repleto de diversidade que marca os hábitos e costumes dos seus habitantes e acompanha o conteúdo populacional composto por diferentes raízes étnicas, culturais, envolvidas, bem dito, pelas distintas classes sociais. O ato de comprar passa a ser dirigido aos setores da sociedade que são mais inclinados à aquisição de bens luxuosos e simbólicos. Os níveis de renda acabam definindo áreas privilegiadas, orientando a disposição espacial do comércio e dos seus moradores. Como nos lembra Silva (2003) sobre São Paulo: “É a maior metrópole do país que contém todas as faixas de renda em proporções variadas, distribuídas por

⁴ A participação do PIB (Produto Interno Bruto) do setor terciário nos Estados Unidos chegou a 80% em 2005. Fonte: Labour Force OCDE, Bureau of Economic Analysis e CIA World Factbook, Études du centre de développement.

⁵ Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. RAIS 2000. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano PMSP.

suas várias partes e, para o comércio, isto é fundamental para a sua distribuição espacial” (p. 5).

A pesquisa é direcionada a alguns bairros de São Paulo dentro do Distrito de Moema localizado na Subprefeitura da Vila Mariana, que são: Jardim Novo Mundo, Vila Helena, Moema, Indianópolis. A escolha desses bairros revela *a priori* uma possibilidade de concentração privilegiada desses serviços. Sendo assim perguntamos: Onde estão localizados os *buffets*? É possível associar a localização dos *buffets* ao perfil da área selecionada? Quais os pressupostos que orientam a instalação desses serviços na região sudoeste da cidade? Existe alguma lógica inerente à sua localização?

A área estudada, os bairros já citados, possui uma história marcada pelo desenvolvimento transcorrido durante toda a gênese e evolução no distrito de Moema. O que nos permite, nesse sentido, acompanhar as transformações ocorridas no espaço ao longo da história, desenvolvendo e analisando certas mudanças que se impõe ao festivo. Suas transformações prescrevem os sentidos e atributos de uma época ao longo do percurso humano. Como nos sugere Henry Lefebvre: “Sería un error subestimar el barrio, que sabemos es un todo en el todo, y sin embargo en las ciudades que conocemos el barrio sólo existe en función de una cierta historia.”(1978, p.142)

Trata-se de admitir as mudanças nos modos de vida que se inscrevem na organização do espaço, recorrendo, assim, aos registros e afirmando o desenvolvimento temporal da área estudada. A configuração do espaço na sua base morfológica revela a possibilidade de múltiplas espacialidades de acordo com seu período. Sendo assim, trata-se de investigar, à luz da história, elementos constitutivos da espacialidade presente que, ainda assim, guarda resquícios dos tempos passados, sem eliminar certas contradições. Ao passo das transformações em curso, é possível contextualizar as mudanças no modo de vida e sua relação com a festa, admitindo, assim, as contradições que surgem em meio ao processo de modernização orientado pela lógica do capital. Ao recuperar esse contexto, sinalizamos para as festas domésticas que desenvolvem sociabilidades diferentes das encontradas hoje em ambiente privado. As festas ligadas ao ambiente doméstico e ao fortalecimento das relações familiares orientavam os rituais de celebração e do festejar, impondo referências e especificidades distintas das cultivadas em ambientes privados.

Parece que o modo de vida metropolitano acentua de maneira brutal a oposição entre a rua e a casa, entre o público e o privado, entre o social e o individual. Oposições que marcam atualmente relações de sociabilidade bem diversas, espacial e temporalmente bem delimitadas”(RAMOS, 2004, p. 87)

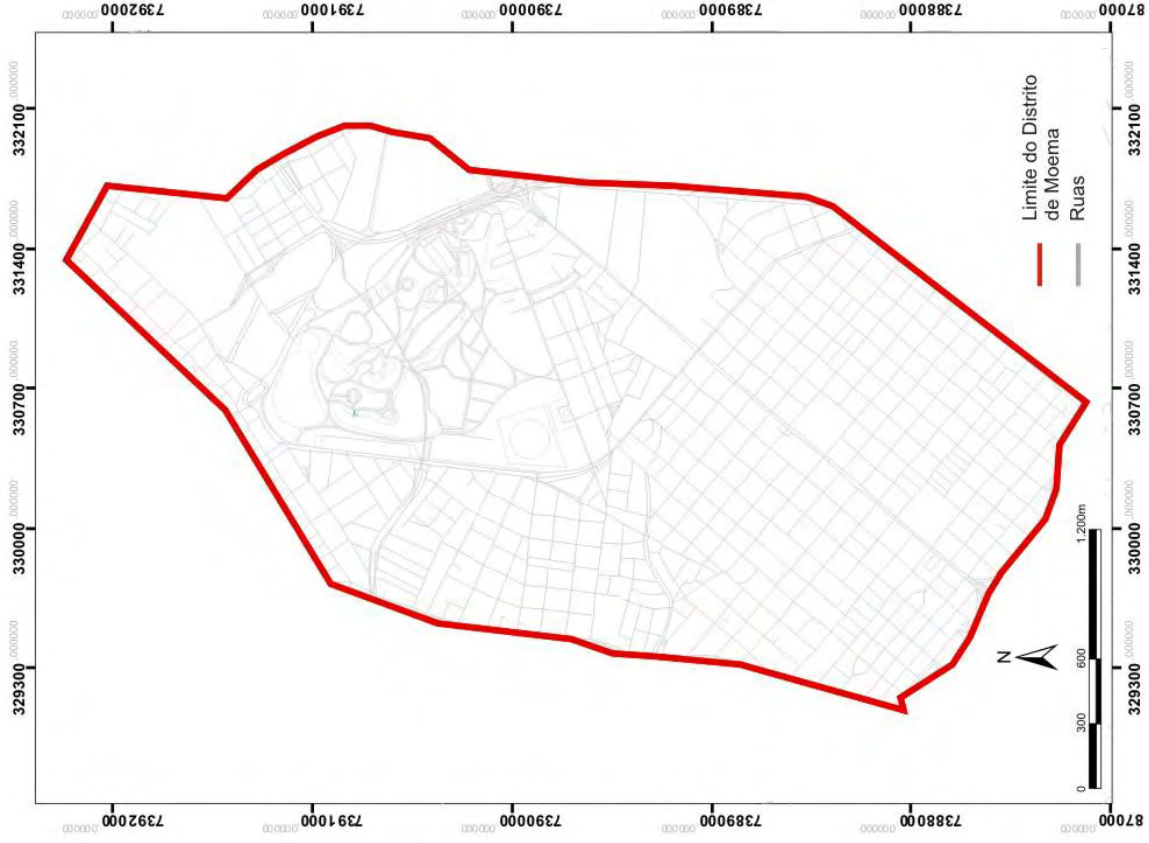
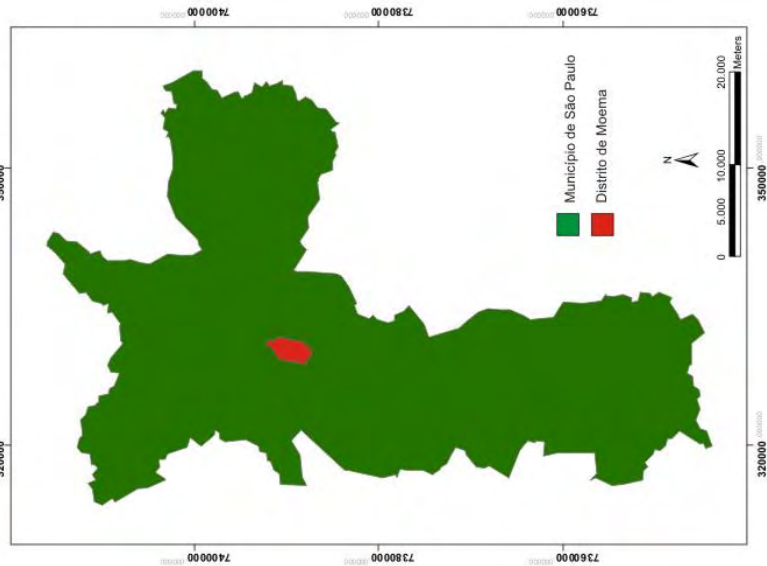
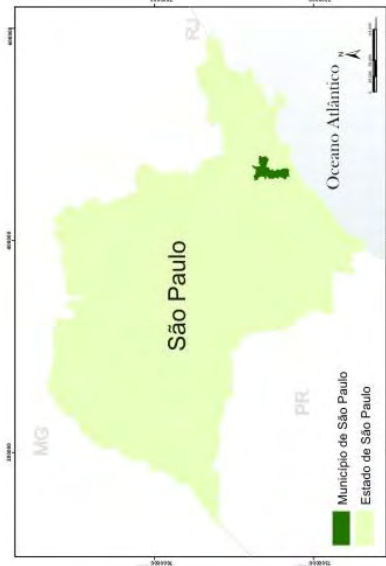
Ao longo desse estudo trataremos de transitar por diferentes significados da festa, como por exemplo, quando o ritual estava mais inscrito no ambiente doméstico e se desloca, dentro do processo de modernização da sociedade brasileira e da lógica de valor, aos espaços do comércio definindo assim, a possibilidade de um espaço pronto, preparado e qualificado. Fazendo o uso do método regressivo-progressivo, orientamos esse estudo sobre os aportes históricos que permitem ao pesquisador enveredar-se pelo sentido temporal que revela o surgimento de formas comerciais que, hoje, integram o dia-a-dia na metrópole. O desenvolvimento histórico permite reconhecer diferentes significados na elaboração e apropriação da festa, incluindo neste aspecto a cultura popular e rituais ligados aos bairros que aos poucos ganham especificidades que as transformam dentro da metrópole, o que permite explicar o presente.

Dessa maneira nosso objetivo é analisar a produção e o uso desses espaços na metrópole. Assim perguntamos: Como tais espaços são produzidos? Como poderíamos pensar a expansão desses serviços na vida cotidiana da metrópole? Se a casa, antes palco de realização das festas familiares, dá lugar a uma possibilidade de realização de festas em outro ambiente, um outro espaço, de que modo ocorre essa transição? Dessa maneira sinalizamos orientações que o trabalho assume na sua análise sobre a produção dos espaços por parte dos *buffets*, que, aliás, reserva um desafio à compreensão sobre a realidade citadina no início do século XXI⁶.

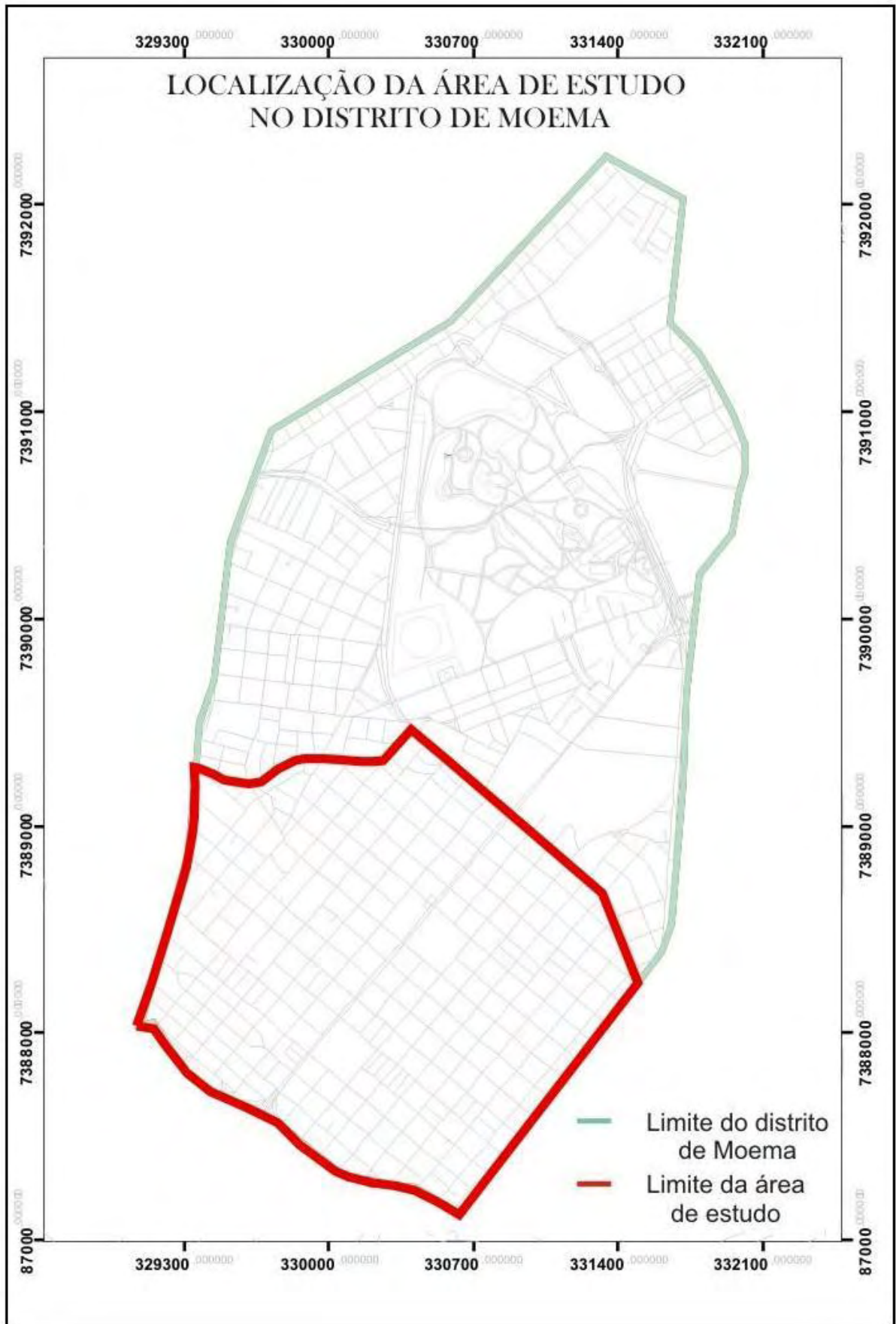
Abaixo apresentamos a localização do distrito de Moema e, depois, a localização da área de estudo.

⁶ “Se não examinássemos a produção do espaço sob o enfoque de suas contradições, não recuperaríamos o sentido deste momento na história humana e, por outro lado, sua singularidade”.(DAMIANI, 1999, p.50)

LOCALIZAÇÃO DO DISTRITO DE MOEMA



Org: SANTOS, R. G.



Mapa 2 - Área de estudo localizada no Distrito de Moema em São Paulo.

O mapa acima nos mostra a área de estudo localizada na região sul da cidade de São Paulo. Este trabalho, como já foi dito, privilegiou os seguintes bairros dentro do Distrito de Moema: Jardim Novo Mundo, Vila Helena, Moema⁷, Indianópolis, sendo delimitados pelas seguintes avenidas: Avenida Santo Amaro, Rua Hélio Pelegrino, Avenida Rep. do Líbano, Avenida Indianópolis, Avenida Moreira Guimarães e Avenida Bandeirantes.

A escolha dessa área de estudo suscita a possibilidade de uma concentração privilegiada desses serviços. O que levará certamente a entendermos o papel das vias principais citadas acima no fluxo diário de pessoas ao comércio residente nesta região produzindo novas expressões de centralidade que confere um importante significado à área de estudo frente aos espaços destinados ao consumo que ali se realizam em uma dinâmica intra-urbana.

A seguir, apresentaremos o tema promovendo referência ao conceito de espaço, na qual é possível reconhecer seu uso a partir dos hábitos do cotidiano. Neste capítulo apresentamos também os elementos que compõem o conceito de “*buffer*” e como é possível vinculá-lo ao modo pelo qual os habitantes promovem o uso dessas atividades ligadas a festas e eventos.

⁷ Podemos apontar que estamos estudando “Moema Original”, ou seja, a delimitação do bairro antes de atingir a classificação de Distrito, o que aconteceu em 1991.

CAPÍTULO 1

ESPAÇO, COTIDIANO E BUFFET

APRESENTANDO O TEMA

A festa é um tema rico e pesquisado desde um longo tempo por diversos autores em seus distintos campos de conhecimento (antropologia, história, sociologia, psicologia etc). Neste trabalho, ela se apresenta como, um tema geográfico, mais precisamente de Geografia Urbana. Mas como supor o entendimento entre festas e o espaço da cidade, agora, urbanizada? A princípio, trata-se de compreender o eixo investigativo apresentado previamente nas páginas iniciais e o significado que ela adquire ao fazer parte do comércio.

A festa é um momento de sociabilidade entre os povos, pessoas, e afirma sua relação de encontro, lugar de ver e ser visto. Ela é um produto do homem e parte da sua realização humana na Terra. Mas aqui fazemos uso de uma modalidade que, distante da festa rural, agora é *festa urbana especializada*.

Mais do que encontrar suas diferenças, é preciso encontrar características com seus diferentes traços históricos, que compõem o modo de vida rural e urbano, suas distinções aos momentos do festejar. A vida rural, rica pelo seu contato com a natureza, pelo seu tempo estabelecido pelo “galo” e pelas feições diárias mais libertas, trazia ao ritual, à festa e ao festivo, a celebração do tradicional e da produção rural. É no contexto da vida rural que ela se consagra como um momento oportuno da vida em que a produção do ritual está intimamente relacionada com o que se festeja. Dessa maneira, atualmente, algumas festas com tais características ainda se conservam, mas não sem mudanças na sua origem e ligada, de uma certa maneira, aos costumes rurais e à tradição. Como exemplo, a Vaquejada no sertão nordestino afirma os laços e os costumes do vaqueiro, não sem antes ganhar sintomas e efeitos de exibição, de espetáculo. Esta festa, rica em significado, que

parte da vida do vaqueiro, fortalecedora dos laços entre membros, é introduzida à lógica de valorização na proposição de um “esquema mercantil” que confia mudanças visíveis inclusive no seu espaço de realização. Em seu artigo, “A Vaquejada: de festa sertaneja a espetáculo nas cidades”, Maia explora as mudanças levando em conta seu significado para a vida do vaqueiro:

A partir da década de cinquenta do século XX, as vaquejadas foram deixando cada vez mais as fazendas, passando para as cidades próximas das áreas de gado, ou seja, para as localidades que ficavam em torno da fazenda. Assim, a vaquejada vai perdendo o seu caráter de festa de vaqueiros e tornando-se cada vez mais um evento de exibição nas cidades(2003, p.169).

Nesse artigo, são analisados aspectos transitivos dessa festa sertaneja, em que o ritual ganha contornos mais evidentes de espetáculo nas cidades do nordeste. A autora relata as condições da festa que se iniciou em meados dos anos 50 do século XX, exibindo os significados ligados ao seu nascimento nas fazendas, contando a natureza do sertanejo e o seu trabalho enquanto vaqueiro. Por isso, ao ser introduzida na cidade e depois em “parques de vaquejada”⁸, ganha marcas de sua espetacularização no nordeste brasileiro, apresentando outras especificidades que envolvem a dinâmica do ritual.

Nesse contexto, admitimos transformações sobre o ato de festejar. As transformações da vida diária conferidas pelo êxodo rural e pelo expressivo crescimento das cidades, empolgadas pela industrialização, fazem do festivo e da festa um campo amplo de mudanças. É também sobre ela que repousam evidências na realização da rotina diária que passa então a engendrar condições de vida distanciada dos ritmos naturais **a festa urbana especializada**. Nesse sentido, trata-se de estudar como se estrutura a expansão dos serviços de *buffets* ligados, agora, à vida moderna e envolvido com o processo de urbanização crescente da sociedade brasileira.

A festa⁹ é, por si só, a celebração do homem (mas não só do homem) em contato com a natureza em suas múltiplas possibilidades. Essa celebração possui então transformações que compõem três tempos: **a festa rural** na sua transição

⁸ Termo utilizado pela autora.

⁹ Para Isambert, a festa é como uma “celebração simbólica de um objeto (evento, homem ou Deus, fenômeno natural, etc.) num tempo consagrado a uma multiplicidade de atividades coletivas de função expressiva” (*apud* Amaral, 1998, p.40)

para a **feita no bairro** e depois à **feita especializada**¹⁰. Nesse último momento, os rituais coletivos penetram espaços de realização insensíveis aos ritmos naturais e alheios também à intimidade do seio familiar. De acordo com essa transição, estruturaremos os capítulos seguintes com o intuito de exibir as transformações da prática festiva transcorridas do rural ao urbano, admitindo mudanças e evoluções no festejar inerentes à expansão e consolidação da urbanização da sociedade brasileira. Nas palavras de Seabra (2002, p.1)

Creio ser necessário delimitar aquilo que compõe o conteúdo da festa porque há necessidade de pensá-la num tempo longo: do tempo das culturas tradicionais à modernidade; de verificar a festa como acontecimento e como atributo que perpassa diferentes tempos sociais e históricos.

O método regressivo-progressivo permite apontar temporalidades, norteadas por mudanças e transições que consagram o desenvolvimento dos *buffets* em ambiente urbano diferenciado e impensável na vida rural. Situamos diferentes contextos da região estudada, Moema e Indianópolis, no que se refere à vida social e às festas, levando em conta os desperdícios e o seu empobrecimento situados agora em “vitrines” e universos simbólicos postigos. Recorreremos então à história do bairro e ao desenvolvimento da sociabilidade inscritos em registros para atestar suas transformações. Dessa maneira, os *buffets* integram a produção e o consumo da festa na oferta de bens simbólicos por meio de **kits de festas**¹¹ preparados.

Jean Duvignaud (1976) propõe uma classificação de dois tipos de festas: *festas de participação* e *festas de representação*. Neste trabalho não temos por preocupação penetrar nesta proposição teórica, recusando tal classificação. Mas afirmando uma fina sintonia entre as festas representativas e as festas de *buffet* - o que não exclui as outras modalidades nesta classificação - aproximamos aquelas nos espaços de *buffet* enquanto campo das festas representativas onde parece estar a mais criteriosa contribuição de Duvignaud. Nas palavras do autor, as festas representativas:

¹⁰ Embora não se trate nesse trabalho de uma antropologia da festa, mas de um envolvimento inegável com o seu significado, admitindo, assim, a rica bibliográfica publicada nesta área.

¹¹ Os kits de festas aparecem como sinônimo da festa de *buffet*, uma vez que se reconhece a padronização desse serviço e a oferta pronta, preparada do ritual.

[...] que são pouco destruidoras. Elas não trazem, de modo nenhum, em si, a força negativa da natureza, já que elas visariam reiterar o valor da vida social, dando-lhe uma forma positiva [...] nada tendo, portanto, da potência revolucionária ou destruidora que ele atribui a outras festas. (DUVIGNAUD *apud* AMARAL, 1998, p.43).

Mesmo não fazendo uso da classificação utilizada por Duvignaud, trataremos de indicar que as festas em ambientes de *buffet* perdem características intrínsecas ao movimento festivo na sua complexidade, reduzindo a sua pobreza cotidiana e evidenciando uma possibilidade de consumo, o que em outras palavras significa a atuação da lógica do valor, da produção inscrita em um tempo fora do trabalho, distante do espaço fabril. Ao penetrar nos ambientes de *buffet* a festa está em ambiente “seguro”, cujo conforto e a praticidade marcam a perda de liberdade em uma troca intransigente,

A festa é uma mediação com os temas que colocam em pauta a existência humana e sua finitude. Ela exhibe contato com as limitações humanas e firma significados (religiosos e culturais) entre as pessoas reproduzindo relações e costumes através de gerações.

Neste momento, existe um pressuposto de que a mercantilização assume grande parte dos domínios da vida social na qual a festa também não fica de fora. E neste processo flagra-se o avanço das empresas mais inclinadas ao consumo da festa – o que em outras palavras, podemos indicá-las como animadoras da ordem social e econômica¹².

Concordamos com a ideia de que a festa pede contato com faculdades do “criar”, do “fazer”, ela pede sua apropriação; pois a riqueza desse movimento encontra-se num desperdício vertiginoso. Reconhecer a complexidade desse momento supõe, então, sua depreciação com a qual as cidades ridicularizam o movimento, o encontro, a apropriação e a fantasia coletiva. Se a festa é o “tempo” e o “espaço” dos encontros, inclui-se aí suas opulências, sua miséria, e quiçá, sua revolta. Sendo assim:

A festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo,

¹² A propósito, poderíamos apontar uma alegria coercitiva? O que seria em outros moldes a **dimensão política da alegria**?

digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis(AMARAL, 1998, p. 52).

Segundo Freud, “um festival é um excesso permitido, ou melhor, obrigatório, a ruptura solene de uma proibição” (1974, p.168). O excesso que consagra a definição de Freud se destaca agora na leitura e interpretação do contemporâneo. Ele conserva em si a instauração do equilíbrio, o “retomar” as tarefas e os compromissos, e passa à esfera do “permitido” cujo interesse reforça a presença das empresas na realização vital do lucro. Em uma sociedade cada vez mais institucionalizada (e distante da rua), a festa é sugerida por meio de contratos para a prestação de serviços que nem sempre se apresentavam monetarizados. Mas como o excesso pode habitar o conteúdo da vida moderna e, mais precisamente o conteúdo das festas? É na transição da festa rural à urbana doméstica que se estende ao bairro, até à especializada que acontece o ingresso do **excesso na indústria da festa**, mesmo que sirva apenas de publicidade, falácia. Como escreve Lefebvre, ao lembrar de que a sociedade moderna passa da escassez para a abundância ao transitar pelas diferenças entre o modo de vida rural e a vida urbana.

A sociedade rural era (ainda é) a da não abundância, da penúria, da privação aceita ou repudiada, das proibições que dispunham e regularizavam as privações. A sociedade rural foi aliás a sociedade da Festa, mas este aspecto, o melhor deles, não foi retido, e é ele que é preciso ressuscitar e não os mitos e os limites!(LEFEBVRE, 2001, p. 107).

Assim, a festa, operacionalizada pelos *buffets*, apresenta na cidade um excesso disfarçado, uma modulação, que orienta uma paródia, um novo atributo ao consumo antes destinada aos templos tão bem estudados como por exemplo *shoppings centers*, supermercados. A necessidade do estudo dos *buffets* implica orientações que a Geografia deve assumir enquanto tema, discutindo assim o uso e a produção desses espaços.

Trata-se então de encarar a transdução da festa, a lógica do possível, um olhar que afirme e recupere a possibilidade que a festa urbana perdeu, levando em conta os fatores e contextos sociais¹³. A festa urbana se desfaz do estilo, empacota-se em

¹³Ao relatar os estudos sobre festividade, Amaral revela: “Tais estudos, se servem como documentos por seu caráter minuciosamente descritivo dos eventos em si e no momento em que se realizam, poucas vezes apresentam a preocupação com o registro dos contextos sociais e econômicos em que ocorrem”(1998 p.23).

vitruines ostentatórias, embora não afirme nenhuma aproximação com a natureza e apareça enquanto artifício.

Ela aparece indisposta à apropriação e a prodigalidade. E é assumindo sua transdução, sua possibilidade, capturada ou não, que esse trabalho recupera os processos transformativos e possíveis de realização do homem. Nesse sentido, fica indisponível um envolvimento com a teoria durkheimiana e a impossibilidade, em um primeiro momento, de dialogar¹⁴ a favor da festa. A edificação desse estudo corresponde a uma realidade a partir, primeiramente, da fragmentação dos modos de festejar, escolhendo uma modalidade que se prolifera e se expande: as modalidades erigidas pelos *buffets*. Assim, o tema se apresenta no cotidiano repetido de movimentos sem charme e onde o triunfo se realiza no consumo de bens e serviços que se multiplicam sobre a vida diária – aliás, bem dito, habilidade ilimitada da atividade produtiva¹⁵.

A princípio, o que pontuamos é a ideia de que não temos pelos prazeres festivos nenhuma depreciação ou suposta negação desses momentos. Pelo contrário, as festas e os rituais são importantes ao desenvolvimento do convívio humano e inerente aos laços afetivos implicados à reprodução da vida e à manutenção dos modos de existências, sem eliminar a sua possibilidade de movimento contraditório, fantasioso e contestador¹⁶. É na festa que se encontra uma possibilidade transformadora, inebriante, algo do que não se tem notícia. Alguns

¹⁴ Desse modo, é preciso reconhecer as condições teóricas de Émile Durkheim, suas influências e limitações, a fim de saber sob qual “olhar” teórico estamos aptos a analisar os registros e contextos sociais, históricos e econômicos. Sobre Durkheim “é seu método positivista que permite legitimar constantemente, através de argumentos científicos-naturais, a ordem (burguesa) estabelecida”(LOWY, 1987, p.29).

¹⁵ Temos registros de que atualmente existe em São Paulo a presença de um “*Buffet Internacional*” compreendendo um espaço sofisticado que atendem a demanda de classes sociais que podem participar dessa modalidade de consumo dentro da cidade. The Factory Internacional *Buffet*. Rua Dr. Renato Paes de Barros, 804 – Itaim Bibi – São Paulo/SP. Tel.: (011) 30795524. www.thefactorybuffet.com

¹⁶ Festas estavam também ligadas a manifestações políticas em que certas negociações ganhavam notoriedade. O que se entende é que festas em determinados períodos históricos aparecem num movimento **aparente** de negação da ordem estabelecida e afirmação de gozo que pressupõem. A negação da ordem imposta, como também a eclosão das revoltas a partir de práticas festivas, aparece num artigo de Rodrigo Figueiredo intitulado “*A revolta é uma festa: relações entre protestos e festas na América Portuguesa*”. Nesse artigo o autor elabora relações entre as festas, as ocasiões de celebração e a natureza política dos protestos na tentativa de outros mecanismos de negociação coletiva. Figueiredo ressalta: “Tratava-se de cumprir certos passos que conduzissem ao estado de revolta em que, desde então, as negociações não podiam mais ser proteladas, sob o risco grave do descontrole político generalizado. Decisivo na elaboração desse recurso eram os ritos que a coletividade praticava, ritos muitos deles que se repetiam a partir da experiência política do reino em diferentes partes do império. Eram movimentos carregados de teatralidade que cumpriam a função de demonstrar, claro, insatisfação, mas, sobretudo, um **aparente** estado de desordem.” (2001, p.264 – grifo do autor) É precioso, neste trabalho, reconhecer as transformações das festas, assim como sua produção enquanto mercadoria, e a significação para não perder de vista as correspondências que fazem delas, atualmente, um sintoma do nosso tempo.

autores¹⁷ deixam claro que o Brasil possui uma característica positiva, afirmando um momento criativo, integrante e integrador enquanto rituais preenchidos pela carga simbólica.

O espaço é um aspecto fundamental para entender a atuação das empresas de *buffet*. Seu funcionamento, é o ponto de partida para a análise do cotidiano da metrópole em que tais serviços estão à disposição de seus habitantes, proporcionando, assim, uma possibilidade de acesso e, principalmente, de consumo. Procuramos compreender os *buffets* enquanto formas comerciais que, enquanto ramo de atividade dos serviços, permite (ou não) o acesso a tais lugares (do comércio). A atividade desenvolvida será analisada sob dois aspectos fundamentais: o primeiro está vinculado a acumulação do capital, enquanto o segundo aborda a reprodução da sociedade vista pelas novas possibilidades de consumo no contemporâneo. Esse último aspecto é preenchido pela ideia de um cotidiano que se assume como programado em que o consumo aparece abastecido pelas mensagens publicitárias no convite à realização das compras.

Para tanto, temos um percurso que se dá na atuação de um ramo de atividade do comércio, em um cotidiano que norteia sua consolidação. Dessa maneira podemos perguntar: Como a realidade cotidiana preserva a atuação e o funcionamento dessas empresas? Sob quais condições as festas são geradas nos ambientes de *buffet* no cotidiano da metrópole paulista?

A contribuição teórica de Henry Lefebvre compõe nossos passos. Os estudos sobre o cotidiano aparecem na cidade de Paris na década de quarenta no livro *A vida cotidiana no mundo moderno*. Lefebvre conduz sua leitura sobre o cotidiano que se apresenta programado, impondo transformações para a vida diária. Esse cotidiano tem caminhos que encerram a previsibilidade no ambiente citadino, inscrevem os atos diários em movimentos repetitivos e na esfera de consumo. Mas o autor também aponta possibilidades de superação de um cotidiano dirigido e abastecido pela ideia de consumo¹⁸. Nesse sentido, sua contribuição para nossos estudos emerge na apresentação do cotidiano e na sua transformação. É de se reconhecer a aproximação ao surrealismo na superação do ordenamento racional, bem como dos desejos e da irracionalidade que Lefebvre resguarda em seu

17 Ver DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis - Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

18 O autor oferece a ideia de Sociedade de Consumo Dirigido.

pensamento. A produção do referido autor traz a preocupação pela transformação da vida cotidiana em que a cidade parece reservada à presença do trivial e confinada à programação mais preocupados em condicionar ao invés de liberar.

Os *buffet* são formas espaciais visíveis nas ruas das cidades e, dessa forma, é possível encontrar em alguns bairros uma quantidade grande que é facilmente reconhecida. A quantidade e expansão desses serviços revela sua importância na realidade urbana. As fachadas coloridas revelam o tipo de *buffet* e o grau de sofisticação empreendido nas suas formas da paisagem urbana.

O urbano revela em que condições a vida em grupo acontece e, desse modo, analisamos a existência dos *buffets*, o que, de certa forma, revela como seus habitantes se relacionam com a festa.

A utilização desses espaços por seus habitantes acontece na medida em que festas e eventos não chegam à rua, pelo contrário, a partir da instalação e do funcionamento dessas empresas, tem-se um direcionamento sobre “novas” possibilidades de acesso a lugares para consumo temporário. Assim, o acesso a esses lugares aparece mediado pelo papel desempenhado pelos profissionais dedicados a tal ramo de atividade. O tempo da festa é guiado pelos “mediadores” e o significado do ritual se inscreve no tempo da produção. A seguir tal pensamento, somos convidados a penetrar os espaços da vida diária em um cotidiano que se assume pelo tempo programado que define a hora e o modo de uso de espaços privados.

A ideia desse trabalho decorre da seguinte aproximação: como estudar a expansão dos *buffets* a partir do cotidiano da metrópole? A princípio, consideramos a festa no significado que se adquire para as empresas, pois essas assumem o papel de fornecer no espaço um lugar em que a festa torna-se uma possibilidade de lucro, cuja busca guia a expansão dessas atividades no final do Século XX.

Ao analisar os *buffets*, somos convidados a responder as seguintes perguntas: Como podemos entender a oferta do espaço para a realização de festas? Sob quais condições podemos entender a maneira que os habitantes da metrópole se relacionam com a festa no século XXI? Como ocorre a distribuição dos *buffets* na área analisada?

O TERMO “BUFFET”

A situação construída me interessa quando ela obedece a um máximo de espontaneidade e realça mais a invenção imediata do que a decisão premeditada.

Michel Onfray

A cidade de São Paulo possui diferentes lugares para festas, uns mais sofisticados, outros menos. O lugar de realização media os significados entre as pessoas, reitera os laços coletivos do ritual que crava suas marcas em meio à passagem do tempo. É nesse sentido que, ao incidir sobre festas, estamos reconhecendo as variações que tal palavra suscita buscando entender como os serviços de *buffet* aparecem enquanto “negócio”.

Somos convidados para o jogo do capital, aos estímulos recebidos em nome da rentabilidade que essas atividades estão envolvidas. Nesse contexto, problematizamos o papel dos *buffets* enquanto **lugar do consumo**.

Os *buffets*, enquanto espaço de realização de festas, introduzem profissionais do ramo em que a especialização do trabalho, como também dos produtos utilizados (bolos, doces, salgados etc.), marcam a investida nessas atividades. O trabalho desenvolvido gera especificidades, e um ponto elementar é admitir as relações mediadas pelos prestadores de serviços com o contratante a partir da relação cliente/consumidor.

Um exemplo faz dessa relação um indicativo para análise das empresas de *buffet*. Festas e eventos foram e ainda são realizadas em casa, ou seja, no espaço doméstico, mas com a proliferação desses serviços os rituais têm a possibilidade de penetrar um outro espaço, o espaço do mercado. Nesse sentido, as empresas conferem significado próprio e exclusivo na produção de eventos que antes pertenciam à intimidade das famílias. Aniversários, casamentos eram organizados de modo artesanal envolvendo seus membros, o que se traduz por um ritual que se estendia por um período longo de preparação e execução. O artesanato da festa cumpria as funções de reforçar laços de parentesco dentro da estrutura familiar¹⁹. Nos ambientes da casa a intimidade dos familiares é fortalecida pelas atividades do dia a dia, o ambiente trata logo de trazer as memórias dos membros em nome do

¹⁹ Durante nosso trabalho de iniciação científica apresentamos considerações sobre o deslocamento da festa que se inscreve no espaço do *buffet*. Oferecemos naquele trabalho a proposição que ligava os rituais aos ambientes domésticos com o nome : “Da casa ao *buffet*”.

tempo passado. Os produtos comprados para serem consumidos no interior da casa por ocasião dos ritos domésticos (aniversários, casamentos, batizados, confraternizações etc.) são transferidos para um local exterior, impessoal, controlado. O lugar da festa, a partir dos *buffets*, é mediado pelos promotores do evento e assumido como espaço do comércio que separa os produtos de seus consumidores. O *buffet* introduz, também, pessoas alheias à intimidade da família – por exemplo, garçons, monitores etc.. A dinâmica da festa, ao entrar em espaços qualificados, prontos, exhibe, de toda maneira, relações de uso do espaço privado levado a cabo o acesso pago à ocasião do evento personalizado.

Foi deixado para trás o tempo das festas comunitárias, chegaram os empresários que as converteram em festas para os outros. São separados os espectadores dos atores e é entregue a profissionais a organização dos divertimentos. Em vez dos encarregados ou administradores, um grupo de técnicos prepara o cenário, os auto-falantes, a iluminação, a colocação do espetáculo em cena. (CANCLINI, 1983, p. 125)

No seu livro *As culturas populares no capitalismo*, Nestor Canclini busca compreender o processo de mercantilização das culturas populares e investiga em um horizonte bastante complexo, a produção de festas populares no México no final da década de 1970. O livro ajuda a compreender as manifestações populares inseridas numa orientação mais singular de movimento coletivo. A ideia de analisar festas populares denuncia outras lógicas de orientação entre os membros da comunidade; assim, nesse trajeto o autor revela aspectos norteadores do processo de mercantilização das culturas em que são geradas como “modelos mercantis urbanos”.

As festas parecem hoje ligadas à sua própria especialização, que amplia a investida de profissionais²⁰. Presas ao *buffet*, possuem toda a gestão dos seus promotores que se comprometem com a ocasião confiando ao seu comprador os mais sucintos detalhes. Sendo assim, perguntamos: os *buffets* oferecem modelos de festas em São Paulo que poderiam ser chamados de *modelos mercantis urbanos*?

20 Nos ambientes de *buffets* é cada vez mais comum a presença de profissionais nem sempre próximos à festa, como, por exemplo, cabeleireiro, nutricionista, babás etc. Entre outras coisas, a festa também possui, agora: área baby, camarim, ar condicionado, discoteca, gerador próprio, quadra de futebol, circuito interno de TV, arborismo, entre outras coisas.

A definição do “*buffet*” é importante, de modo a entender quais são os serviços oferecidos e como são prestados. Recorremos, primeiramente, ao Dicionário Etimológico²¹ para verificar sua construção/origem e encontramos²²: a palavra “*buffet*” é de origem francesa porém incerta. Seu significado está relacionado à mesa, aos alimentos colocados e servidos na ocasião das refeições, encontros etc.

O emprego do termo *buffet* merece ressalvas desde já, uma vez que temos todo um percurso na análise do que venha a ser o funcionamento na proposição de uma modalidade de serviços. Esse termo, como mostrado acima, na consulta de sua base etimológica, traz o sentido de servir alimentos e/ou refeições. Nesse sentido, seu significado está ligado ao ato de servir, que conta com elementos que não se coloca enquanto prática comercial, ou do comércio, uma vez que em casa podemos servir alimentos aos nossos amigos, vizinhos, o que de certa maneira consagraria a existência de um *buffet* e não que, com isso, estaríamos disposto a uma rentabilidade, um ganho. O ato de servir, de oferecer algo destinado a alguém, extrapola o sentido comercial, a lógica do valor. Uma definição do termo “*buffet*” aparece em uma publicação do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e nos ajuda:

Este tipo de atividade é caracterizado pela prestação de serviços de iguarias e bebidas em casamentos, festas, coquetéis e outras reuniões, podendo ser fixo ou volante. A produção de alimentos (bolos, doces, salgados em geral, sanduíches, pratos quentes e frios...) no próprio estabelecimento para serem servidos em salão próprio ou de terceiros não faz do *Buffet* uma indústria para fins de legislação ambiental. O que normalmente acontece nestes casos, é que o *Buffet* adquire produtos industrializados ou não, de terceiros, para revenda. Desta forma, o *Buffet* atua na produção quando utiliza produtos de sua própria fábrica para servir nos eventos para os quais é contratado, e como revendedor quando comercializa produtos industrializados ou não e adquiridos de terceiros (SEBRAE, Manual Comece Certo, n. 13, p.24).

A definição acima foi publicada pelo Sebrae em um manual que ajuda os interessados no ramo de *buffet*, sendo que tal produção contribui para a investida nessas atividades entre micro e pequenas empresas. O material publicado pelo Sebrae é de extremo valor, contribuindo com significativo avanço para a discussão. O que é de supor que estamos construindo um caminho de análise, uma vez que a

²¹ Fonte: Dicionário Etimológico www.etymonline.com

²² (*Buffet* “Table 1718, From Fr. *Buffet* “bench”, of uncertain origin. Sense extended 1888 to “meal served from a *buffet*”).

bibliografia sobre *buffet* é extremamente escassa. Assim, com a ajuda da definição acima, compomos quatro elementos que formam o conceito e engrenam as atividades de *buffet*:

- o *Fixo* (Com espaço fixo para realização de festas e eventos)
- o *Volante* (Atuam em casas dos clientes, por exemplo.)
- o *Industriais* (Atuam na fabricação dos alimentos e/ou bebidas)
- o *Empresas* (Prestadores de serviços; revendem produtos obtidos com terceiros.)

Tratamos nesse trabalho de entender os *buffets* enquanto empresas e para isso delimitamos aquelas que carregam nas vitrines e fachadas esse termo. Após indicar as quatro diferenciações acima, é preciso especificar nosso campo de análise e indagações. Assim, estamos fazendo uso do termo *buffet*, cada vez mais usual, no seu caráter fixo (com lugares definidos para os eventos, festas etc). Ou seja, nesse trabalho não temos por objetivo penetrar nas suas diferenciações, mas sim nos indagar sobre a existência dos *buffets* e sua característica fixa, assim, fornecendo aos clientes e consumidores um espaço pronto, qualificado.

Os serviços de *buffet* possuem uma característica fixa ou volante. Oferecemos abaixo um esquema para visualizar sua orientação nas atividades, tendo em vista o espaço de atuação. Este quadro serve, a princípio, para retomarmos futuramente a problemática espacial na realização de festa no que se refere ao consumo e ao local.

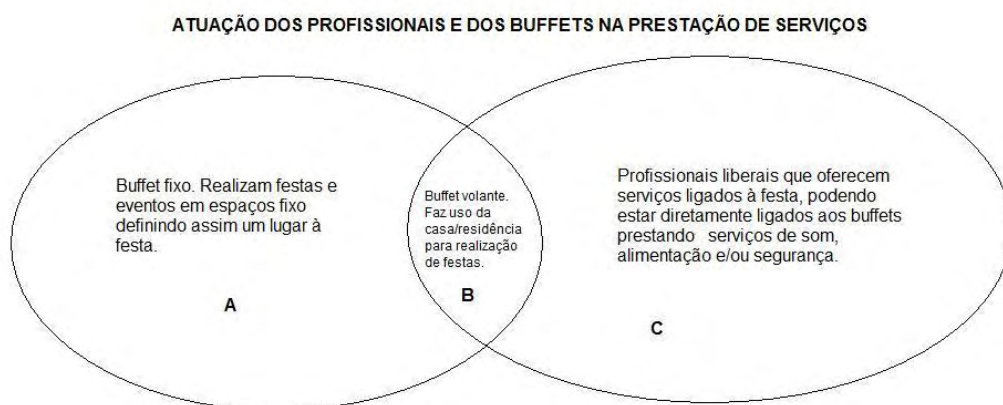


Figura 1 – A atuação dos *buffets*, rede de serviços e o espaço.

O quadro acima evidencia a atuação de empresas para a realização de festas e eventos, sobretudo a partir do local em que se realiza. O que podemos inferir dele é a mobilidade que os *buffets* e os profissionais do ramo (que muitas vezes atuam de forma autônoma) possuem em relação ao serviço prestado. Essa mobilidade, trânsito, é oferecida para o evento em que o “serviço” se desloca para satisfazer as necessidades dos clientes (*Letra B do quadro*). Mas a característica volante não é praticada por todos os *buffets*, reconhecemos, então, que prestam serviços apenas em seu próprio espaço (*Letra A do quadro*). Ainda assim, admitimos a existência de agentes autônomos de festas, podendo ou não estarem ligados a esse tipo de empresa, que orientam e prestam serviços parciais. Os trabalhos autônomos são contratados pelos *buffets*, mas não reservam nenhuma dependência do serviço prestado, seja pela produção doméstica dos salgados e doces, pelos equipamentos de som e iluminação e até mesmo pelos seguranças/monobristas (*Letra C do quadro*).

O evento nos espaços das empresas de *buffet* ganha um sentido de celebração, de marcação de um tempo de passagem. Compreendemos, então, as empresas de *buffet* na proposição de eventos e festas que ganham significados a partir dos ritos de celebração, como por exemplo – festas de quinze anos, bodas de casamentos etc. Nesse sentido, as condições de uso desses espaços estão ligadas aos significados que estão em jogo pelos participantes que “requerem” sua utilização. Diante disso, admitimos os eventos em *buffets* enquanto práticas dotadas de significado inerentes à vida e aos contornos da prática social.

Os *buffets*, ao construírem um espaço, exibem um ambiente personificado onde vincula a casa ao evento, misto de exagero e artifício. Dessa maneira a festa em ambientes especializados não perdeu vínculos evidentes com o uso do espaço doméstico, mas é de se supor novas especificidades, como, por exemplo, a abertura da intimidade familiar com a presença de profissionais (monitores, recreadores, garçons, seguranças etc.) e a personificação do lugar.

AS FESTAS NO COTIDIANO DA METRÓPOLE

O cotidiano da metrópole é o plano explorado para análise do papel dos *buffets*. A festa adquire caráter fortemente privado, exclusivo e seletivo na realização da vida cotidiana e se revela diante de uma possibilidade de uso desses espaços.

É no cotidiano da metrópole que a festa penetra um espaço e um tempo próprio e, nesse processo, a repetição e a previsibilidade se encontram. O cotidiano indica para nós a existência de um tempo produtivo, racionalizado, que integra a festa, o tempo da produção, exigindo assim um espaço próprio onde ela se repete e marca fronteiras, com seus muros e segurança, aos aptos a participarem dela. A proposição desses serviços acontece sobre o vivido, sobre o momento de diversão que encerra, em muitos casos, uma ausência de crítica e uma afirmação positiva²³, traduzindo-se muitas vezes num imediatismo congruente, um ingrediente para o espetáculo.

O tema, desse modo, comporta o entendimento da produção social da festa fazendo uso de dispositivos teóricos para uma contribuição sobre o modo de vida urbano na metrópole. Assim, se faz presente uma atenção aos espaços privados preparados para o uso e realização de festas e confraternizações. O crescimento desses serviços no final do século XX revela um campo de investimentos na busca pela satisfação e consolidação submissos à reprodução do capital. A satisfação com a festa leva em conta os detalhes de sua padronização traduzidos pela organização desse espaço especializado²⁴.

As mensagens para o consumo, reflexo das vitrines, anúncios e propagandas, norteiam os passos dos habitantes impondo lógicas de comportamento que se realizam na vida urbana²⁵. Misto de miséria e riqueza, o cotidiano é abastecido pelas possibilidades de consumo assumindo a festa pelo rigor das atividades gerenciadas pelos profissionais. O que a consagra nas modalidades oferecidas pelos *buffets* é a

²³ A palavra positiva revela um apego aos pontos “fortes” exibidos e cultuados; nos fala da exaltação do ego na sua individualidade exacerbada; dispõe sua redundância na carga nobre de sentido satisfatório encarnado pelos níveis de consumo e qualificação existencial pela estética das mercadorias e marcas. Acima de qualquer suspeita, elimina-se as contradições em jogo em nome do positivo; do prestígio às imagens de sucesso.

²⁴ Existe na cidade de São Paulo a ASSEBI – Associação das Empresas de *Buffet* Infantil (Ver <http://www.assebi.com.br>). Uma das formas de atuação dessa Associação foi a Organização do 1º Congresso Brasileiro de *Buffets* Infantis em 2008. (Ver <http://www.congressodebuffetsinfantis.com.br/>)

²⁵ “Tudo se passa como se as pessoas não tivessem nada para dar um sentido à sua vida cotidiana, nem mesmo para se orientar e dirigi-la, posta de lado a publicidade” (LEFEBVRE, 1997, p.92).

realização da vida diária capitalista, inclinando o uso dos espaços na cidade na sua forma privada, seletiva, inscrevendo os recursos e estratégias na efetivação da mercadoria-festa que reina diante dos laços e significados coletivos.

Estudiando la via cotidiana, lugar de este cambio: necesidades programadas, práctica modelada por manipulaciones, pero también (matéria) y subproductos que escapan a los poderes y formas que imponen sus modelos. Lo cotidiano es ambigüedad por excelência: satisfacción y malestar, trivialidad y aburrimiento bajo la resplandeciente armadura de la modernidad (LEFEBVRE, 1978, p.9).

Festas inscritas no cotidiano, que nem aos poucos se separam, são tomadas pela repetição e inserção em atividades profissionais que promovem o consumo desses ritos. Mesma que travestida, a efetivação do cotidiano pobre, previsível e programado dá lugar a uma festa personificada que esconde suas limitações – ominoso lugar moderno das experiências. Os dispositivos de interpretação nos conduzem diante de um tema nebuloso que reserva contradições e para isso uma dialética do cotidiano – trabalho e festa, kronos e kairós.

O que se coloca em jogo é a renúncia à livre interpretação dos usos dos espaços sem um conteúdo crítico que firme compromisso com uma análise sobre sua produção espacial, reconhecendo os atores e as dinâmicas da vida moderna. O tema leva ao entendimento das relações de produção capitalista vistas sob a construção de espaços disponibilizados. O modo de produção capitalista reitera o espaço na lógica do valor definindo, assim, as orientações de produção e consumo do espaço diante da propriedade privada do solo urbano. Assim, à luz do entendimento dos caminhos e rumos da vida diária, penetramos no seio das atividades de serviços na metrópole, reconhecendo o papel do espaço da festa e o seu uso.

Os serviços de *buffets* oferecem modalidades de festas em que o excesso é orientado previamente. Sua logística é viabilizada na assinatura do contrato de prestação de serviços por meio do número (potencial) dos participantes, induzindo as condições de preparo e montagem da decoração. O excesso oferecido por essas empresas se ressignifica, o que seria, por assim dizer, uma “*modulação do excesso*”?

Trata-se da leitura do cotidiano verificando sua artificialidade e exagero implícito a festa, reconhece o que faz dela supostamente uma paródia. Ela encontra-se

renegada às empresas, impossibilitando qualquer ruptura e assumindo seu momento e seu espaço na lógica de valor. Assim, sob o pilar da cotidianidade o tempo da festa nos *buffets* insere-se no programado, no tempo da produção, garantindo a exigência de um espaço cuja função se reserva ao festivo. Seria essa *modulação do excesso* restaurador do equilíbrio, do controle e da programação? A edificação desse tema se torna possível na medida em que a vida diária emerge da racionalidade em que os domínios da vida são cada vez mais introduzidos ao produtivo, ao necessário e ao elementar. Como indica Seabra “descobre-se, assim, que o momento racional é portador de uma racionalidade mais ampla, capaz de expropriar o sonho, o prazer, o corpo, e que essa expropriação é inerente às relações, não podendo ser ignorada” (1996, p.73).

O que norteia o entendimento do espaço são os usos que compõem a vida diária para a celebração de um ritual inerente aos laços e convívios humanos efetivados por uma modalidade de festa em ambientes de *buffet* regidos e cativados pelos profissionais cada vez mais aptos e performáticos. Assim, como destaca Seabra (1996, p.76), “logo, a indagação que se segue diz respeito ao entendimento do nível de existência social que suporta estes processos, ou seja, o do cotidiano”.

Para o entendimento do espaço urbano é necessário considerar elementos que preencham o cotidiano e indiquem a festa urbana especializada. A repetição e a previsibilidade que orientam essa modalidade de festa carregada de satisfação e benquerer, se confunde com a ausência e entrega pacífica dos consumidores escolhendo seus “kits de festas” rodeados de limitações, sendo as mais importantes são o tempo e o espaço. Mas é no plano do vivido que essas categorias são empregadas na festa, na concretude do momento e na produção mercantil desses eventos, cuja performance contagia e legitima uma orientação de gozo simplista. Nas palavras de Marx:

No fetichismo, por exemplo, vê-se até que ponto a solução dos enigmas teóricos é uma tarefa da prática, uma tarefa cuja mediação é a prática, até que ponto a verdadeira prática é a condição de uma teoria positiva efetiva. (1978, p.186)

Os profissionais compartilham entre os membros da festa, que freqüentam e reconhecem ali a sua importância e especialização, seu sistema de regras e os detalhes da produção. Experimentada no corpo, ela envolve um sentimento de

apropriação, do “fazer” que com todo risco de simplificação pede mais; e esse “mais”, o *buffet* pouco pode fornecer reconhecendo os limites de empresa preocupada com ganhos e indisposta às formas alternativas do celebrar e à apropriação que ela exige. Há nos *buffets* uma intimidade sem traquejo onde os significados mais profundos ficam em segundo plano, “faz de conta”.

O cotidiano, assim, se revela pleno de significado e os momentos festivos são passíveis de uma análise sobre o ramo de atividades e serviços que tal prática suscita. Mesmo com distanciamento metodológico e não distante das críticas ao pensamento lefebvriano, Mafessoli (1996) aponta o conteúdo dos momentos diários na análise científica:

Sem que seja possível se estender aqui, pode-se dizer que o fato culinário, o jogo das aparências, os pequenos momentos festivos, as deambulações diárias, os lazeres, etc. não podem mais ser considerados como elementos sem importância ou frívolos da vida social (p.27).

Dessa maneira, esse tema se estrutura pelo tempo fora do trabalho, entregue ao descanso, mas não alheio ao cotidiano, ao jogo da produção e o consumo das mercadorias que devolve esse tempo à produção²⁶. O tema, caro a sociólogos, filósofos, antropólogos, é endereçado à amplitude e aos debates postos em condição, o espaço e a realidade da cidade aprisionada pelos espaços vigiados; metrópole refém de um uso limitado.

A festa é conduzida pelos anúncios de possibilidade de gozo e de eventos coletivos tipificados. Para nós há necessidade desse “excesso” resplendor do equilíbrio e da ordem que preserva e reproduz o cotidiano sem mudança, impelido pelo gozo e pelo artifício que se consagra. Uma tese deve ser considerada: festa nos ambientes de *buffets* encerra **uma modulação ao excesso**, que faz preservar o cotidiano na metrópole. Tomando a cabo a predileção pelos *buffet*, os habitantes perdem a capacidade criativa de apropriação da festa, de um tempo e de um espaço repleto de possibilidade de vir a ser²⁷. O aproveitamento das empresas de *buffet* compromete os momentos indispensáveis ao homem que inevitavelmente se rende

²⁶ Trata-se, sim, de que, na expansão do tempo livre, aquilo que se deveria realizar como ócio é apropriado pela reprodução social como força produtiva (ALFREDO, 2006, p.64).

²⁷ “As necessidades urbanas específicas não seriam necessidades de lugares qualificados, lugares de simultaneidade e de encontros, lugares onde a troca não seria tomada pelo valor de troca, pelo comércio e pelo lucro? Não seria também a necessidade de um tempo desses encontros, dessas trocas? (LEFEBVRE, 2001, p.104).

à otimização dos serviços na produção e reprodução da festa que se torna repetição do mesmo.

Em sua trivialidade, o cotidiano se compõe de repetições: gesto no trabalho e fora do trabalho, momentos mecânicos (das mãos e do corpo, assim como de peças e de dispositivos, rotação, vaivéns), horas, dias, semanas, meses, anos, repetições lineares e repetições cíclicas, tempo da natureza e tempo da racionalidade etc. (LEFEBVRE, 1997, p.24).

Nos *buffets*, a festa é encantada por falsos brilhantes – ação positiva sobre a animação social e econômica –, conteúdo de privação e de repetição que exige olhares atentos e rigorosos, uma análise crítica com teor disposto e preocupado com a apropriação e obra (da festa), o que remete ao pródigo e à sua possibilidade. O limiar da festa na sua produção repetitiva e empresariada, desperdiça a rua e ganha contornos isolados, seletivos, e fronteiras vigiadas, limitando o uso²⁸. A vida cotidiana nas palavras de Lefebvre:

Ela impõe a abstinência, o ascetismo, chegando, pelo caminho ideológico, a fazer crer que a privação é mérito e plenitude. Seus “valores” e suas estratégias exigem disciplinas e opressões que se exercem até mesmo entre eles (LEFEBVRE, 1997, p.156).

O estudo da vida cotidiana leva ao entendimento dos atos diários e dos momentos fora do trabalho e da fábrica. Assim os contornos da vida diária e o modo de vida urbano acontecem na ampliação do *estilo de vida*²⁹ em que o novo, o provisório e o descartável modelam a vida e a ampliação das esferas de consumo.

A seguir, apresentamos no próximo capítulo o crescimento e a história do bairro de Moema na qual é possível vinculá-lo a urbanização da cidade e ao processo de redefinição das características da vida no bairro a partir da sua relação com a festa e aos serviços de buffet.

²⁸ “Dentro da estrutura de uma civilização concentrada na segurança, mais liberdade significa menos mal-estar. Dentro da estrutura de uma civilização que escolheu limitar a liberdade em nome da segurança, mais ordem significa mais mal-estar.” (BAUMAM, 1998, p.9)

²⁹ Tomamos emprestado a definição de *estilos de vida*, como: “retradução simbólica dos modos de existência” (BOURDIEU, 1983).

CAPÍTULO 2

O CRESCIMENTO DE MOEMA/SP.

A história dos bairros de Moema e Indianópolis é fundamental para o entendimento de modos distintos de sociabilidades inerentes aos momentos festivos. O desenvolvimento temporal das relações de sociabilidades consagradas pelas festas é um desafio à manutenção da pesquisa e ao corpo conceitual e metodológico aplicado, que neste capítulo resume-se a descrição, levando em conta observações, levantamentos e dados sobre a realidade. O entendimento do local, da vida nos bairros, necessariamente, passa pela reconstituição e compreensão de sua história e de sua inserção na metrópole desvendando condições de uso do espaço.

No início do século XX, Moema³⁰ não existia e as ruas eram de terra, por onde passavam charretes de moradores e vendedores de leite e verduras. O bairro, antes de ser fundado, nada mais era que uma simples parada de bonde ligando o centro da cidade e núcleos mais afastados, como o de Santo Amaro. O surgimento de pequenas vilas e povoados no setor Sul da cidade localizado nas proximidades das linhas de bonde impulsionou o crescimento e a expansão populacional na região. Segundo Azevedo, “os primeiros loteamentos surgiram à margem da linha de bonde da ‘light’, deles resultando a formação de dois núcleos urbanos de maior importância: Indianópolis e Brooklyn Paulista” (AZEVEDO, 1958, p.287).

Entre 1883 e 1886 teve início a construção dos trilhos de bonde a vapor que facilitavam o transporte e a mobilidade da cidade em formação. Como nos mostra Horta³¹:

Em 1906, esses bondes elétricos da The Sao Paulo Tramway Light and Power Company, de origem canadense, chegam para alterar de forma surpreendente todo o panorama da cidade, particularmente o bairro – cujo nome era ainda Indianópolis –, que ficava a meio caminho, entre a Praça da Sé e Santo Amaro (2007, p.32).

³⁰ O primeiro povoado do qual se tem notícia nessa região – que era composta por várzeas e terrenos alagadiços, com várias chácaras às margens de pequenos córregos que desaguavam no próprio rio – começou a se formar em 1882, constituído por imigrantes ingleses e alemães. Eram operários que vieram para trabalhar na construção da estrada de ferro São Paulo-Santo Amaro (HORTA, 2007, p.26).

³¹ Autora do Livro *Moema Histórias, Pássaros e Índios* que retrata a história do bairro, ela ainda participou da presidência e secretaria da AMAM – Associação dos Moradores e Amigos de Moema.

Em 1913, o comerciante Fernando Arens Júnior³², diretor da Companhia Territorial Paulista (CTP), considerado o fundador do bairro, vendeu terrenos no litoral paulista para comprar o Sítio da Traição, porção de terra com 182 alqueires, localizada a oeste da Vila Mariana e que abrangia, ainda, os limites do bairro de Jabaquara e Indianópolis (hoje Moema). A área ficava entre os Córregos Uberaba e Traição. O primeiro percorre o trecho correspondente, hoje, às Avenidas Jabaquara, Indianópolis, República do Líbano, Jauaperi e Hélio Pelegrino. O outro leito está sob a Avenida dos Bandeirantes.

O surgimento de casas nesta região é impulsionado pela chegada de imigrantes e pelo crescimento de manchas urbanas³³ mais distantes do centro da cidade. Como relata Azevedo, “a ampliação dessa reduzida área urbana processou-se através do retalhamento das chácaras próximas, embora sem obedecer a um plano diretivo” (1958, p.85).

A gênese dos bairros da região Sul³⁴ leva em conta as vias de circulação na qual se inscrevem as linhas de bondes que facilitavam o fluxo entre áreas afastadas.

Com a instalação da via férrea na região e a facilidade de locomoção que os bondes trouxeram, começam a aparecer, ainda no início do século XX, os primeiros núcleos urbanos ao longo do caminho, surgindo vários loteamentos onde existiam somente sítios e chácaras. A linha férrea era constituída de pedra britada, dormentes de madeira, cerca com mourões, além de trilhos por onde os bondes trafegavam (HORTA, 2007, p.32).

O parcelamento do solo em áreas mais distantes do centro possui os desejos da elite paulista, levando a áreas privilegiadas infraestrutura que permite se desenvolver, em detrimento de outras regiões, por conta das diferenciações que se assumiu no espaço.

³² Horta (2007) apresenta o relato de que Fernando Arens Jr. conseguiu terrenos no litoral Sul de São Paulo em troca de presentes e bugigangas para os índios. Em reconhecimento, e possivelmente por homenagem, escreve a autora, colocou nomes de tribos de índios nas ruas e praças de uma metade do bairro, que permanecem até hoje como uma das características de Moema. Na outra metade, batizou as ruas com nomes de pássaros, pois a região era repleta de espécies da Mata Atlântica.

³³ “*Os primeiros documentos da região são de grandes chácaras que receberam imigrantes ingleses e alemães a partir de 1880.*” (PONCIANO, 2001, p.137)

³⁴ [...] bairros que se assentam sobre colinas de baixa declividade e sobre terraços permanentes pertencentes à vertente esquerda do rio pinheiros (AZEVEDO, 1958, p.287).

A inauguração de linhas de bondes, por tração animal, ligando definitivamente o centro a áreas mais afastadas permitiu que algumas regiões adquirissem uma função residencial urbana. Surgiram os bairros com infraestrutura adequada aos desejos da elite, enquanto outras áreas continuam à margem do progresso urbano. O fato é que São Paulo se urbanizava, seguindo uma crescente estratificação social do espaço. Com a remodelação da área central e o surgimento de bairros nobres houve uma elitização dos espaços urbanos (ASSUNÇÃO, 2006, p.4).

No final do século XIX³⁵, os bairros começam a se desenvolver impulsionados pela economia paulista, ainda presa aos investimentos cafeeiros. Como revela Caio Prado Júnior: “Sobretudo a partir da década de 1880-90, porém, iniciou-se a diversificação de funções e aparecimento, ao lado do velho centro, de bairros operários e de bairros residenciais finos” (PRADO JUNIOR apud AZEVEDO, 1958, p.89).

Em 1915, dois anos após a compra do sítio, a Companhia Territorial Paulista (CTP) começou a demarcação do terreno, e a área foi batizada com o nome em homenagem aos índios, ou seja, “cidades dos índios” – Indianópolis. A CTP abriu uma grande Avenida no Centro da área, que hoje é a Avenida Ibirapuera. Originalmente, a avenida foi batizada como Araci, homenageando a filha de Arens Júnior, que gostava de nomes indígenas.

A expansão do bairro pode ser percebida pelo número de habitantes³⁶ do distrito de Indianópolis, no gráfico abaixo:

³⁵ A partir de 1870, até o início do século XX, a cidade vai conhecer uma enorme ebulição na sua “construção material”, seja na expansão urbana, seja na implantação de equipamentos e serviços, seja na arquitetura. (SOUZA 1994 P.47)

³⁶ Esse movimento fabril começou a atrair e trazer imigrantes para trabalhar nas empresas recém-instaladas. Necessitando de mão-de-obra especializada que não era encontrada no Brasil, a solução foi trazer esses trabalhadores de países com Hungria, Lituânia, Alemanha, Itália, Áustria, Polônia e Rússia, que vieram para dar o toque europeu ao bairro com seus usos e costumes... (HORTA, 2007, p.48)

Crescimento Populacional no Distrito de Indianópolis (1934 -1963)

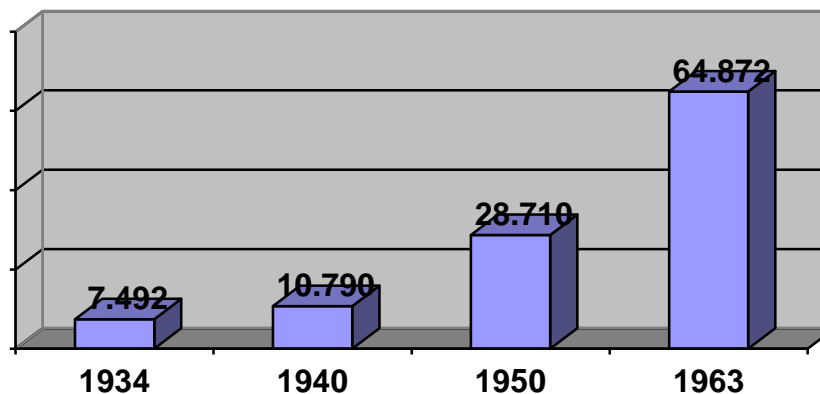


Gráfico 1 – Crescimento Populacional do Distrito de Indianópolis - Fonte: AZEVEDO,1958
Org: SANTOS, R. G. C.

O gráfico acima revela a expansão populacional no distrito de Indianópolis no período de 1934-1963. Em 1934, o número de pessoas que habitavam tal distrito era de 7.492 e, seis anos depois, superou os 10.000 habitantes. Em 1950, o distrito quase triplica, revelando um momento importante para a fixação de residências. Em 1963³⁷, o bairro praticamente dobra de tamanho e a população que vive no distrito beira 65.000 pessoas. Esses dados ajudam a compor a história de construção do bairro na sua expansão e crescimento obtido principalmente depois da década de quarenta. Como sugere Azevedo, “o desenvolvimento de Indianópolis e Brooklyn Paulista teve lugar em a partir da 1940, a exemplo do que se verifica em outros setores da cidade” (1958, p.288).

Na década de 1960, o prefeito Faria Lima decide retirar os bondes, consolidando a urbanização do bairro e modernizando a Avenida Ibirapuera³⁸. Os investimentos do governo municipal propiciaram condições para o desenvolvimento da região, o que aconteceu com mais destaque no período de 1950 a 1970. Como sugere a geógrafa Maria Adélia A. de Souza, ao indicar a procura por terrenos e

³⁷ Moema se caracterizou como um bairro essencialmente fabril por praticamente três décadas, de 30 a 60, quando, então, as empresas começam a mudar para outras regiões da capital, uma vez que as características de bairro residencial começaram a se destacar (HORTA, 2007, p.51).

³⁸ A maioria ficaria surpresa em saber que nessas ruas, praças e parques por onde passeiam caminhando ou em seus carros, motos e bicicletas, existiam índios, sítios, córregos, bosques, chácaras, transitavam trens e bondes, este o único meio de transporte público até a década de 1960, e também funcionaram muitas fábricas nas quais trabalhavam centenas de operários, na sua maioria vindos da Europa. (HORTA, 2007, p.25)

áreas onde seria possível alojar os interesses imobiliários na fixação de moradias e projetos residenciais de grande e médio porte, o que levará certamente, a atingir o bairro de Moema implicando para isso sua verticalização.

Com o decorrer do tempo, é preciso ir cada vez mais longe para encontrar terrenos que sejam bons e relativamente baratos (a pequena burguesia não pode se localizar em edifícios muito distantes do centro). (...) Constroem-se edifícios porque a divisão do espaço, não permitindo mais conquistar terrenos livres (por que estão longe demais), é obrigado a reconstruir zonas para atrair a pequena burguesia para o centro, ou então adensar o que já existia. É esta também a explicação para a verticalização de bairros centrais de São Paulo como Vila Mariana, Perdizes, Pompéia, etc. (SOUZA 1994 p.122.)

Até 1987, embora seus moradores chamassem o bairro de Moema, o bairro era ainda oficialmente conhecido por Indianópolis. O decreto 24.764, assinado em 15 de outubro de 1987 pelo então Prefeito Jânio da Silva Quadros, delimitou o bairro, concedendo-lhe oficialmente o nome pelo qual é conhecido hoje, em que tinha seus limites estabelecidos por: Avenida Santo Amaro, Rua Afonso Brás, Avenida República do Líbano, Avenida Indianópolis, Avenida Rubem Berta, Avenida Moreira Guimarães, Avenida dos Bandeirantes até a Avenida Santo Amaro. Veja na figura abaixo o limite da época, a qual Horta (2007) chamou de “Moema Original”.



Figura 2 – O bairro de Moema e Indianópolis, antes de se tornar Distrito.

No começo da década de 1990, a prefeita Luiza Erundina assinou a Lei que determinava novas extensões ao bairro e, assim, foram agregados à Moema, o Parque do Ibirapuera, Vila Nova Conceição e Jardim Luzitânia. Dessa maneira, Moema foi elevado à categoria de Distrito e seus limites atingiam agora: Avenida Brigadeiro Luís Antonio, Largo do Itaim, Avenida Bandeirantes, Avenida Rubem Berta, Avenida 23 de Maio, Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, Rua Amâncio de Carvalho, Viaduto Tutóia, Rua Tutóia, chegando à Avenida Brigadeiro Luis Antônio. Acompanhe na figura abaixo o, agora, distrito de Moema.



Figura 3 – Moema se amplia e em 1991 e torna-se Distrito

A INFRA-ESTRUTURA DO BAIRRO.

Um dos exemplos relacionados à urbanização do bairro são as políticas públicas empregadas, como, por exemplo, a canalização do córrego Uberaba/Uberabinha cujo assunto foi matéria de destaque no jornal “Gazeta de Moema”, em 1991, que possuía circulação local e era distribuído gratuitamente nos bairros. Como escreve Horta (2007, p.39):

O Sítio da Traição se situava entre os córregos Uberaba – que percorria o trecho que hoje corresponde às avenidas Jabaquara, Indianópolis, República do Líbano, Jauaperi e Hélio Pelegrino, desaguando no rio Pinheiros –, e o Traição, que ocupava toda a área onde está a Avenida Bandeirantes, que também ia desaguar no rio Pinheiros.

Abaixo, a capa do jornal com a manchete exibida na primeira página, no ano de 1991.



Figura 4 - Manchete do Jornal "Gazeta de Moema" de junho de 1991. Em detalhe a liberação da verba, no governo municipal de Luiza Erundiana, para a canalização do córrego Uberaba/Uberabinha.

Na metade do século passado o bairro de Indianópolis sofria um crescimento acelerado por conta da fixação de residentes³⁹ e da instalação de comércio na região. Como revela Azevedo:, “no que se refere a função comercial, nota-se já a

³⁹ E era comum as crianças passarem o dia brincando nas ruas, livres, desfrutando de todos os jogos habituais e brincadeiras da época, jogando bola nos terrenos e campos, pois quase não havia automóveis circulando. Aliás, o mesmo acontecia em toda São Paulo. (HORTA 2007 p.64)

formação de um núcleo de comércio varejista de relativa importância, localizado no Largo de Moema, junto ao ponto de parada da linha de bondes, como também no trecho inicial da Avenida Santo Amaro” (1958, p.290).

O bonde otimizava o fluxo de pessoas uma vez que impulsionava a acessibilidade entre áreas distantes e a instalação de comércios mediante a passagem e o crescimento da região. Desse modo, o mesmo autor aponta que “Indianópolis, Brooklin Paulista e outros bairros menores (como Vila Nova Conceição) caracterizam-se por serem predominantemente bairros residenciais da classe média, embora há poucos anos atrás possuíssem uma fisionomia suburbana” (AZEVEDO, 1958, p.290).

No que se refere ao bairro de Indianópolis, os interesses de ocupação do espaço, aos poucos, atraíam investimentos de construtoras que ampliavam seus investimentos na verticalização do bairro, processo que acompanha áreas vizinhas ao centro, que comportava a elite e a pequena burguesia paulistana e não muito distante trazia consigo redes e lojas de comércio para o bairro. Segundo Maria Adélia: “É importante ainda verificar que Morumbi e Moema, desde 1980 a 1986, conhecem um processo crescente de verticalização, ou seja, os lançamentos aumentam em número, ano a ano, declinando apenas em 1987.”p.134

Como acrescenta Horta:

Por volta de 1968, as construtoras começam a vislumbrar essa, que ainda era conhecida pelo nome de Indianópolis, como uma das grandes principais e mais promissoras áreas da cidade para seus futuros empreendimentos em prédios residenciais e comerciais. Essas empresas passam efetivamente a investir no bairro, erguendo os primeiros edifícios, dando início à verticalização de Moema, que trouxe um novo aspecto para a região. Na verdade, as construtoras iniciaram a aquisição de terrenos alguns anos antes, e só aguardavam a permissão da prefeitura para dar início à construção de prédios mais altos. Como o bairro era ainda considerado subúrbio, os terrenos planos, bastante amplos, eram adquiridos por preços muito baratos. A partir dessa época, Moema deixa de ser um bairro tranquilo, apenas com casas térreas, sobrados e pequenos prédios, com no máximo três andares, e ganha a condição de um bairro verticalizado, com edifícios de alto padrão (2007, p.75).

Um registro que atesta o investimento do setor comercial no bairro pode ser entendido pela inauguração do Shopping Ibirapuera, em 1976. Ele contribuiu para a instalação de lojas no bairro, pois produziu centralidade e aos poucos as mudanças

no seu entorno foram sentidas, consolidando investimentos no ramo de comércio e serviços hoje reconhecidos, em muitos casos, com alto grau de sofisticação⁴⁰.

A evolução do bairro de Moema é entendida pela força das atividades cafeeiras que aos poucos deram lugar às primeiras atividades industriais paulistas. O entendimento da formação dos bairros de São Paulo é analisado na transição do café e a instalação das primeiras atividades industriais. Esse bairro recebeu imigrantes que desenvolveram e consolidaram a expansão do setor sul da cidade, o que na época exibia uma sociabilidade um pouco diferente da vida moderna dos dias atuais. A sociabilidade inerente a essa transição do modo de vida comporta o sentido da festa e as suas transformações. A festa, antes, era ligada ao ambiente rural, já a sociabilidade dos pequenos bairros e vilas começa pela metrópole que está nascendo. O urbano vai se consolidar definindo especificidades da vida moderna, incorporando os bairros⁴¹ em que o apego ao ritmo natural vai aos poucos se deslocando rumo ao tempo produtivo, fabril. Supomos então que a festa e a sociabilidade dos momentos coletivos passam a ser inseridos cada vez dentro da metrópole que se consolida e cresce apoiada nas indústrias e fábricas paulistas.

Sendo bairros de formação recentes e onde predomina a classe média, as casas de residência caracterizam-se pelo seu bom aspecto, sendo muitas delas construídas isoladamente em relação às construções vizinhas e com jardins em frente. Particularmente a avenida república do Líbano (antiga avenida Indianópolis) destaca-se pelo grande número de ricas residências, quando não verdadeiros palacetes, sobretudo no trecho compreendido entre o Parque do Ibirapuera e a Avenida Washington Luís (AZEVEDO, 1958, p.291).

A transição do modo de vida foi capaz de trazer à festa implicações de uma época em que a vida pulsa mais rápido, que se quer produtiva, impondo mudanças do modo de festejar e orientações que evocam nos dias atuais um espaço preparado e comercializável para festas. O crescimento da cidade de São Paulo e os rumos da urbanização implicaram, sem dizer, sociabilidades aptas ao mundo moderno. Nas palavras de Oda (2003, p.3):

⁴⁰ Segundo o site do Shopping Ibirapuera: “Desde sua inauguração em 1976, é mantida uma relação íntima, de respeito e de importantes conquistas com o seu bairro. Moema é considerado o bairro com melhor qualidade de vida de São Paulo, por manter as raízes de uma região acolhedora. A presença do Shopping Ibirapuera torna Moema ainda mais privilegiado e um dos mais valorizados da capital paulista” (Shopping Ibirapuera. In: <<http://www.ibirapuera.com.br/shopping/oshopping.asp>>, Acesso em: 02 fev.2008).

⁴¹ É nesse contexto que Ramos analisa o Bairro de Água Branca na cidade de São Paulo. O autor propõe três tempos distintos que consagra a evolução do bairro no mundo moderno. Para o autor é possível supor três momentos: a localidade, ao bairro e a porção imersa na metrópole. Cf. RAMOS 2004.

A gênese dos bairros residenciais remonta à época de estruturação da urbanização brasileira, o que historicamente em São Paulo, tem como marco a expansão a partir da industrialização financiada pelo café. Foram as residências dos barões do café que se implantaram nos primeiros loteamentos residenciais feitos na cidade, espelhando-se no urbanismo europeu.

A vida na cidade de São Paulo resulta do crescimento dos pequenos povoados associado ao interesse da elite na consolidação de bairros que atendem a demanda de residências para administrar as empresas e a mão de obra, impondo valores que envolviam, de início, outras sociabilidades. A vida rural não suportava as necessidades crescentes de administração das empresas, e o tempo produtivo vai se instalando no dia a dia da vida paulista. Como destacou Monbeig:

Para tratar de negócios financeiros e comerciais, para administrar as empresas em que aplicam seus capitais, os chefes do movimento pioneiro eram obrigados a residir mais tempo na cidade, juntos das repartições públicas e particulares, em contato com os organismos políticos; as demoras nos domínios rurais começam a encurtar: a casa rural perdia em austeridade o que ganhava em elegância para estadas confortáveis; mas, ao mesmo tempo, a casa da cidade passava a ser a residência principal, objeto de todos os cuidados, manifestação exterior da riqueza do seu proprietário. A formação das empresas capitalistas modernas e as necessidades de sua gestão eram incompatíveis com o gênero de vida tradicional. A ruptura do círculo estreito da velha economia paulista, a evocação social que a acompanhou – tais foram os fatores da urbanização da classe dirigente (MONBEIG apud AZEVEDO, 1858, p.72).

A economia de São Paulo estruturava-se pelas indústrias que pouco a pouco desenvolveram os bairros, seja de operários ou por se tratar de grandes casarões, consolidando áreas privilegiadas impulsionadas pelo emprego do tempo produtivo. A formação dos bairros finos e os programas de urbanização respondem à rapidez do crescimento demográfico e à modernização da cidade⁴². A lógica dos investimentos

⁴² Para Villaça, não procede a tese de que as elites ocuparam o quadrante sudoeste porque lá tinham anteriormente suas chácaras; na verdade, eles tinham chácaras em todos os quadrantes da cidade, mas apenas a região sudoeste foi escolhida para ser loteada e arruada porque eram “[...] os terrenos mais altos, saudáveis e acessíveis ao centro”. Assim, o início da ocupação do quadrante Sudoeste, nos fins do século XIX, ocorreu a partir da instalação de bairros de renda mais alta, características que permanece até hoje, o que trouxe profundas implicações na estrutura do território de São Paulo. Essa opção foi historicamente construída, desde que houve a escolha em que a qualidade dos sítios urbanos (destacando-se a salubridade, altitude e ausência de umidade, além dos atrativos naturais) deixou de ser fator de localização determinante para a elite [...]” (VILLAÇA, 1998, apud ODA, 2003, p.43).

obedecia aos anseios da classe dirigente e aos espaços ligados ao centro e ao fluxo condicionados pelas vias de circulação preexistentes.

Dessa maneira se demarcava uma área “regulada” da cidade, onde a habitação popular não poderia acontecer, ao mesmo tempo que se configurava, fora do perímetro urbano, uma zona de obscuridade, sobre a qual o olhar do poder municipal não vigorava. Na lógica da cidade dos trilhos, a malha das linhas de bonde e as estações de trem definiam os limites de uma urbanização densa e concentrada. Assim, até o final dos anos 20, apesar de desigual e dividida, a cidade mantinha ainda algumas relações básicas com sua geografia natural e possuía uma malha urbana relativamente contínua e compacta, servida por transporte público na maior parte de sua extensão (ROLNIK, 2001, p.23).

A vida moderna e a consolidação do capitalismo em tempos distantes da fábrica reitera a festa na esfera produtiva. A festa, o valor de uso, é capturado em ambientes privados onde ela já não está próxima da natureza se não artificializada⁴³. O uso que a festa implica é orientada para a geração de riqueza, através de uma pobreza travestida que confere a festa um uso limitado que faz dela uma paródia e um sintoma do mundo moderno. Aos poucos as formas do viver, o uso do tempo livre, do movimento diário são modificados em um movimento modernizante que faz da festa um campo aberto às transformações, principalmente a vida de bairro e as relações na comunidade.

Mais do que transformar e adaptar a Cidade para as funções do poder, trataram também de mudá-la para as funções do viver, do habitar e do circular, do movimentar-se entre espaços que de certo modo estranhavam-se, como o bairro e a Cidade (MARTINS, 2004, p.186).

Existe no uso do tempo livre uma diferenciação que consagra, em tempos históricos distintos, sociabilidades mais sólidas. Aos mais antigos se reconhece a proximidade com o tempo lento, com o envolvimento com a comunidade e laços de pertencimento e participação nas atividades inscritas na raiz da cidade. No tempo contemporâneo, visualiza-se a produtividade inscrita na vida urbana uma vez que se

⁴³ Admitimos que a festa urbana introduz elementos da natureza em uma forma artificializada. O que indica tal característica é a presença de elementos decorativos que reiteram a preocupação ambiental e a importância do meio ambiente com a integralidade da fauna e da flora. Supomos, então, que opera neste momento um artifício alusivo à natureza que a festa não pode afirmar. Ela, e seu contato com os ritmos naturais e a ruralidade, foi consumida pela vida moderna e pela urbanização que agora relembra, sem remorsos, o que ficou distante.

reconheça a instauração do tempo produtivo e o uso de espaços que favorecem a lógica da produção do capital na vida ordinária que se constrói.

A alteração dos modos de vida faz da festa hoje um produto. Essa mudança e também do tempo da gratuidade e de envolvimento com as pessoas do bairro caducaram, diminuindo os horizontes participantes (e criativos) que fazem da festa uma possibilidade. O que sobra com as alterações dos modos de vida é introduzido pelo fetiche repetitivo das empresas que recriam falsas personalidades que há tempos foi perdida.

A urbanização contemporânea entendida como processo de transformação qualitativa no modo de viver segue continuamente e coloca no horizonte a possibilidade de uma sociedade urbana. Nessa sociedade estariam profundamente alterados os modos de vida em relação a situações precedentes, pois, o sentido da urbanização tem conduzido ao domínio da impessoalidade implicando na alteração de todos os vínculos, na sujeição do tempo, do espaço, do corpo, aos ritmos e sentidos prescritos pela lógica do mercado. Tudo se compra, tudo se vende (SEABRA apud RAMOS, 2004, p.87).

O que se nota na evolução dos bairros de Moema e Indianópolis é o processo de territorialização do terciário ocorrido na Região Sul da cidade de São Paulo, na metade do século XX. Essa evolução, guiada por investimentos do setor de comércio e serviços e pelo setor imobiliário, ajudou o crescimento e a expansão desses bairros, que concentram uma camada da população paulistana com alto rendimento. Abaixo, segue um gráfico que demonstra o perfil dos moradores do distrito de Moema.

Distribuição dos Domicílios, por faixas de Renda Familiar do Distrito de Moema, 2000.

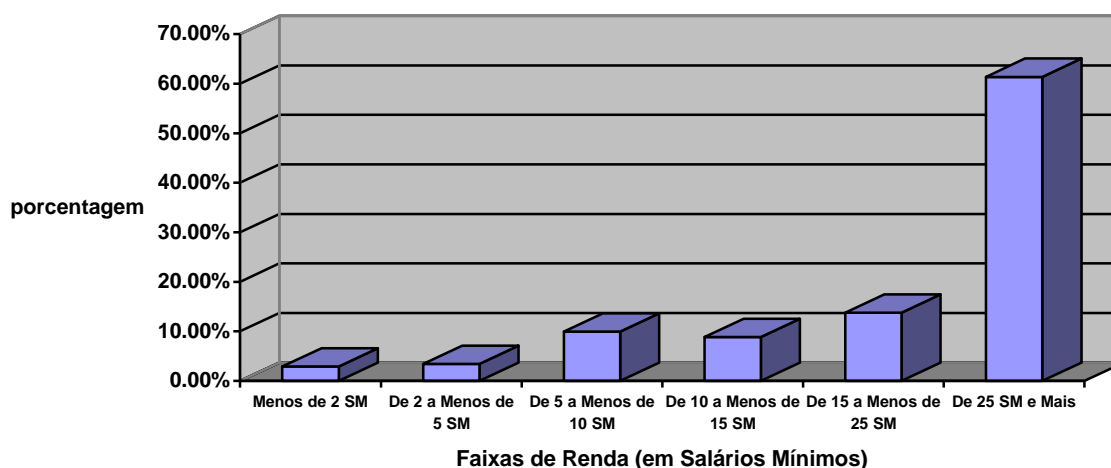


Gráfico 2 - Distribuição dos Domicílios por faixa de renda familiar no Distrito de Moema. Fonte: Fundação Seade. In: http://www.seade.gov.br/produtos/msp/ren/ren1_001.htm

Segundo os dados apresentados pelo gráfico, fornecidos pela Fundação Seade, o distrito possui mais de sessenta por cento de moradores com renda acima de vinte e cinco salários mínimos. Eles também revelam que o bairro concentra uma classe privilegiada que ostenta grandes rendimentos. Os bairros de Moema e Indianópolis possuem uma grande densidade demográfica⁴⁴, tendo como base seu elevado padrão de vida e avançado grau de verticalização. O distrito conta com ruas de acesso rápido que facilitam o deslocamento para regiões centrais da cidade, sendo isso um importante fator para a existência de investimentos imobiliários e de varejo. As principais ruas que facilitam o acesso e o deslocamento para outras regiões são: Avenida Ibirapuera, República do Líbano, Hélio Pellegrino, Avenida Santo Amaro, Avenida Bandeiras e Avenida Moréia Guimarães.

Durante a década de 1960, 1970, a instalação de atividades de comércio e serviços introduz ao bairro possibilidades de acesso à serviços, procurando atender uma área residencial densamente ocupada e com padrão elevado de vida. É na expansão dos serviços de *buffet* nos bairros de Moema e Indianópolis que buscamos entender sua produção espacial, levando em conta a forma como tal comércio se instala em uma área privilegiada da cidade que responde por moradores com uma alta renda mensal. Trata-se, então, de reconhecer como a festa

⁴⁴ Um ponto a considerar é o processo evidente de verticalização acentuada no bairro de Moema.

encontra-se em espaços privados nestas regiões, o que em outras palavras significa compreender o modo fragmentado de festejar que se edifica na cidade, atingindo espaços fechados e artificializados.

O “VELHO” E O “NOVO” NA CIDADE.

A cidade de São Paulo aos poucos foi perdendo suas características coloniais e rústicas, conduzindo suas vilas e bairros ao processo de modernização da sociedade, impondo novas referências ao modo de vida e fazendo dela um horizonte intercambiável entre o “novo” e o “velho” estilos de vida. Como relata Azevedo:

[...] que São Paulo deixou de ser, definitivamente, o burgo tranquilo de aspecto colonial, para se transformar num centro comercial cheio de vida, onde o dinheiro começava a correr em abundância e uma parcela da população dava-se a requintes e a certos luxos até então desconhecidos [...] (1958, p.78).

As pequenas vilas de São Paulo apontam um estilo de vida entregue aos barões do café, ao luxo, importando pelas vontades de representação da época em que o “novo” e o “velho” eram percebidos sem grandes dificuldades. A consolidação da vida urbana incorpora os valores de um estilo que se quer para todos, sem dizer sua disponibilidade às pessoas do seu próprio território tido muitas vezes como atrasado⁴⁵. A cultura da época, circunscrita à elite e aos casarões, revela modismos cujos gostos de vida e de luxo são traduzidos como sinônimos de progresso ou “alta cultura”.

Essa cultura urbana confinada nos casarões de fazenda, como utopia da elite que consumia estilos e modos urbanos sem ter a cidade moderna a que correspondiam, edificou na fantasia a cidade que desejavam. De fato, no período relativamente curto de três décadas em que São Paulo deixou de ser uma cidade colonial sem ornamentos para se tornar a Paulicéia exuberante dos edifícios portentosos, essa elite demoliu velhas casas e construiu a nova cidade como se montasse um presépio (MARTINS, 2004, p.187).

A vida se estrutura a partir dos modelos impostos pela urbanização da cidade traduzida pelos interesses que contemplam bairros nobres e setores mais “necessitados”. As condições de vida da cidade vão aos poucos limitando o seu

⁴⁵ “O nativo é proposto como estranho, como atraso, ignorância e migrantes os agentes do progresso na ordem, que como nativos se descobririam no empreendedorismo, nas artes, na literatura.” (MARTINS, 2004, p.162)

centro e definindo, ao mesmo tempo, áreas menos privilegiadas pela urbanização. A vida urbana se constituía em meio às diferenças entre bairros, entre salários e estilos, sustentando diferenças visíveis ao caminho percorrido pela sociedade, presa cada vez mais ao tempo e espaço produtivo.

A vida cotidiana apenas se esboçava nos meandros patológicos de um crescimento que abria, para muitos, limitadas oportunidades de ascensão social com base não raro no trabalho bruto e no salário injusto. Ascensão que se negava na contrapartida das formas marginais e excludentes de inserção social dos mais desamparados. A cidade não fora ainda inteiramente dominada pelo urbano propriamente dito, as relações sociais e a vida marcadas e dominadas pelo urgente e provisório, pelo transitório e fragmentário, o tempo curto de todo dia (MARTINS, 2004, p.177).

O desenvolvimento da vida conduzido pela formação das primeiras atividades indústrias levava à diversidades dos salários e à presença de atividades mal remuneradas. Os bairros mais distantes do centro são lugares onde os trabalhadores “escolhem” e habitam à sua maneira. O tempo fora da fábrica, o uso que se faz dele, evidencia o sentido coletivo da comunidade – na vida de bairro, o pulsar das horas e das festividades mostra-se mais solto e liberto ao tempo produtivo e aos espaços utilizados devido à coletividade.

Hoje, a vida na cidade se demonstra, por um lado, cada vez mais confinada e fragmentada diante dos rumos assumidos pela urbanização, deslocando os significados que assumiam na **vida de bairro** e na participação das festividades consagradas no lugar que se convive.

O PIONEIRISMO NOS ANOS 50

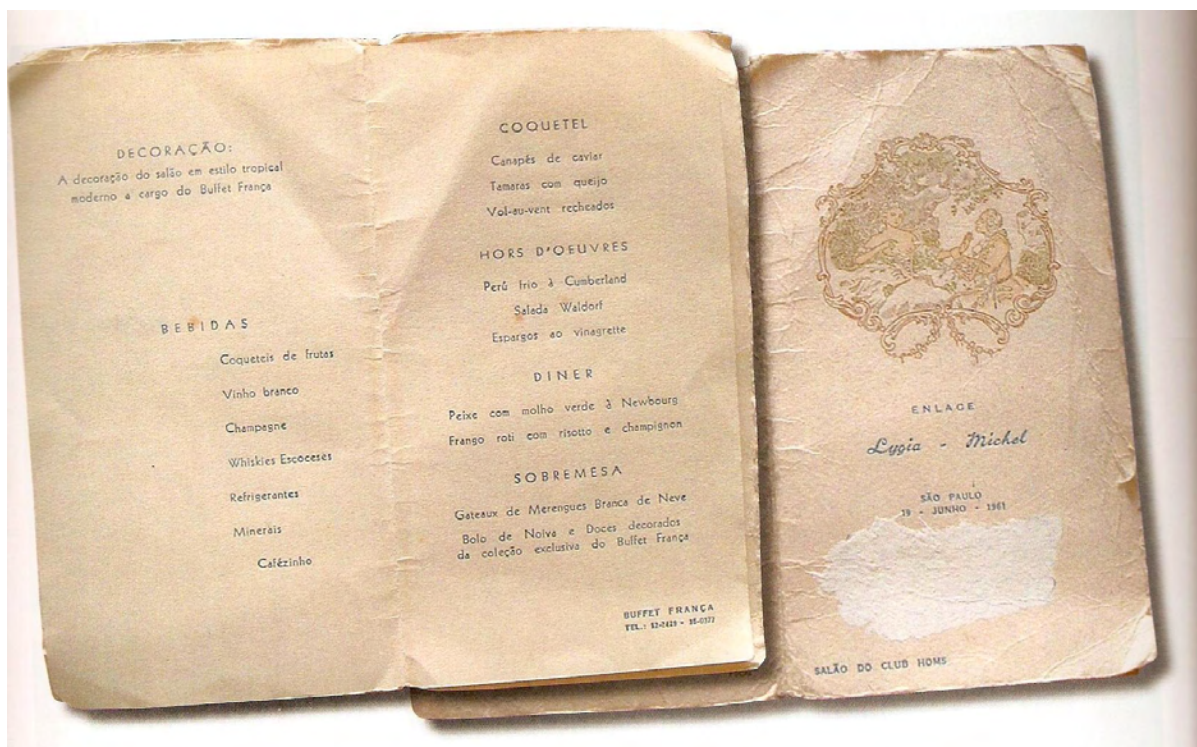


Figure 5 - Convite de Casamento realizado pelo Buffet França em 1961 em São Paulo.

O primeiro *buffet* de que se tem notícia é o *Buffet França*, localizado na cidade de São Paulo, e que começou suas atividades no ano de 1951, e até hoje, com 56 anos, presta serviços aos seus clientes, sendo seu dono, Nilson Falcão França, reconhecido como o “mais antigo bufeteiro do Brasil”⁴⁶. O *Buffet França* que vem aumentando seus nichos de clientes, é considerado um dos mais requintados e tradicionais do país, e é bastante procurado pela elite paulista.

Este estabelecimento nasceu logo depois que Nilson França – o seu França – foi chamado para fazer a festa de casamento de dois antigos clientes da *brasserie* tocada por sua família em São Vicente, no litoral de São Paulo. O negócio deslanchou, dois sócios se agregaram, e a nova geração da família França assumiu o comando – sempre supervisionados muito de perto pelo pai, que, aos 71 anos, continua ativo.

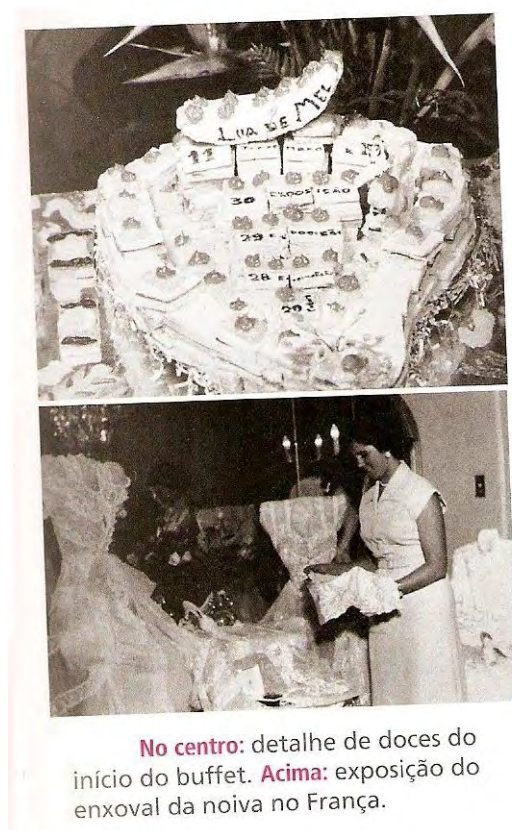
Hoje, o *Buffet França* possui uma congestionada agenda e a padronização do serviço é um trunfo da empresa para atender as necessidades prementes dos seus clientes. Assim aponta a revista *Veja* (2001):

⁴⁶ Beretz, Clarissa. O eterno França. In. *Revistas FESTAS Espaço D*. Olga Krell & Associados., 2006, p.170.

Quem contrata o França sabe que pode contar com uma linha de montagem perfeitamente profissional, capaz de atender a eventos como a maior festa até hoje realizada pelo bufê fora de São Paulo: um jantar para 2 400 pessoas em uma base aérea no Rio de Janeiro, com pista no meio do salão para a passagem de uma escola de samba entre o prato principal e a sobremesa. A mais complicada – e inesquecível – durou cinco dias, em um parque de Belo Horizonte, com coquetel, almoço e jantar para 1 000 pessoas a cada dia. "Tivemos de montar até lavanderia no local", conta Rita.

O começo dessas atividades datado do início da segunda metade do século XX corresponde ao período no qual assistimos a entrada de profissionais nesse ramo de atividade do setor terciário e a proliferação desses serviços. Um detalhe exibido na citação acima é que quem contrata o *Buffet* França “**pode contar com uma linha de montagem perfeitamente profissional**”. A linha de montagem, sem que seja relacionada, faz lembrar uma linha produtiva, referente à um bem de consumo durável, como, por exemplo, carros e eletrodomésticos. A revista indica uma suposta “linha de montagem” dessas empresas relacionadas às festas e eventos na cidade paulista. Os *buffets* inseridos na lógica de reprodução do capital se adaptam as condições dos eventos, evidenciando uma versátil características dessas empresas sempre hábeis para satisfazer os clientes. Indicamos que todos os *buffets* possuem um **mínimo necessário à festa**, ou seja, uma **matriz de festa** que leva em conta a logística para o evento que, de acordo com as necessidades dos consumidores, muda, adquirindo e se aproximando de gostos e estilos variados. A matriz de festa indica, com qual facilidade o *buffet* atende às expectativas dos contratantes e podemos supor que quanto maior a logística e, logo, a matriz de festa, mais versátil e flexível uma empresa desse ramo está diante dos gostos variados de festejar na metrópole. Essa matriz revela as formas de realização de festa que acabam rodeando a si própria, mudando, de festa para festa, dentro do limite próprio do *buffet*, o que quer dizer, uma escolha diferente em um serviço igual e repetitivo. Estes espaços reservam, dessa maneira, um mínimo de festa preparado a espera dos seus clientes, sendo a versatilidade marca indispensável à própria manutenção desses serviços no atendimento que muda de evento para evento, mas sempre rodeando a matriz de festa e a logística disponível em todos os *buffets*. Sua logística é entendida como os materiais disponíveis para a realização do evento como, por exemplo: cadeiras, mesas, talheres, material para a decoração, som etc. Ela também inclui a rede de pessoas que prestam serviços nas festas que, de

acordo com a estrutura do evento (um evento maior, por exemplo), pode abrir vagas para participar das festas em meses com maior demanda por tais serviços. Os *buffets* contam com a participação de *free lancers*, que atendem as necessidades das festas oferecendo serviços como segurança, garçons, recreadores, cozinheiros etc. – uma rede de profissionais de serviços.



No centro: detalhe de doces do início do buffet. **Acima:** exposição do enxoval da noiva no França.

Figura 6 - Nas fotos detalhes dos doces e da exposição de enxoval da noiva no Buffet França.

Os *buffets* se especializaram no final do século XX com uma velocidade assustadora e ampliaram as possibilidades da festa, inseridas, agora, em ambiente privado na cidade. Elas ganharam novos adereços e incorporaram mudanças visuais significativos. Um tipo de *buffet* que está cada vez mais especializado são os *infantis*. Mas o que eles oferecem? As festas englobam: recreação profissionalizada, sala de *games*, miniquadras de futebol, discoteca, telão e projetores, berçário, camarim com cabeleireiro e fantasias. As empresas são responsáveis diretas pela especialização da festa, explorando temas e formas que fazem da dela um pequeno espetáculo.

Junto à expansão e especialização dos *buffets*, as festas são agora tema de revistas que fazem dos rituais um campo rico e saboroso às empresas. As revistas

procuram apontar tendências sobre as festas, as matérias são acompanhadas de fotos e propagandas convidativas para a celebração. Abaixo mostramos duas revistas em circulação e que merecem destaque – elas exploram essas atividades e ajudam na expansão e consolidação desses serviços.



Figura 7 – Capas da revista *Espaço d'FESTAS* e revista *Festas Infantis Buffets e Eventos*.

A revista *Festas Infantis Buffets e Eventos* é distribuída gratuitamente na cidade de São Paulo, precisamente na região Sul e Oeste, e possui uma tiragem de 20.000 unidades. A revista *Espaços d'FESTAS* dispõe ao mercado seus serviços para o ramo destacando mensagens publicitárias dos seus anunciantes. Abaixo, reproduzimos na íntegra um editorial retirado da revista *Festas Infantis Buffets e Eventos*; nosso objetivo neste ponto reside em destacar a linguagem dos profissionais exposta nas revistas, a fim de encontrar marcas discursivas que realcem a atuação dessas empresas.

“O mercado continua em crescimento para *buffets* infantil e as possibilidades se multiplicam na hora de escolher onde fazer a festa. Novos brinquedos e espaços são criados para agradar os mais diferentes gostos. Veja o que tem de mais recente no mercado e saiba como os proprietários fazem para se manter na concorrência

Para deixar a sua festa ainda mais bonita e diferente, empresas de decoração, convites e lembranças vão longe em busca de idéias originais e de novas tecnologias para a confecção dos seus produtos. Conheça quem e onde vão esses caçadores de novidades.

Na hora de deixar os filhos brincando, os pais querem tranquilidade. Pensando nisso, empresas capacitam monitores para entreter, ensinar e divertir as crianças com muitas brincadeiras. Conheça um pouco como funcionam os treinamentos e a linha de recreação seguida por cada empresa.

Cabeleireiros cheios de criatividade e de acessórios fazem a festa com a criançada. São penteados, tatuagens, maquiagem e unhas decoradas para brincar com o visual das crianças! O trabalho é tão bacana que até os adultos podem ficar com vontade de participar.

Oficinas diferentes chegam nas festas e fazem sucesso. Pode ser de pijama, conga, galocha, acessórios feitos com sementes nativas e até massinha de modelar de chocolate. Tudo para deixar sua festa ainda mais gostosa. Então, aproveite as dicas. Boa festa e boa leitura!

Fonte: Revista Festas Infantis *Buffets* e Eventos Ano XII – Numero 34 – agosto de 2007, p.176.

O editorial acima revela as expectativas dos profissionais do ramo, contemplando aspectos desse tipo de serviço e admitindo um aspecto básico desse segmento, que é a grande concorrência. Os profissionais conclamam atenção às novidades para trazer à festa elementos diferentes, passando pelos brinquedos e atividades que fazem parte da festa, como, por exemplo, as oficinas para crianças. As empresas de *buffet* indicam a participação de outras empresas que compõem o ritual festivo, como, por exemplo, empresas de decoração, convites etc. O *buffet* exerce uma aproximação notória a outras empresas que sustentam o evento e até pessoas que, por meio de trabalho artesanal, no caso da produção de pratos quentes e bolos, partilham nas atividades que compõem toda a estrutura. O que parece significativo é a ideia de que pequenas empresas compõem a atuação dos *buffets* na manutenção de atividades das quais sem elas a festa torna-se impossível. Ao trabalho do *buffet* cabe, entre outras, contratar empresas e profissionais ligadas às festas e eventos na oferta desses serviços.

Nas palavras dos profissionais desse ramo de atividades, os caprichos e as vontades dos clientes são sempre importantes para a realização desses serviços, o que pode também inviabilizá-la por outro lado. A alegria do consumidor e dos participantes firmam união para a realização do ritual e da lógica de uso desse espaço que aparece monetarizada⁴⁷.

Os serviços de *buffets* sugerem aos clientes tranquilidade no preparo e na execução do evento por meio dos recreadores e monitores que dão sentido à festa no ambiente especializado. A recreação exige, de toda maneira, a existência de estratégias que orientam a captura da atenção dos convidados e desenvolve

⁴⁷ O produtor submete-se aos mais abjetos caprichos do seu próximo, desempenha o papel de proxeneta entre ele e suas necessidades, desperta-lhes apetites mórbidos e espreita todas as suas fraquezas, para exigir dele, depois, a propina por estes bons serviços.(MARX 1987 p. 183)

atividades em grupo que contemplam, entre outras coisas, o uso de brinquedos e adereços fornecidos pelos *buffets*, sempre acompanhadas de muita música.

OS BUFFETS EM MOEMA E INDIANÓPOLIS

Em Moema e Indianópolis a existência de *buffets* é privilegiada. Alguns bairros de São Paulo ganham notoriedade e conhecimento por meio de características peculiares que afirmam uma certa identidade na metrópole. Vários são os exemplos que atribuem características aos bairros por concentrar serviços ou por abrigar imigrantes que consolidaram bairros diferenciados. Exemplos como o Bairro da Liberdade com sua população de imigrantes japoneses e a Mooca com os imigrantes italianos são facilmente lembrados pela cultura dos seus hábitos e festividades. Sem contar, as ruas e bairros que consolidam serviços em áreas definidas e famosas. A Rua Santa Efigênia é conhecida pelas lojas de eletrônicos e materiais para carros, assim como a Rua Vinte e Cinco de Março apresenta lojas de “armarinhos” com uma infinidade de mercadorias. **Seria o Bairro de Moema, o lugar definido e marcado pelos *buffets*?**

As atividades de festas e de prestação de serviços ligadas ao festejar indicam investimentos na expansão “silenciosa” dos profissionais do ramo celebratório. Os anúncios ganham cada vez mais páginas de jornais, e revistas especializadas surgiram indicando os rumos e as tendências “ilimitadas” para a celebração do ritual. A atenção dos profissionais reside na ampliação das pessoas que se abrem à oferta desses serviços na cidade, o que se dá por antemão algum indicativo do que “querem” tais revistas na certificação de um “discurso comercial”⁴⁸.

Nota-se uma grande presença de *buffets* infantis na área cujo perfil desses serviços foi apontado pela revista *Festas Infantis – Buffet e Eventos*. Na sua décima segunda edição, no ano de 2002, a revista mostra em sua capa a seguinte reportagem: “**Moema – O bairro dos *Buffets*.**” A revista apresenta o perfil apontado acima e afirma existir uma certa preferência para a localização desses serviços. A reportagem ainda indica que alguns bairros de São Paulo são conhecidos por suas especificidades para determinados comércios e que Moema se destaca pela

⁴⁸ Um campo inexplorado surge a partir da leitura e análise dos discursos construídos nessas revistas que aliam um “corpo” estético, lingüístico e histórico para as festas.

presença de serviços ligados a festas infantis, iniciados na década de oitenta. Nas palavras da revista:

Pode-se dizer que foi lá mesmo em Moema, na década de 80, que tudo começou. *Buffets* como *Sonho Colorido*, *Mundo Encantado* e *Brinque & Abrace* são alguns dos precursores. Com eles nasceu a imagem do bairro dos *buffets* e a cada ano Moema se firma como uma região especializada em festas infantis (*Festas Infantis – Buffet e Eventos*, n. 12, 12 fev. 2002).

A revista aponta uma especialização dos serviços oferecidos no bairro de Moema ligando assim a grande quantidade de *buffets* infantis na região. Outro meio de comunicação, destaca também a existência acentuada desses serviços no bairro. A Revista Emporium São Paulo com circulação no bairro de Moema também faz referência à quantidade de *buffets*.

No comércio, Moema atende a todos os gostos. Quem não gosta de passear em shoppings pode perfeitamente fazer compras percorrendo as ruas do bairro. Lojas, bares, restaurantes, sorveterias, cinemas, casas de show, petshops, supermercados, cabeleireiros, clubes, academias. ... e outras dezenas de botecos, bares, restaurantes e atrações que fazem do bairro um dos destinos preferidos de jovens, adultos e, mais recentemente, crianças. *Sim, Moema é o paraíso dos buffets infantis, com quase quarenta estabelecimentos. A maioria deles com agendas lotadas. A já famosa rua Normandia também pertence ao bairro.* Emporium São Paulo – Grifo (nosso) In: <<http://www.emporiumsaopaulo.com.br/revista/materia.asp?edc=2&cm=471>> Acesso em 23/02/2008.

Primeiramente, trata-se aqui de admitir a suspeita que faz do trabalho um indicativo de que **supostamente** Moema possa se caracterizar como o “Bairro dos *Buffets*”. A instalação e o reconhecimento dessa área da cidade pela presença dos *buffets* faz disso (suposto reconhecimento) uma estratégia dessas atividades na oferta de um serviço que produz centralidade. Porém, longe dessa “identidade comercial” de Moema, está inscrito uma estratégia clara de afirmação que conclama notoriedade dentro da metrópole em uma dinâmica intra-urbana relacionada à promoção do consumo.

Tabela 2 – *Buffets* presentes em Moema e Indianópolis.

OS BUFFETS DE MOEMA	OS BUFFETS EM INDIANÓPOLIS
<ol style="list-style-type: none"> 1. Magic Blue <i>Buffet</i> Infantil 2. Mundo Encantado <i>Buffet</i> Infantil e Juvenil 3. Jurrassic <i>Buffet</i> Infantil e Juvenil 4. Inka Moema <i>Buffet</i> 5. Estação Club II 6. Universo Feliz <i>Buffet</i> Infantil 7. Brinque Abrace <i>Buffet</i> Infantil 8. Sunny Day <i>Buffet</i> Infantil 9. <i>Buffet</i> Estação Criança - <i>Buffet</i> Infantil 10. Delphos Eventos 11. <i>Buffet</i> Trick or Treat 12. <i>Buffet</i> Actuel 13. <i>Buffet</i> Rok Kids <i>Buffet</i> Infantil 14. Splash Blue <i>Buffet</i> Infantil 15. Dia de Folia <i>Buffet</i> Infantil 	<ol style="list-style-type: none"> 1) Planet Mundi <i>Buffet</i> Infantil 2) Billy Willy <i>Buffet</i> Infantil 3) Galpão Teen e Cia. Festas e Eventos 4) <i>Buffet</i> Oceano (A) 5) <i>Buffet</i> Colonial 6) Banana Power <i>Buffet</i> Infantil 7) Zuera <i>Buffet</i> Infantil 8) Peekaboo <i>Buffet</i> Infantil 9) Traquinagem <i>Buffet</i> Infantil 10) <i>Buffet</i> Hora d'Alegria <i>Buffet</i> Infantil 11) <i>Buffet</i> Toys Dolls <i>Buffet</i> Infantil 12) Saint Morit's <i>Buffet</i> e Eventos 13) Circo Circus <i>Buffet</i> Infantil 14) Tropical Kids <i>Buffet</i> Infantil 15) Wolly Dolly <i>Buffet</i> Infantil 16) Magic Fantasy <i>Buffet</i> Infantil 17) Fun Club <i>Buffet</i> Infantil 18) <i>Buffet</i> Torres 19) Mega Circus <i>Buffet</i> Infantil 20) Sonho Colorido <i>Buffet</i> Infantil 21) Anarquia Park <i>Buffet</i> Infantil 22) Toca do Coelho <i>Buffet</i> 23) Oceano <i>Buffet</i> Infantil (B) 24) Funny Days <i>Buffet</i> Infantil 25) <i>Buffet</i> Tout va Bien

Tabela 3 – Atribuições dos *buffets*.

PRINCIPAIS ATRIBUIÇÕES DOS BUFFETS.
<ul style="list-style-type: none">• FORNECER UM ESPAÇO PARA A REALIZAÇÃO (no caso de <i>buffet fixo</i>)• FORNECER A LOGÍSTICA PARA A FESTA, INCLUINDO AS BASES MATERIAIS COMO POR EXEMPLO MESAS, CADEIRAS, COMENSAIS ETC.• GARANTIR A PRESENÇA DAS COMIDAS E BEBIDAS OFERECIDA NA REALIZAÇÃO DO EVENTO.• FORNECER A LOGÍSTICA PARA A FESTA, INCLUINDO AS BASES HUMANAS PARA A REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES QUE COMPÕEM A FESTA (Segurança, garçons, nutricionistas, dj's etc.)

Org.: SANTOS, R. G. C.

A tabela 3 indica as principais atividades que caracterizam os *buffets*. Um importante destaque diante do que foi exposto acima é a aproximação que esses estabelecimentos possuem com outras empresas para a realização dos eventos. A função dos *buffets* diante das festas e eventos acontece no trato e na convivência com empresas que ajudam na realização do evento e que se especializam nas atividades que fazem da festa uma mistura de empresas que consagra um momento importante para a vida dos contratantes. Não é possível supor com qual profundidade os *buffets* se aproximam de empresas e/ou pessoas autônomas para a realização do evento, reconhecendo, assim, um detalhe importante: quanto maior é a estrutura e a logística de um *buffet*, menos ele recorre a empresas para dar suporte à realização do evento. Assim, os mais estruturados buscam controlar atividades para a festa, incorporando-as ao *hall* de atividades para não precisar contatar outras empresas o que levará certamente a diminuição de lucro.

As tabelas acima permitem indicar que as atividades prestadas são de difícil teorização, reconhecendo nelas a diversificada forma de atuação de cada *buffet*, admitindo sua variedade para a realização do evento.

O PERFIL DOS BUFFETS

Dividimos dois grupos de *buffet* levando em conta o perfil desses estabelecimentos, ou seja, o público para quem se destina tal serviço. O primeiro é o grupo de *buffet* infantil e como o nome já ressalva, é destinado às crianças e ao público juvenil. Já no segundo grupo selecionamos os serviços desta natureza que destinam seu espaço para a realização de atividades para adultos cujo perfil da festa e dos eventos muda e direciona os *buffets* para outras estratégias de atuação. Ao escolher o público destinado ao uso e a participação desses serviços, o *buffet* estabelece uma série de estratégias que visam capturar o modo como processa e organiza a festa. A primeira diferença desses dois grupos pode ser notada facilmente pela característica visual de cada *buffet*, ou seja, pelas diferenças nas formas comerciais. Nota-se que a forma desses ambientes é separada pelo público alvo desses serviços o que traduz estratégias e indicados pelo mesmo ramo de atividade com um público distinto. Os *buffets* infantis são sempre marcados pelas cores fortes e alguns até por bexigas, brinquedos, desenhos e estátuas de personagens conhecidos que despertam interesse pelas crianças. Já o segundo é marcado pela sua fachada discreta contendo cores mais claras. Na sua maioria, os *buffets* infantis recorrem às mesmas estratégias para a fachada e pelo aspecto visual da sua forma, tentando atrair e conquistar seus clientes com elementos visuais estratégicos para o seu funcionamento, levando em conta o público alvo para as festas infantis.

A fachada dos *buffets* destinada ao público adulto é bem diferenciada em relação ao perfil dos infantis. Notamos a modéstia em relação ao uso das cores e dos elementos que compõem o visual, como, por exemplo, a decoração e os ornamentos, o que demonstra uma estratégia por um “ambiente discreto”, sério e eficiente.

Os bairros de Indianópolis e Moema possuem os dois tipos de *buffets*, porém um tipo marca profundamente nessa região. Abaixo, disponibilizamos um gráfico que revela a quantidade de estabelecimentos separada pelo perfil revelado.

Quantidade de Buffets em Moema e Indinópolis separado pelo perfil.

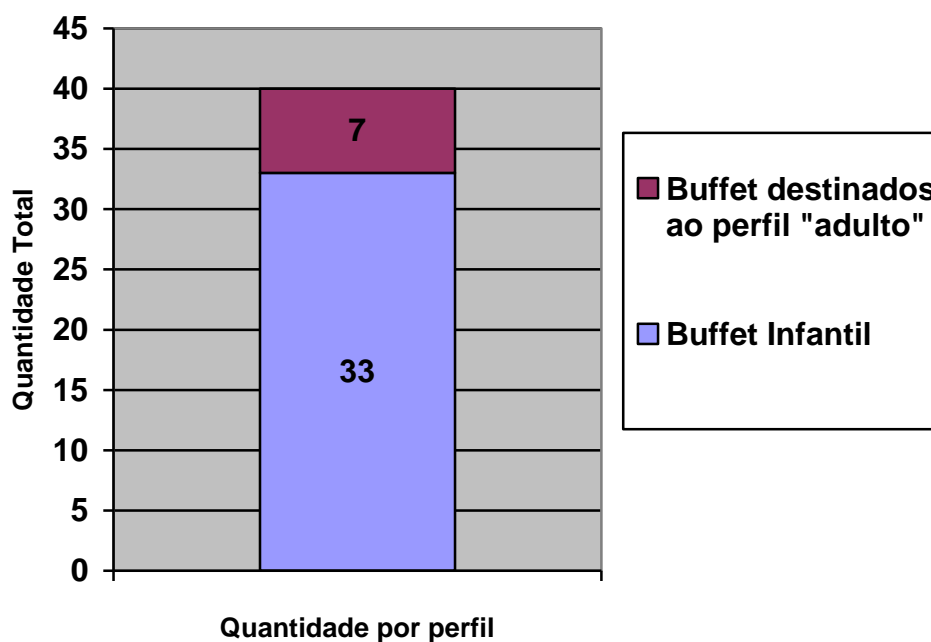


Gráfico 3 – Perfil dos *buffets* em Moema e Indianópolis.

O gráfico acima revela a quantidade dos *buffets* separados pelo perfil de atendimento à clientela. Nos bairros de Moema e Indianópolis existem trinta e três estabelecimentos desse tipo destinados ao público infantil, ou seja, o que corresponde a mais de oitenta por cento do total. Os *buffets* destinados para o público adulto são minoria e representam uma pequena parte desses serviços – somam sete unidades. Os dados evidenciam uma superioridade, que já foi destacada por revistas especializadas, de que a região de Moema compreende uma concentração evidente de *buffets*.

OS TERMOS DA FESTA

O nome é um importante atrativo para os serviços e estabelecimentos comerciais. Uns mais originais, outros nem tanto, exóticos, os nomes atingem a imaginação e afirmam sua marca em tempo de concorrência pesada. Ao determinar a presença dos *buffets* em Moema e Indianópolis, os nomes indicam um curioso detalhe sobre tais serviços. Na sua maioria são nomes estrangeiros, sendo poucos que utilizam nomes em português. Assim, termos em inglês são utilizados como parte das estratégias na identificação comercial. Alguns exemplos são: Festa teen, Banana power, Toys Dolls , Sunny Day, Jurrassic *Buffet*.

Abaixo, mostramos um gráfico com a porcentagem de estabelecimentos que utilizam algum nome em outra língua, incorporando estrangeirismos.

Nomes utilizados pelos buffets em Moema e Indianópolis.

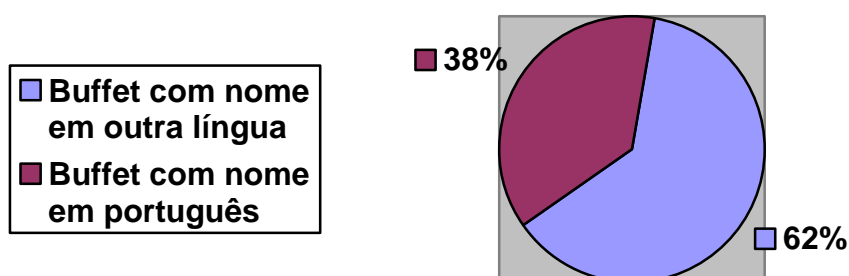


Gráfico 4 – Nomes utilizados pelos *buffets*.

O gráfico acima revela a porcentagem dos *buffets* que se utilizam de algum tipo de estrangeirismo em seu nome ou que recorrem ao português. Na região estudada, Moema e Indianópolis, trinta e oito por cento dos *buffets* utilizam nomes apenas em português e, a maioria, sessenta e dois por cento, apresenta algum tipo de estrangeirismo que se empresta aos nomes e marcas.

O uso de palavras estrangeiras afirma universos simbólicos para os quais empresas investem pesado na consagração de marcas, logotipos, *jingles* etc. A legitimidade de um empréstimo linguístico passa pelo uso e o consenso tácito dos

habitantes prontos a incorporar ou não certas palavras ao vocabulário e ao imaginário social após um certo período de tempo.

Para Garcez e Zilles (2001), “a noção de estrangeirismo, contudo, confere ao empréstimo uma suspeita de identidade alienígena, carregada de valores simbólicos relacionados da língua que origina o empréstimo” (p.15).

O uso dessas palavras cativa valores que se implicam aos serviços prestados, como, por exemplo: *fun, power, teen, magic* etc. O interesse no uso dessas palavras, os anglicismos, reside na publicidade que se quer austera e moderna pelo próprio jogo de palavras midiático que traz para a festa uma carga evidente de publicidade e artifício.

O apelo da máquina capitalista globalizante é forte demais para que a mídia da informação, do entretenimento e, principalmente, da publicidade possa ou queira deixar de explorar as associações semióticas entre a língua inglesa e o enorme repositório de recursos simbólicos, econômicos e sociais por ela mediados (GARCEZ; ZILLES, 2001, p. 23).

O ponto mais importante do uso das palavras – estrangeiras ou não – nos *buffets*⁴⁹, é a capacidade de diferenciação que a linguagem impõe às pessoas, neste caso oferecido pelos nomes dados aos estabelecimentos comerciais. Em outras palavras, pode-se dizer que se demarca os aptos a participarem do que se anuncia. É o que sugere Garcez & Zilles:

O equívoco está, por um lado, em não ver que usamos a linguagem, com ou sem estrangeirismos, o tempo todo, para demarcarmos quem é de dentro ou de fora do nosso círculo de interlocução, de dentro ou de fora dos grupos sociais aos quais queremos nos associar ou dos quais queremos nos diferenciar (2001, p.31).

A diferenciação dos espaços na cidade marca fronteiras pela linguagem associada ao nome e a identidade comercial, o que pode ser percebido por tais exemplos: “Banana Power”, “Spalsh Blue”, “Planet Mundi”, “Magic Blue” (entre outros), e até mesmos galicismos como por exemplo “Tout Va Bien” e “Saint Morit’s”. Os espaços de realização de festas na metrópole atestam um modo de seleção que aparece já inscrito no nome, na linguagem que se oferece aos seus habitantes, o

⁴⁹ O próprio termo *buffet* também possui origem estrangeira e seu significado pode ser observado no primeiro capítulo desse trabalho. Esse termo é incorporado à língua portuguesa junto à prática de comer, o que o coloca próximo da ideia de “banquete”.

que as tornam seletivas e classificatórias aos aptos a participarem daquele espaço. A procura por palavras atraentes, ousadas e caprichosas para os *buffets* possui, além de afirmar possíveis qualidades e substantivos aos serviços que se oferecem, uma outra intencionalidade: a seleção silenciosa para o consumo temporário, uma vez que nem todos podem reconhecer a margem que se cria nas fronteiras entre as festas e a sua linguagem antes da contratação.

Abaixo apresentamos algumas fotos dos *buffets* encontramos nos bairros de Moema e Indianópolis.

BUFFETS EM MOEMA E INDIANÓPOLIS



Foto 1 - Buffet Infantil Pee Ka Boo (Av. Moema)



Foto 2 - Buffet Infantil Traquinagem. (Av. Jurema)



Foto 3 - Buffet Wally Dolly (Av. Anapurus)



Foto 4 - Buffet Infantil Mega Circus (Avenida dos Imarés)



Foto 5 - Buffet Infantil Magic Fantasy (Av. Jamaris)



Foto 6 - Buffet Sonho Colorido. (Avenida dos Jurupis)



Foto 7 - Buffet Funny Days (Av. Açocê)



Foto 8 - Buffet Hora da Alegria (Avenida Moaci)



Foto 9 - Buffet Willy Billy (Av. Chibará) Chibará)



Foto 10 - Buffet Toca do Coelho (Av. dos Chibará)



Foto 11 - Buffet Anarkia Park (Av. Divino Salvador)



Foto 12 - Buffet Circus (Alameda dos Aicás)



Foto 13 - Buffet Jurassic (Av. Bem-te-vi)



Foto 14 - Buffet Actual (Av. Cotovia)



Foto 15 - Buffet Universo Feliz (Av. Gaivota)



Foto 16 - Buffet Toys Dolls (Alameda dos Tupiniquins)

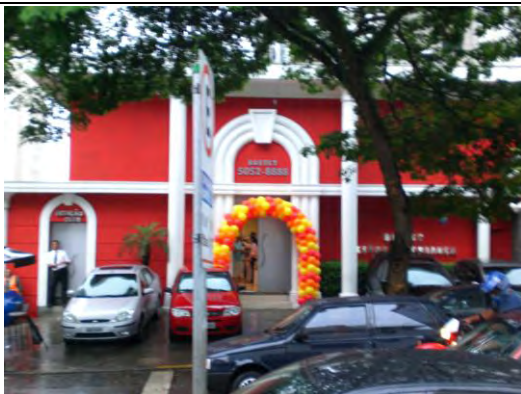


Foto 17 - Buffet Estação Criança (Av. Arapanés)



Foto 18 - Buffet Fun Club (Avenida Imarés)



Foto 19 - Buffet Sunny Day (Av. Canário)



Foto 20 - Buffet e Eventos Saint Morit's (Alameda dos Aicás)



Foto 21 - Buffet Trick and Treat (Av. Pavão)

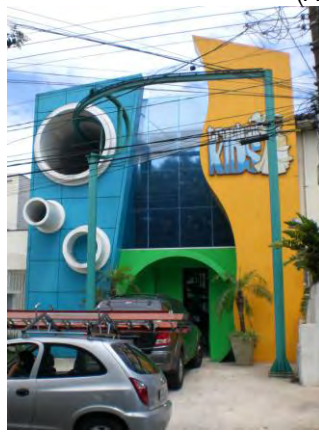


Foto 22- Buffet Tropical Kids (Al. dos Aicás)



Foto 23 - Buffet Oceano (Av. dos Chibarás)



Foto 24 - Buffet Estação Club (Avenida Arapanés)



Foto 25 - Buffet Delphos (Av. Turim)

Fotos: SANTOS, R. G. C.

AS ATIVIDADES DOS BUFFETS

Todas as atividades econômicas são agrupadas dentro de um cadastro oficial utilizado na formalização e reconhecimento delas no território brasileiro. Esse cadastro facilita a organização bem como a separação por setores que agrupam e ordenam níveis distintos de atividades. As empresas de *buffet* são aquelas que prestam serviços às famílias e estão cadastradas dentro do CNAE 2.0 (Cadastro Nacional de Atividades Econômicas) por meio da seguinte hierarquia:

<p style="text-align: center;">Seção: Alojamento e Alimentação</p> <p style="text-align: center;">Divisão: Alimentação</p> <p style="text-align: center;">Grupo: Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada</p>
--

O cadastro nacional utilizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ajuda na organização das atividades desenvolvidas, reconhecendo suas diferenças, sobretudo pelo tipo da atividade comercial desenvolvida⁵⁰. A expansão do setor terciário no final do século XX revelou a necessidade de estudos a fim de nortear os valores e os níveis de expansão de cada atividade, o que se traduz pela necessidade dos estudos sobre a consolidação desse ramo empresarial. O IBGE publica desde 1998 o PAS (Pesquisa Anual de Serviços). O PAS representa a principal fonte de dados⁵¹ sobre a estrutura dos serviços empresariais não-financeiros, com detalhamento regional e informações relevantes para os planejamentos público e privado, e para a comunidade acadêmica. O PAS diz respeito à abrangência de um conjunto de atividades com características econômicas diversificadas e genericamente referidas como setor de serviços, correspondendo às seções da CNAE.

Apresentamos abaixo alguns dados que permitem nortear algumas características ligadas aos serviços prestados às famílias. Os dados apresentados foram retirados do PAS e apresentam um interessante conjunto que se somam ao

⁵⁰ A consulta ao CNAE 2.0 pode ser feita na Internet por meio do site: <http://www.cnae.ibge.gov.br/>

⁵¹ O cadastro básico de seleção da PAS 2005 foi construído a partir do Cadastro Central de Empresas – CEMPRE, atualizado, na ocasião, pelos resultados da Pesquisa Anual de Serviços 2004, pela Relação Anual de Informações Sociais – RAIS 2004, e pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – CAGED do Ministério do Trabalho, totalizando 1.485.884 empresas de serviços.

corpo do trabalho. O gráfico abaixo revela a porcentagem do pessoal ocupado em relação às diferentes atividades prestadas às famílias.

Participação das atividades no segmento de Serviços prestados às famílias no Estado de São Paulo - 2005

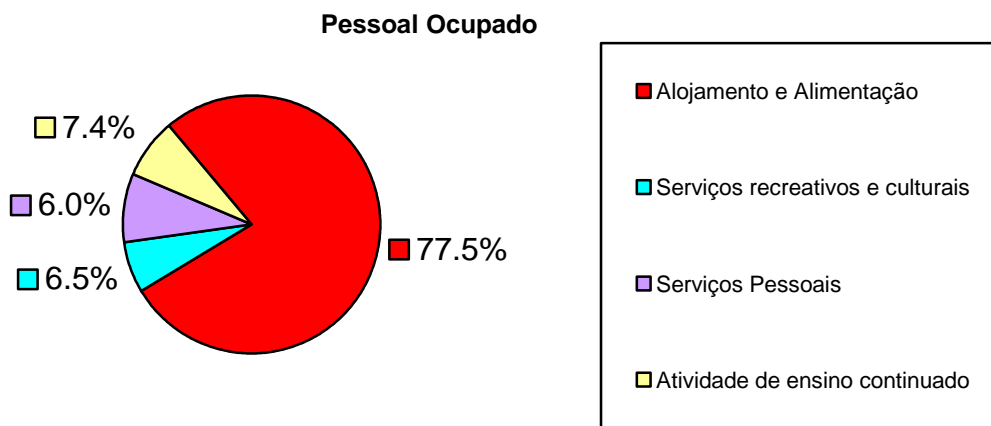


Gráfico 5 – Participação das atividades no segmento de serviços prestados às famílias. Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Serviços 2005. Org.: SANTOS, R. G.C.

O gráfico acima revela a participação das atividades prestadas às famílias brasileiras no ano de 2005 no que se refere ao pessoal ocupado. O grupo de atividades prestados se dividem em 4 atividades diferenciadas: serviços de alojamento e alimentação, atividades recreativas e culturais, serviços pessoais e atividade de ensino continuado. Os serviços de alojamento se distinguem dos de locação de imóveis pela curta duração da disponibilidade do local de alojamento, salvo os coletivos (pensionatos, casas de estudante), tradicionalmente tratados dentro deste segmento. Já os serviços de alimentação têm como característica o preparo das refeições para consumo imediato, sendo ou não completo (para efeito de classificação, entende-se como sendo completo a unidade que tem serviço de mesa, independentemente do pessoal encarregado de servir as refeições ter outras funções dentro da unidade econômica), a preparação de alimentos por encomenda e a preparação de bebidas para consumo imediato.

As atividades recreativas e culturais envolvem espetáculos (circos, rodeios, discotecas, boates), aquelas relacionadas ao lazer (boliche, bingo, bilhar, parques de diversão ou aquático), as de companhia teatral, música ou semelhante. Os serviços pessoais são entendidos pelos seguintes exemplos: lavanderias e tinturarias, atividade de manutenção do físico corporal, atividades funerárias,

saunas, termas, cabeleireiros e salões de beleza, tratamento de pele etc. Por sua vez, as atividades de ensino continuado correspondem às escolas (incluindo nesse campo escolas de idiomas e informática).

No Estado de São Paulo, os empregos gerados no setor de serviços que atendem às famílias é de quase 80%, a partir das atividades de alojamento e alimentação. Os dados ainda revelam faixas pequenas de pessoal ocupado, destinadas ao setor de serviços recreativos e culturais (6,5%), Serviços Pessoais (6,0%) e as atividades de ensino continuado (7,4%).

O gráfico abaixo nos mostra os números de empresas nas atividades prestadas às famílias. Os números ajudam a compor um diagnóstico sobre esse tipo de serviço, levando em conta o tipo da atividade exercida e contribuindo para o entendimento das atividades ligadas aos *buffets*.

**Participação das atividades no segmento de Serviços prestados às famílias
Estado de São Paulo - 2005**

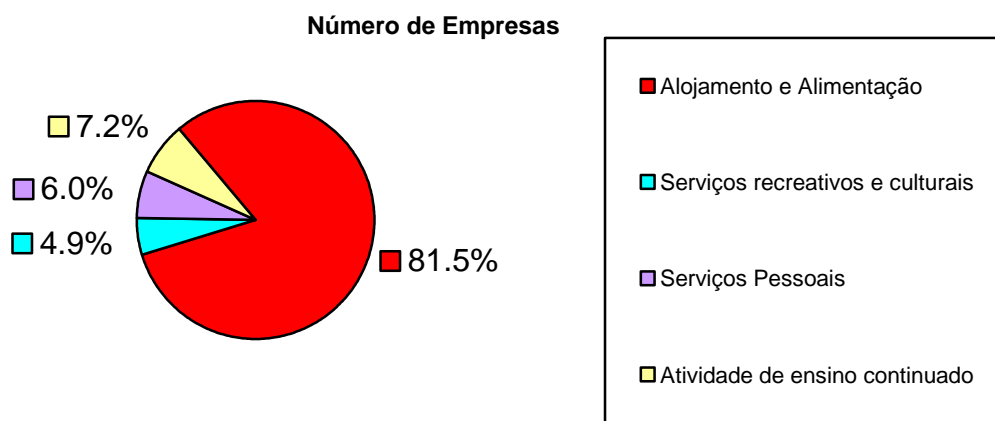


Gráfico 6 – Participação das atividades no segmento de serviços prestados às famílias .
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Serviços 2005.

O Gráfico acima revela em porcentagem a participação das empresas brasileiras no que se refere aos serviços prestados às famílias. Os tipos de atividades neste setor compõem o gráfico que nos mostra em quais atividades estão concentradas as empresas, levando em conta o número de empresas existentes no período indicado. Segundo as informações levantadas, mais de 80% fazem parte do setor de alojamento e alimentação, o que reflete uma boa concentração de empresas nessas atividades. Os outros setores possuem as seguintes faixas de participação: Serviços recreativos e culturais, 4,9%; Serviços Pessoais, 6,0%; e

Atividade de ensino continuado, 7,2%. Notamos, diante dos números referentes às atividades prestadas às famílias, que os serviços de alojamento e alimentação (que incluem as atividades de *buffets*) possuem os maiores índices entre as empresas existentes, o que supõe um desenvolvimento mais acentuado por estar ligada à alimentação. O reconhecimento desses números expõe diretamente nossa observação sobre as empresas de *buffet*, classificadas neste setor. O número de empresas do setor de alojamento e alimentação é superior às demais atividades.

A tabela abaixo é importante para o aprofundamento e a melhor compreensão do que foi exposto até agora.

Média de pessoal ocupado por empresa, salário médio mensal, segundo atividades dos serviços prestados às famílias - Brasil - 2005

ATIVIDADES DOS SERVIÇOS PRESTADOS ÀS FAMÍLIAS (1)	MÉDIA DO PESSOAL OCUPADO POR EMPRESA	SALÁRIO MÉDIO MENSAL (EM SALÁRIOS MÍNIMOS). (2)
Serviços de alojamento	12	2,0
Serviços de alimentação	5	1,5
Atividades recreativas e culturais	5	2,0
Serviços pessoais	6	1,6
Atividade de ensino continuado	5	1,8

Tabela 4 – Média de pessoal ocupado por empresa, salário médio mensal segundo atividades prestadas às famílias. Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Serviços 2005. (1) A definição das atividades que compõem esse segmento difere da utilizada pelas Contas Nacionais. (2) Valores calculados pela divisão dos salários, retiradas e outras remunerações pelo salário mínimo anual, cujo cálculo inclui o décimo terceiro salário, e, em seguida, pelo total de pessoal ocupado nas empresas. O cálculo do salário mínimo anual resultou no valor de R\$ 3.740.

A tabela acima mostra os grupos de atividades dos serviços prestados às famílias, os dados referentes à média do pessoal ocupado por empresa e o salário médio mensal. O grupo possui seis atividades diferenciadas: serviços de alojamento, serviços de alimentação, atividades recreativas e culturais, serviços pessoais, atividade de ensino continuado. Os dados indicam que os serviços de alojamento possuem uma média de doze empregados – bem superior aos demais. Já os serviços de alimentação, atividades recreativas e culturais, serviços pessoais e

atividade de ensino continuado mantêm uma média muito próxima a cinco e seis empregados por empresa.

Os dados referentes ao salário médio mensal indicam os níveis de rentabilidade e de ganho dos trabalhadores empregados nessas atividades. De maneira geral, a média mensal do salário pago atinge a seguinte variação: um e meio até dois salários mínimos. O que os números apontam é uma baixa remuneração nas atividades ligadas a tais serviços, uma vez que cobram uma qualificação mínima dos seus profissionais, muitas vezes sendo estudantes, jovens e adolescentes, em que se encontram uma grande quantidade de mão de obra disposta a exercer tais atividades. O grau de qualificação desses profissionais confronta-se com habilidades que se tornam cada vez mais recorrentes. Trata-se do bom atendimento com o público, a habilidade comunicativa, a criatividade e os desafios entregues ao profissional do século XXI, apto a aprender incessantemente com as novas situações. Acompanhe o gráfico abaixo a respeito do faturamento obtido pelos serviços de alimentação e alojamento no Estado de São Paulo no período de 2003-2006.

Receita bruta (em milhões de R\$) dos serviços de Alimentação e Alojamento no Estado de São Paulo (2003-2006).

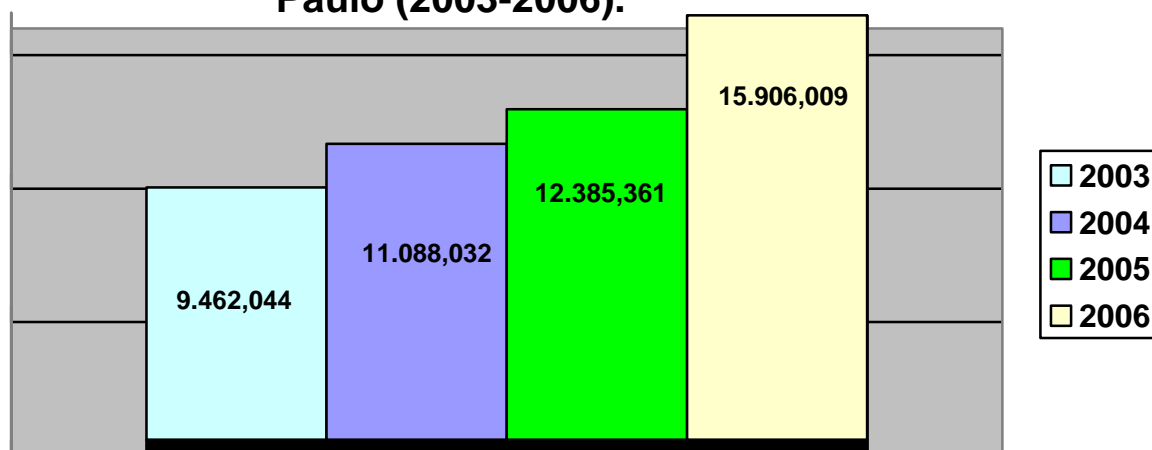


Gráfico 7 : Receita bruta dos serviços de alojamento e alimentação 2003-2006 no Estado de São Paulo. Retirado do: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Serviços 2005 Org. SANTOS, R. G. C.

O gráfico acima revela a receita bruta dos serviços de alojamento e alimentação no Estado de São Paulo em 2003-2006. No período analisado, é possível verificar o aumento gradativo da receita bruta. De acordo com os dados, em

2003 o faturamento quase atingiu nove milhões e meio de reais e, ao passar dos anos, mais precisamente em 2006, aproximou-se da casa dos dezesseis milhões de reais. O gráfico ajuda a compor o crescimento da seção em que se encontra classificada as atividades de *buffet*, o que deve ter contribuído para o aumento do faturamento indicado.

MAPEAMENTO DOS *BUFFETS* EM MOEMA, NA CIDADE DE SÃO PAULO.

Os mapas ajudam na compreensão do espaço na qual torna-se possível a leitura de sua organização. Para os estudos urbanos, a análise deriva a partir de dois pontos fundantes: a morfologia espacial e o seu conteúdo socioespacial. O primeiro nos fala das formas espaciais e da sua disposição no espaço, levando em conta sua localização, concentração e configuração. O segundo diz respeito ao processo de apropriação do espaço, levando em conta as relações sociais em todas suas dimensões (política, ideológica, social, econômica etc.). A prática socioespacial se refere às relações sociais que constroem a materialidade do espaço. O espaço, dessa maneira, é visto pela sua característica material na qual o homem dele se apropria, transformado-o por meio do trabalho. Sendo assim, o conteúdo social revela em que condições o espaço é materializado, o que afirma sua produção mediada pela propriedade privada. Sobre esse dois aspectos, Sposito nos ajuda:

No plano da materialidade, temos na cidade como uma forma espacial que podemos cartografar, medir, percorrer, fotografar. No plano processual, temos a urbanização como dinâmica através da qual podemos compreender as mudanças mais significativas do mundo industrial (e pós-industrial) (1999, p.86).

Ao atentar para a organização espacial é necessário admitir a espacialidade atual que orienta a existência dos *buffets*. Assim, a realidade do bairro comporta uma organização que contém uma história e, portanto, um desenvolvimento orientado, produzido, que ao longo do tempo apresentou diversas espacialidades. A organização espacial vai se diferenciando historicamente produzindo alterações visíveis e consentindo peculiaridades ao espaço. O desenvolvimento de formas comerciais aptas a integrarem o contemporâneo evidencia os investimentos de uma

época em que o capital se apropria de todos os tempos distantes da fábrica e sinaliza a confecção de modos de vida distantes e dissociados da vira rural e de bairro. Como sugere Carlos (2000):

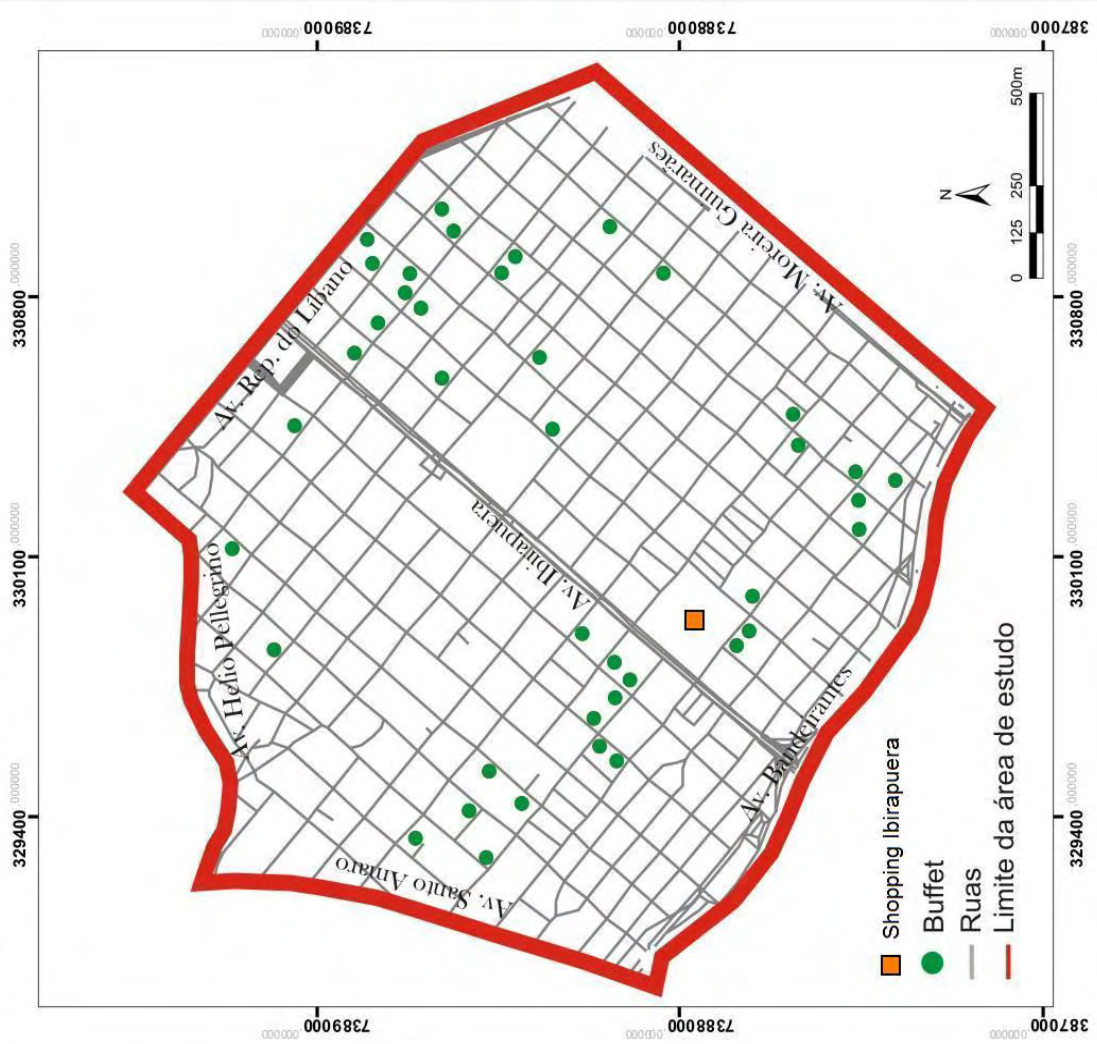
A apropriação do espaço para a vida, que se vai transformando em função das estratégias do poder e do capital no espaço, modifica a vida na metrópole, aparecendo pela imposição de um novo modo de apropriação do espaço, bem como novos modos de agir, sentir e perceber. (p.217)

A vida da metrópole é gerida diante das estratégias que capturam os momentos diários e os inscrevem na lógica do valor. A festa encontra-se vislumbrada pelos profissionais instigados pelas possibilidades de uma realização particularizada, fechada. A imposição, sutil, desses modelos de festas e de uso do espaço dos *buffets* acontece na ampliação, sempre ilimitada, da atividade produtiva que orienta a própria festa e o uso (privado) do espaço.

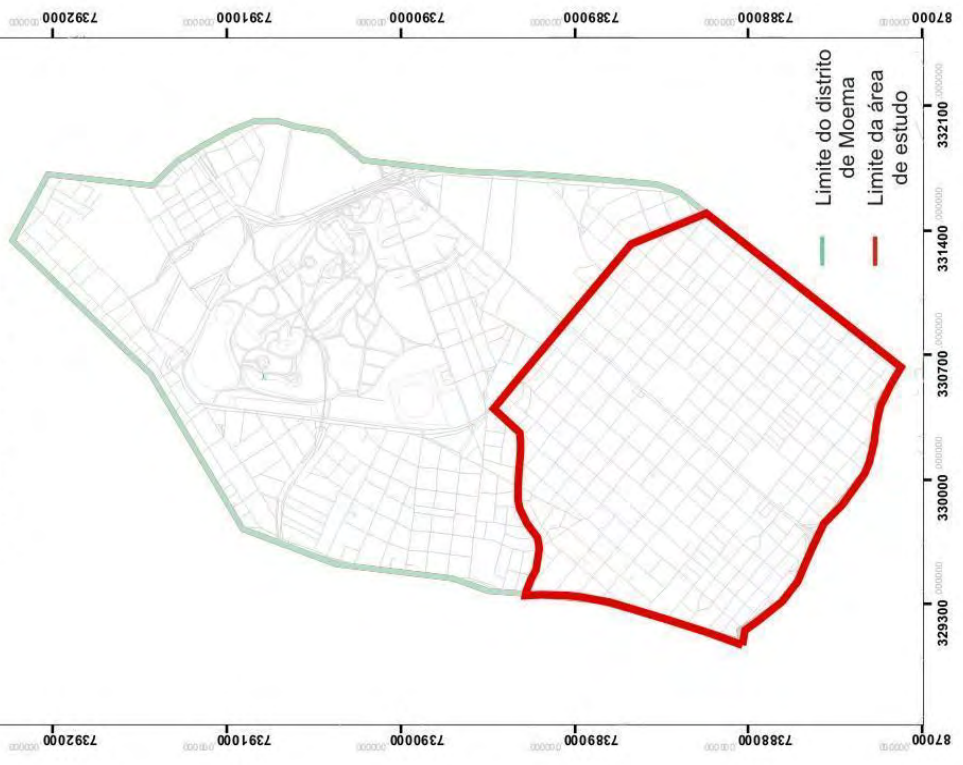
O centro das preocupações reside no desvendamento do uso do espaço, que se revela na prática socioespacial, no plano do vivido como modo de apropriação dos lugares onde se realiza a vida cotidiana; um espaço submetido ao valor de troca pela generalização do mundo da mercadoria, que hoje está na base do entendimento da metrópole” (CARLOS, 2000, p. 214).

A espacialidade contemporânea, observada pelos bairros do presente estudo, comporta as atividades de *buffets* e indica a localização desses estabelecimentos. Abaixo, apresentamos o mapa que mostra a presença e a disposição dessas formas comerciais no espaço analisado.

LOCALIZAÇÃO DOS BUFFETS NA ÁREA DE ESTUDO



LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO NO DISTRITO DE MOEMA



O mapa revela a distribuição dos *buffets* nos bairros de Moema e Indianópolis. Primeiramente, trata-se de ler as informações do mapa apontando os detalhes observados. Neste primeiro momento, apontamos noções como **vizinhança, proximidade e sequência** na localização dos *buffets* nesses bairros. É possível observar a proximidade desses serviços, evidenciando pequenas concentrações dentro dos bairros no que se refere à instalação e ao exercício dessas atividades. Existem diversos pontos no mapa em que é possível reconhecer a proximidade com maior nitidez. Nas avenidas Açocê e Chibarás, o mapa indica a proximidade de *buffets*, principalmente infantis. Outro ponto destacável é a Avenida dos Imarés, próxima ao Shopping Ibirapuera, na qual encontramos estabelecimentos infantis e destinados à faixa adulta. Mais um ponto importante, são as ruas próximas à Avenida Pavão e Avenida Cotovia, definindo um espaço privilegiado para sua visualização.

Ainda em relação ao mapa, é possível reconhecer a relação de vizinhança que alguns *buffets* mantêm com outros, realizando suas atividades muito próximo dos concorrentes. Nota-se, por exemplo, a existência de dois *buffets* em uma mesma quadra, que aparece na Avenida Moema. A disposição desses serviços aponta ainda uma sequência, uma continuidade, ao longo dos bairros e que é dada pela quantidade de estabelecimentos concentrada nesta região. Em algumas ruas, por exemplo, é possível encontrar vários separados por quadras, o que em outras palavras, permite a qualquer pessoa visualizar tal contingente, como, por exemplo, a Avenida dos Chibarás.

Os *buffets* revelam ainda uma concentração diferencial em certos lugares, em que aparece um contorno por parte dessas atividades em relação a centros comerciais. Esse envolvimento dos *buffets* com outras formas comerciais se justifica pelo fato de que existem em Moema uma forte concentração de serviços de varejo atraindo investimentos e consumidores do próprio bairro e de áreas vizinhas. O contorno observado no mapa destaca, por exemplo, o Shopping Ibirapuera. Existe, de toda maneira, uma presença acentuada de estabelecimentos desse serviço próximos ao Shopping, uma vez que se reconhece o fluxo de carros e pessoas que circulam nas avenidas e ruas da proximidade atraídas para a visitação e o consumo. Um dos fatores para a localização dos *buffets* no Bairro de Moema e Indianópolis é a

existência de escolas⁵² que conferem um público importante para a instalação das empresas. Como relata um trecho da revista *Festas Infantis*:

Para um *buffet* infantil não há melhor vizinho do que uma escola. Afinal, é lá que estão os maiores clientes, as crianças. E nada mais prático para os pais do(a) aniversariante e convidados do que oferecer a festa ao lado da escola, principalmente se a idéia for fazer um “pacote escolar”. Nada de se preocupar com condução, ou com o trânsito. As crianças vão a pé para o *buffet*. Não é uma farra? (*Festas Infantis*, 16 ed., fev. 03).

O que nos chama a atenção nos bairros estudados é a concentração dos *buffets* infantis, a maioria, que se aproxima das escolas para garantir sua clientela, utilizando para isso uma proximidade que permite aos convidados se dirigirem a pé para a festa. Esses **kits de festas escolares**, ou pacote escolar, é possível na medida em que existe aproximação *buffet-escola*⁵³. Para tanto, tal ideia faz de Moema um lugar privilegiado para a existência desse tipo de estabelecimento, principalmente infantil, que o coloca próximo das escolas e habitantes com alta renda mensal, o que fatalmente promoverá o negócio. É o que nos mostra a mesma revista:

O “pacote escolar” (30 crianças e 10 adultos) prevê a retirada de crianças na escola e a condução, a pé, para a festa. O número de monitores depende da quantidade de crianças. “Geralmente, sete a nove conduzem as crianças numa espécie de corrente, de mãos dadas. Pelo o menos dois param o trânsito para que as crianças atravessem a rua”, conta Dora Bitterncourt, sócia do *Buffet* (*Festas Infantis*, 16 ed., fev. 03).

Assim, com o apoio e próximos às escolas, os *buffets* se desenvolvem junto aos pequenos consumidores que, por ali estarem, integram potencialmente um conjunto de usuários. De tal maneira, o mapa confere significativo material para a observação da configuração espacial, uma vez que permite entender a territorialização dos serviços de *buffets* reconhecendo os fatores que Moema e Indianópolis possuem para sua instalação.

⁵² Por exemplo, a CEB – Comecinho da vida, Escola Nova Lourenço Castanho, Colégio Augusto Laranja, entre outros.

⁵³ No manual das escolas privadas de São Paulo é possível verificar propagandas que alinham a escola aos *buffets*. Ver **Guia Escolas 2004** – Roteiro Geográfico das escolas particulares de São Paulo. Editora Educacional. Tiragem 60.000 p.28 e 29.

MAS POR QUÊ MOEMA?

A distribuição dos *buffets* no bairro de Moema nos remete a concentração desses serviços, o que está diretamente relacionado à centralidade que essas atividades produzem nesta região, promovendo cada vez mais a afirmação dessa concentração que se identifica com o bairro e é, por várias vezes, exaltada por meio de revistas e matérias jornalísticas.

As vias de acesso ao bairro ajudam o deslocamento e o fluxo de pessoas que circulam promovendo assim a acessibilidade ao comércio que ali reside. Como destaca OLIVEIRA JÚNIOR:

Desta forma, estabelecem-se espaços na cidade que dispõem de uma maior concentração de atividades que concedem a estes espaços um maior poder de articulação. Assim, estes espaços exercem atração sobre as demais parcelas do tecido urbano e constituem uma centralidade urbana, que compreende também uma área capaz de gerar e manter fluxos (de pessoas, capitais, mercadorias etc), e não apenas concentrar determinados fixos. (OLIVEIRA JÚNIOR 2008 p.68)

Moema vai aos poucos criando para si uma identificação sobre as atividades de *buffets*, principalmente os infantis, que na verdade exibe para todos uma articulação entre sua localização e a cidade, o que pode ser acompanhada pelos seguintes fatores: proximidade com o centro e formação de um padrão de localização para tais atividades que se vinculam diretamente à: presença de avenidas importantes com grande fluxo diário permitindo deslocamentos intra-urbanos vinculados ao acesso para o consumo; proximidade com escolas de pequeno e médio porte; localização estratégica junto a residências de grande poder aquisitivo vinculado à renda dos habitantes do bairro; distribuição dos *buffets* com relações de vizinhança, proximidade e seqüência o que, na verdade, fortalece e estimula o reconhecimento da centralidade que se afirma por tais atividades, visto que essas relações são percebidas na realização das funções diárias dos seus habitantes.

Moema foi aos poucos promovendo atividades do comércio na qual hoje é possível entender os apelos que se criam, não sem antes reconhecer que eles estão realmente ali concentrados, para associá-la aos *buffets*. Sposito nos ajuda sobre a

constituição do conceito de centralidade e sua transitoriedade ao longo do tempo transcorridos no espaço.

A centralidade pode ou não ser fugaz, efêmera ou transitória, porque ela não se institui apenas pelo que está fixo no espaço, mas pelas mudanças ocorridas no decorrer do tempo, no uso, apropriação e sentido dados aos espaços e deles apreendidos. (SPOSITO, 2001, p. 239)

Dessa maneira, como exposto acima, é possível situar a centralidade conferida a Moema se entendermos no espaço as novas expressões de centralidade que ganha força ao sinalizarmos a concentração existente no bairro, o que certamente nos coloca diante de um fragmento do espaço da cidade que se especializa, em meio ao tecido urbano, para atender a instalação do comércio na demanda por lugares destinados aos *buffets*, o que levará a entendermos os investimentos e a valorização da terra, atrelado à reprodução do espaço urbano.

A seguir discutiremos, a sociabilidade inscrita na vida de bairro entendendo a princípio as transformações da festa em meio às mudanças no modo de vida urbano. Recuperamos algumas considerações sobre festas na cultura popular presente na cidade, assim como festas domiciliares para retratar o papel dos *buffets* na promoção dos seus serviços no cotidiano.

CAPÍTULO 3

AS TRANSFORMAÇÕES DA FESTA - A MODERNIZAÇÃO INQUIETANTE

O elo entre *mais* e *melhor* foi rompido: para muitos dos produtos ou serviços, nossas necessidades estão completamente satisfeitas e muitas de nossas necessidades insatisfeitas não serão cumpridas produzindo mais, mas produzindo de *outro modo, outra coisa*, ou até mesmo produzindo menos. Isto vale, em particular, para nossas necessidades de ar, de água, de espaço, de silêncio, de beleza, de tempo, de contatos humanos. (*A metamorfose do trabalho. André Gorz*)

Esse capítulo explora mudanças no modo de festejar ocorridas ao longo da formação dos bairros da região sul (Indianópolis, Moema, Vila Nova Conceição etc) em vista da consolidação da vida urbana na metrópole paulista. Discutiremos transformações em curso na utilização de espaços necessários à realização de festas. Buscamos entender como surgem formas do comércio aptas a integrarem o conteúdo diário permeado pela produção social da festa. O caminho desse capítulo é orientado pela segunda fase do método de Lefebvre em que buscamos raízes históricas para a compreensão das transições do modo de festejar em meio à consolidação da vida urbana. Trata-se de buscar elementos, datados, da evolução da cidade, reconhecendo a diversidade dos ritos.

Não se trata de lamentar a perda de uma suposta autenticidade festiva, mas de retratar com qual indelicadeza a pobreza festiva é assumida no processo de recriação dos modos de festejar advindos dos níveis de urbanização da sociedade

contemporânea. O descompasso entre a oferta e a procura desses modos de festejar dentro do urbano revela condições que conclama um vir a ser outro - uma festa que em meio ao comércio seja apropriação indébita. Entre a quantidade disponível de *buffets* e a oferta desses serviços existe uma nebulosa presença que a reprodução do capital encontra abrigo e faz a sua morada. Na vida diária a festa acontece em ambiente privado assumindo assim um deslocamento silencioso que acena às “novas” orientações de ritos. Com efeito, nos dias atuais ela naturaliza-se diante de mudanças significativas no modo de vida que se consolida.

A expansão dos investimentos das empresas na produção de festas na cidade acontece em um momento distante da fábrica. O tempo de repouso, ou de descanso da mão de obra, é introduzido em um tempo produtivo cujas origens remontam à fábrica e à busca da realização do lucro. O conteúdo da vida diária se assenta na racionalidade produtiva que se pulveriza sobre ela e introduz lógicas que implicam orientações para os moradores da cidade, consagrando um **modo de vida urbano**. Trata-se de analisar a expansão do capital que leva consigo um tempo-espaço produtivo cujas consequências fazem da festa um produto empobrecido e incorporado na **reprodução das relações sociais de produção**.

A produção do espaço atesta um modo de confraternização preso à reproduzibilidade das relações capitalistas de produção. Ao entender o espaço em que a festa encontra-se preparada e oferecida ao consumo das famílias existe um tempo e um espaço que se realizam. O que em outras palavras, naturaliza-se nas fachadas de vitrines, nos espaços intra-muros. Ao realizar a vida urbana, a vida rápida e produtiva, há uma fragmentação dos modos de festejar, submissos agora às empresas e profissionais definidos à reprodução diária, cuja pobreza assume o sentido da mercantilização desses momentos antes mais inscritos à casa, à intimidade familiar, aos bairros. Sua apropriação não acontece quando empresas tomam a rédea e conduzem os eventos pois inviabiliza o sentido do “fazer”, do “criar” cuja força, pouco descoberta, reclama à programação diária. Nas palavras de Lefebvre:

O normal torna-se habitual e o habitual se confunde com o natural e o próprio natural se identifica assim com o racional, formando-se um circuito ou um fechamento. Nessa lógica aparente (e forçada), nesse naturalismo que duplica o racionalismo, as contradições se dissipam: real e racional se identificam, realidade e fantasia se misturam, saber e ideologia se confundem. (1997, p.128)

A estruturação desse capítulo só pode ser acompanhada se entendermos a necessidade de apropriação da festa enquanto prática inerente à vida. Tal apropriação leva em conta o espaço, e os significados implícitos à organização do evento, reconhecendo, o que hoje, crava sua intencionalidade. A festa estipulada, ou de contrato⁵⁴, revela a necessidade de uso de espaço e da festa para além da lógica do valor.

Existe um elo perdido entre festa nos bairros, populares, e as sociabilidades que sugerem a eclosão de um rito empobrecido e fragmentado nos dias atuais. A rua aponta para um espaço destituído de sociabilidades e também para o desperdício. Ela é um elemento indispensável aos momentos festivos pois retrata a forma como os habitantes se dirigem ao espaço público, onde o ritual se consagra. Além de passagem, ela cruza as transições da festa e do festivo na qual é possível perceber seu esvaziamento. Com efeito, ela serve de termômetro e indica os níveis de apropriação nos momentos fora do trabalho, em que estávamos mais aptos a servir-se dela como uso, como posse.

A sociedade que se assenta sob a reprodução ampliada da riqueza abstrata, expressa em sua forma monetarizada, tem, como pressuposto e resultado, o desenvolvimento das forças produtivas. Sob este aspecto, o próprio espaço produzido por tal desenvolvimento, no mundo moderno, é, ele mesmo, uma força que intensifica a produtividade fundamentada pela reprodução ampliada do valor. (ALFREDO, 2006, p. 63)

O espaço também adquire sua forma monetarizada, entendendo-o como produto e meio das relações sociais que serve à acumulação em que é oferecido em parcelas cada vez mais fragmentadas, onde instala certas atividades que se especializam. O parcelamento do solo urbano acompanha esses serviços onde a propriedade privada reitera a forma com a qual os espaços são cada vez mais disponibilizados. Como revela Martins:

A mercadoria que vendem é o espaço, que comporta um cotidiano, um certo modo de vida (ou sua representação), com os signos de prestígio, de status social, de relação com o tempo (de deslocamento para determinados lugares), inclusive para o lazer, concebido de antemão (2006, p.105).

⁵⁴ Em relação aos serviços de *buffet*, a festa exige um contrato que delimita as funções oferecidas pelos serviços, estabelecimentos.

Os espaços dos *buffets* consagram a realização do ritual cujo tempo e espaço são próprios, um serviço que compartilha o sentido da festa, formaliza, e o introduz em uma forma fechada, seletiva.

A formação dos bairros e o crescimento rápido da cidade de São Paulo impõem outros ritmos de vida e formas diversificadas de gozo coletivo em que a festa e o festejar se transformam. Com isso, a festa ganha sentido dentro da vida de bairro. Tal forma de convívio conserva um tempo lento, menos preso à produtividade, orientado pelas relações comunitárias que consagram relações que firmam certos modos de vida. No bairro, os aspectos da vida diária permeiam o sentimento de coletividade que se desenvolve inclusive por meio das festas produzidas pelos habitantes. A vida dali é uma etapa para entendermos as transições da festa a partir de tempos históricos dissociados que consagram mudanças acentuadas nos rituais coletivos. Ao passo desse capítulo, ilustraremos a passagem da festa, incluindo o desenvolvimento dos primeiros povoados, a vida de bairro e a consolidação da vida urbana. As transições festivas evidenciam aspectos inerentes a formação da cidade, que perde seus laços primitivos e se despede da sua riqueza para ser artigo comercial.

A consolidação da vida na metrópole atesta com que maneira somos convidados a entender a festa, de modo a indicar, a existência de outras sociabilidades que são envolvidas nos processos e assim nos sugere Martins :

A diversidade dos tempos históricos que se combinam nessa modernidade difícil [...] incorpora a cultura popular que pouco ou nada tem de moderno; mas insisto, incorpora também efetivas relações sociais datadas, vestígios de outras estruturas e situações que são ainda, no entanto, realidades e relações vivas e vitais. E que anunciam a historicidade do homem nesses desencontros de tempos, de ritmos e de possibilidades, nessas colagens (2000, p.22).

Supor o desenvolvimento de uma forma comercial “nova” que abriga festas e eventos é enveredar por transformações no modo de festejar. Tais formas sugerem o desenvolvimento de relações que se adaptam para uma festa ligada a espaços privados, preparados, que anuncia distanciamentos dos eventuais ritos coletivos dos bairros, das praças e dos domicílios. Essa transição, como nos sugere, Martins (2000), absorve elementos das festas antes pertencentes a outros ambientes e

propõe mudanças ao ritual – da casa ao *buffet*. O desenvolvimento dessa forma de festejar revela as nuances de uma festa que vai se especializando, mas mantendo relações que as estruturam com os rituais coletivos de outrora. Nos *buffets*, elas se estruturam pelo e a partir dos rituais domésticos e não rompem com a forma do ritual, pelo contrário, ela se adapta e consagra elementos que integram um serviço rigoroso.

A festa se desloca para espaços especializados reconhecendo nesse movimento transformações na dimensão do vivido. A realização da vida diária confronta-nos, agora, com o sentido celebratório que se consagra em ambientes fragmentados. Como destaca Magnani (2000) sobre os bairros paulistanos:

E o que se viu foi um amplo e variado espectro de usos do tempo livre nos finais de semana dos bairros de periferia: circos, bailes, festas de batizado, aniversário e casamento, torneios de futebol de várzea, quermesses, comemorações e rituais religiosos (católicos e dos cultos afro-brasileiros), excursões de “farofeiros”, passeios etc. São, evidentemente, modalidades simples e tradicionais, que não têm o brilho e a sofisticação das últimas novidades da indústria de lazer, nem apresentam conotações políticas ou de classe explícitas, mas estão profundamente vinculadas ao modo de vida e às tradições dessa população (p.31)

Os bairros consagram movimentos mais libertos no que se refere à espontaneidade e ao uso do tempo pela coletividade, o que inclui diretamente o festivo⁵⁵. A vida na metrópole vai aos poucos redefinindo o seu modo de vida e as tradições de uso do tempo livre, o bairro cada vez mais perde sua possibilidade de encontro e de produção de sociabilidades mais libertas e autônomas. As formas de celebração e exagero marcam formas simples que reservam um sentido do encontro por meio do uso do espaço e da invenção do tempo. Como destaca Perbart:

Na subsunção formal certo domínios da vida, como o tempo de lazer, a fé, as relações familiares não eram ainda inteiramente penetrados pelo que constitui o eixo do capitalismo, a relação mercadoria/consumidor e trabalhador/capitalista. **Ou seja, aquilo que se costuma definir como “privado” preservava ainda alguma autonomia.** (1989, p.33) grifo nosso

⁵⁵ Mesmo que festivo não se refira exclusivamente a festa, é preciso reconhecer sua amplitude nos movimentos de bairro, englobando para isso práticas corriqueiras e usuais. O festivo é o clima que consagra uma certa celebração que nem sempre ganha evidência de festa, mas de coletividade, celebração disfarçada e imprudência no emprego do tempo. Para isso, ele adquire sentido para além das festas.

A consolidação do modo de vida urbana sugere mudanças e insere, sem dizer, suas marcas na vida em grupo. O uso do tempo livre, as formas distintas de sociabilidade conduzidas nas vilas e pequenos bairros atestam um sintoma de convívio rico, uma possibilidade de apropriação do tempo e do espaço, uma possibilidade inclusive da festa, em que as horas e o sentido de vida comum, se firma em alto silêncio.

A cultura popular carrega consigo o seu tempo histórico, que só lentamente se dilui para dar lugar a formas culturais desenraizadas e, portanto, desprovidas dos liames de autenticidade que lhes davam sentido em outros tempos e situações, isto é, formas puras e intercambiáveis. Sem dúvida a modernidade pode fazer do tradicional e do costumeiro, realidades descartáveis, dos quais necessita como puras formas. Mesmo aí, a recuperação da cultura popular e do tradicionalismo que ela expressa e contém não pode ser integrar na modernidade senão como anomalia e problema (MARTINS, 2004, p.33).

As palavras de Martins indicam o que de costumeiro ocorre na eclosão de um modo de vida que se liga, sem limite, ao descartável e ao postiço. A festa em casa, em domicílio, reforça laços de parentesco e de vizinhança e reitera a abertura do espaço doméstico em nome do ritual que consagra significados aos participantes. Aos poucos, a festa vai se deslocando desse espaço diluindo hábitos e promovendo serviços que retiram dos habitantes a possibilidade de “preparar” seu próprio ritual. A cultura popular reflete os usos distintos do tempo livre inscrevendo rotinas, como por exemplo, o “tradicional” churrasco do final de semana, cujo significado atesta um tempo que passa e defronta um simbólico uso do tempo e do espaço dos “chegados”. O bairro revela detalhes mais rigorosos da celebração que promovia uma ruptura à produtividade, o que pode ser notado antes na sociedade rural que

... era (ainda é) a da não abundância, da penúria, da privação aceita ou repudiada, das proibições que dispunham e regularizavam as privações. A sociedade rural foi aliás a sociedade da Festa, mas este aspecto, o melhor deles, não foi retido, e é ele que é preciso ressuscitar e não os mitos e os limites! (LEFEBVRE, 2001, p. 107)

O entendimento da festa consagra mudanças nas formas de vida, o que não exclui contradições desse movimento. O desenvolvimento das formas de festejar contemporânea (o que inclui diretamente a oferta dos serviços de *buffets*) qualifica

um modo que se quer positivo em que a apropriação do espaço e do tempo, em nome do ritual, contribua para afirmação da vida na metrópole. A passagem da vida rural à vida urbana leva em si transformações na qual Lefebvre destaca a passagem da escassez à abundância. A sociedade rural, da escassez e do limitado, leva em conta o contato com a natureza as mudanças das estações do ano e a chegada da colheita. A produção social da festa no ambiente rural indica uma limitação (material) das confraternizações, mas, por outro lado, a torna rico momento de encontro em que o evento é entrega do corpo, da construção coletiva e do possível.

Hoje, torna-se ilimitada e é assumida dentro da produção capitalista cujo apelo faz uma possibilidade fácil de gozo artificial em que a afirmação positiva se assume - sem crítica e com entrega pacífica dos consumidores⁵⁶. Nesse ponto, Lefebvre (1997, p.64) aponta:

Existe efetivamente uma passagem da escassez à abundância, da produção insuficiente a um consumo imenso e mesmo a um superconsumo (desperdício, gastos com suntuosidade e prestígio etc.) nos ambientes do capitalismo modificado. Existe passagem da privação ao prazer, do “homem” das necessidades pobres e escassas ao “homem” das necessidades múltiplas e ricas (em capacidade de ação e de prazer), mas essa passagem, como as outras transições, ocorre de maneira penosa, arrastando consigo algo do passado, sob a influência de imposições pouco claras. Existe passagem de uma velha cultura alicerçada na limitação das necessidades, na “economia” e na administração da escassez à nova cultura baseada na abundância da produção e o sentido da atividade criadora se transformaram em ideologia do consumo”.

A festa rural, com seu tempo lento e limitado às condições de época mantém em si as bases de subsistência coletiva que indicava limites precisos ao próprio envolvimento dos participantes. Ela se consagra às necessidades do encontro, da qualidade e do usufruto do tempo. Na vida urbana, com distanciamento da vida de bairro, ela entra na ordem da produção ilimitada e da invenção renovada dos atributos que a consagram dentro das novidades técnicas. A abundância de *buffets* sugere a possibilidade de consumo orientado, o que levará os modos de festejar a se comprometerem menos com o improvisado e mais inclinados à aceitação comercial e à administração coletiva. É sobre a dimensão do vivido que repousa as

⁵⁶ É fato considerar a relação existente entre a expansão das festas – tendo em vista os investimentos de empresas da realização de circuitos de festas – e a sintonia com a busca do prazer imediato. Há, com efeito, um sintoma que faz da festa um elo sutil entre o prazer, no seu apelo “bonachão”, e a oferta radiante capaz de realizar a mercadoria-festa.

transformações nos modos dos rituais coletivos antes inscritos às casas, aos bairros que agora se vê imerso em dispositivos açambarcando a alegria.

A vida cotidiana apenas se esboçava nos meandros patológicos de um crescimento que abria, para muitos, limitadas oportunidades de ascensão social com base não raro no trabalho bruto e no salário injusto. Ascensão que se negava na contrapartida das formas marginais e excludentes de inserção social dos mais desamparados. A cidade não fora ainda inteiramente dominada pelo urbano propriamente dito, as relações sociais e a vida marcadas e dominadas pelo urgente e provisório, pelo transitório e fragmentário, o tempo curto de todo dia. (MARTINS, 2004, p.177)

A consolidação da festa urbana põe em jogo os usos limitados pela propriedade privada do solo urbano em que o valor reitera as fronteiras de convívio coletivo em lugares fechados. O consumo se estrutura e guia horizontes destinando ao jogo de mercadorias que consagra estilos de vida tipificados. É nesse sentido que Lefebvre destaca:

A cidade historicamente formada não vive mais, não é mais apreendida praticamente. Não é mais do que um objeto de consumo cultural para os turistas e para o estetismo, ávidos de espetáculos e do pitoresco. (2001, p.104).

A vida de bairro revela a forma com a qual era preenchida por variações e sentidos diferentes. Os bairros consagram relações comunitárias em que a partilha e o sentido coletivo são afirmados em nome do grupo, em prol da identidade que se cria ora pela origem, ora pelos hábitos das comemorações. A cultura popular, dona de sociabilidades mais espontâneas, vai aos poucos se limitando com a metrópole, fundamentalmente, no uso dos espaços. Hoje, as relações produtivas fazem da festa um campo privilegiado para a expansão de serviços junto ao comércio. Mais uma vez aponta Lefebvre:

O capitalismo não subordinou apenas a si próprio setores exteriores e anteriores: produziu setores novos transformando o que preexistia, revolvendo de cabo a rabo as organizações e as instituições correspondentes. É o que se passa com a “arte”, com o saber, com os “lazers”, com a realidade urbana e a realidade quotidiana. Este vasto processo, como sempre, reveste-se de aparências e mascara-se com ideologias. Por exemplo, devastando obras e estilos anteriores para transformá-los em objetos de produção e de consumo “cultural”, a produção capitalista retoma estes estilos como restituição e reconstituição, como “neo” isto ou “neo” aquilo, como obras de elite e produtos de alta qualidade (1977, p. 247).

A vida cotidiana é preenchida de promessas de festas bem sucedidas e estímulos ao consumo habitual; o apelo ao consumo a captura, inscrevendo significados que o valor e a satisfação da realização da mercadoria cativam a expansão do ramo celebratório.

No cotidiano a festa está na vitrine, ganha elementos mais evidentes de representação, de descarte e pouca inspiração. A atualidade faz dela um elemento dentro da vida cotidiana, do alargamento do tempo produtivo e dos espaços (especializados) oferecidos na cidade para o uso simplista. Ela quer ser “nova”, inquisidora de um estilo renovado e perturbador, repouso sobre os kits de festas, mais ou menos prontos em que a repetição e a programação encerram indispensáveis atributos. Como nos sugere Martins:

Na cotidianidade, e não na vida cotidiana, há um alargamento do imaginário em detrimento da imaginação. A vida se torna um modo de vida marcado por uma sociabilidade teatral, pela representação (por fazer presente o ausente)... (MARTINS, 2004, p.104).

Os atos diários comportam festas presas ao artifício, donas de uma representação genuína, em que ela é entendida enquanto mercadoria. Antes alheios à preocupação fundante do capital, agora, ensaia seus passos que torna o encontro diminuto, retirando sua eloquência e as possibilidades de movimento singular, criativo e, quiçá, contestatório.

No mundo rural, mais claramente, ainda do que no artesanato, nada desapareceu completamente. E só fala dessa conservação dos arcaísmos e dos “fosséis sociológicos” – conservação relativa, que não exclui as influências, a degenerescência, as integrações mais ou menos bem sucedidas do arcaico a conjuntos recentes – só esse fato suscita inúmeros problemas (LEFEBVRE, 1978, p.64).

Lefebvre suscita uma possibilidade que envolve a capacidade de apropriação, que neste caso, envolve a festa que mais parece subordinada à otimização de empresas. O que levantamos a princípio é a possibilidade da festa vir a ser outra – incluindo a passagem, celebração, de um tempo alegre na qual o encontro se sirva dela para melhor entendê-la e potencializar o homem que se vê reunido.

CAPÍTULO 4

A FESTA DIANTE DA NECESSIDADE CAPITALISTA

O falso se tornou real?
(*A felicidade paradoxal*, Gilles Lipovestky)

Neste capítulo trataremos de retomar a realidade atual explicitando-a, levantando em conta para isso diferentes contextos que exibem formas diferenciadas de festas para então chegar à sua produção na atualidade. O objetivo é, indicar, logo após, o levantamento histórico e a apresentação das características da realidade atual, contradições encontradas na metrópole a partir do tema em questão. Trata-se de enveredar pelo terceiro momento do método lefebvriano e demonstrar contradições já apresentadas, o que quer dizer, uma possibilidade de entender o percurso que a inscreve nos espaços dos *buffets* transitando por diferentes significados na sua elaboração.

Recuperamos contextos que sinalizam outras formas de elaboração de festa, incluindo a cultura popular, para sinalizar aspectos da criação coletiva que levará a indicação de tempos distanciados, em que será possível o trânsito sobre os significados - por exemplo, no rural, na ocorrência de pequenas chácaras e vilas, durante a formação dos primeiros núcleos urbanos, na consolidação dos bairros com a industrialização, até a metrópole urbanizada – para indicar de que modo a compreensão indica como acontece o uso e a produção do espaço atualmente. Este capítulo vai ao encontro com o avesso da festa contemporânea para flagrar suas cercanias de rara beleza e insinuação cansativa residente na sua comercialização.

Dentro das possibilidades materiais que atravessaram a vida rural e as que se apresentam hoje na metrópole paulista, dificilmente diríamos que a festa na cidade

não mudou. Isso porque se consagra uma lista sempre renovada de brinquedos, luzes, comensais, globos etc. Sem contar ainda os avanços nos cenários, as redes de logísticas que os abastecem diretamente. Como relata um trecho da revista *Infância e Festa*:

Os profissionais do ramo de decoração de festas se especializam cada vez mais para transformar sonhos em realidade: escultura de balões, cenários com tecidos drapeados, painéis pintados à mão e outros elementos cenográficos podem fazer toda a diferença para dar aquele toque que, com certeza, será o diferencial que sua festa ou evento. Por isso, escolha sempre uma empresa de decoração de festas com profissionais capacitados, que tenham técnicas e criatividade para transformar o local da festa, transportando o aniversariante e seus convidados para um mundo de sonho e magia (ASSIS, 2008, p.43).

A festa agora é tratada e preenchida com palavras de cunho comercial como por exemplo: “profissionais”, “ramo de atividade”, “clientela”, “satisfação”, “especializados”, “exigência”, entre outras. Ela está presente nos espaços privados e seletivos oferecidos como possibilidade de consumo cuja compra oferece acesso temporário, o que pode ser visto no bairros⁵⁷ de Moema e Indianópolis.

Um dos pontos importante desses serviços é a superação de suas novidades, buscando romper qualquer ideia de repetição que pode estar presente. Como destaca um outro trecho da mesma revista:

Clientes cada vez mais exigentes e crianças ávidas por novidades podem fazer um *buffet* se tornar refém da rotatividade de clientela. Isso porque, pais procuram uma novidade a cada ano para comemorar o aniversário de seus filhos e filhas e tendem a buscar novos espaços para surpreender seus convidados, Afinal de contas, a lista básica de convidados em uma festa pode se repetir, já o evento não. (ASSIS, C. Revista Infância e Festa. 2008 p.132)

Pela ideia de que o *buffet* necessariamente produz novidades esconde um duplo sentido. A produção da novidade e a animação de si assumem por um lado, a impossibilidade da repetição. Porém por outro lado, esse pensamento parece mais do que verdadeiro – fantasioso. A festa que precisa ser diferente esconde (e procura-se eliminar) dúvidas que atestam fragilidade e redundância desses serviços,

⁵⁷ Ver mapa no capítulo dois desse trabalho.

algo que finge não ser importante⁵⁸. Pois suas qualidades em superar suas possibilidades materiais e humanas (ou seja, garantir certas novidades), tentam conferir profundidade ao encontro misturando estratégias e artifícios⁵⁹.

Mesmo porque a festa que produz tantas novidades, como retratam seus profissionais, não a produz dessa maneira; o que de fato marca um discurso que fixa importância em qualidades intrínsecas ao ramo celebratório, abdicando de festejar. A produção da novidade assume mais um ponto de que pela festa passa qualquer ideia positiva, apelando aos gestos marcados pela grandeza, em que tudo se amplifica sobre os participantes.

Sendo assim, é fazendo referência aos discursos nas quais as festas em ambiente urbano estão inseridas que notamos mudanças que fazem delas, hoje, um produto do cotidiano da cidade, da vida rápida⁶⁰. Precisamente, sua evolução material que encena nossos tempos é o que menos nos interessa neste ponto. A evolução material não impõe uma renovada dimensão qualitativa e afastamos a simples constatação do “como era” e “como é” sem garantir os elementos histórico-sociais de sua construção.

Como escreve Bakhtin (2008, p.7):

As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção de mundo. Os “exercícios” de regulamentação e aperfeiçoamento do processo do trabalho coletivo, o “jogo do trabalho”, o descanso ou a trégua no trabalho nunca, chegaram a ser verdadeiras festas. Para que o sejam, é preciso um elemento a mais, vindo de uma outra esfera da vida corrente, a do espírito e das ideias. A sua sanção deve emanar não no mundo dos meios e condições indispensáveis, mas daquele dos fins superiores da existência humana, isto em do mundo dos ideais. Sem isso, não pode existir nenhum clima de festa.

A festa inscreve na história sua forma e orientação, ela atesta sua disposição enquanto tal e enuncia os significados em curso de um tempo para qual alimenta a vida social e renova o sentido coletivo do encontro. Ela, necessariamente, conduz as possibilidades do homem de servir-se, à sua maneira, do mundo.

⁵⁸ Logo que atingida, a satisfação é solicitada pelos mesmos dispositivos que engendraram a saturação. Para que a necessidade se torne rentável, é estimulada de novo, mas de maneira um pouquinho diferente. As necessidades oscilam entre a satisfação e a insatisfação criada pelos objetos. O jogo em torno das motivações as desmente e destrói, na própria medida em que se pode agir sobre elas. Mas nem por isso confessa a regra desse jogo.” (LEFEBVRE 1997 P.89).

⁵⁹ Ver a ideia da matriz de festa desenvolvida no capítulo dois desse trabalho.

⁶⁰ Em alguns *buffets* a demanda em certos dias faz com que existe 2 ou 3 festas em um mesmo dia.

O USO DO ESPAÇO

A utilização do espaço, ou seja, seu uso evidencia a propriedade-festa que ostenta esses serviços como condição de troca na qual haverá uma sobreposição ao uso para valorizá-la em tom depreciativo.

Assim, o uso é reduzido, no mundo moderno, à propriedade privada, ao império da troca, em um processo em que o espaço se reproduz como mercadoria cambiável delimitando os espaços passíveis de apropriação, revelando a fragmentação imposta pelo sentido e pela amplitude da generalização da propriedade privada do solo urbano. Aqui, a vida se normatiza em espaços reduzidos a uma função específica. Quanto mais o espaço é funcionalizado, mais é passível de manipulação, limitando-se às possibilidades da apropriação. Nesse processo, o cidadão se reduz à condição de usuário, como o ato de habitar se reduz ao morar. (CARLOS, 2000, p. 220)

O espaço de realização é dado pela decoração do lugar. A mediação entre as mensagens decorativas incorpora o ritual inscrito nesse espaço, reproduzindo assim tendências e significados que mediam o motivo que apresenta seus participantes. O espaço que se encontra preparado e gerido recebe seus adereços e suporta o **artifício do lugar**. Os promotores investem na decoração que afirma os significados do ritual (um aniversário, uma festa de noivado etc.) – nesse sentido, seu significado é também mediado pelo *buffet* e pelo lugar escolhido. Ao *buffet* cabe o artifício do lugar, entendendo seus materiais e indumentárias que se alinham à festa. Seria ao menos difícil apontar o que seria delas, não fosse os materiais que a entretém para afastar de si sua possibilidade.

Nesses recintos, que demarcam os momentos de festejar, acabam por aprimorar-se e desenvolvem o que convém admitir como o **lugar do artifício**, cuja funcionalidade adverte seus habitantes de que não haverá forma mais prática e tranquila – as palavras da propaganda esbanjam frequência assustadora para o qual não temos mais ideias do que esta ainda por vir, nos ambientes do faz de conta.

As comidas também reforçam os significados inerentes ao ritual, e os cardápios sugerem comidas típicas, pratos estrangeiros, *light*, *diet*, enfim, uma culinária que se especializa para compor sua preciosidade de banquete⁶¹ urbano.

⁶¹ Em Bakhtin, a ideia do banquete aparece no contanto entre o homem e o mundo. Ao comer, o homem engole o mundo, o devora na condição alegre e coletiva de sua manifestação. Como escreve o autor: “O encontro do homem com o mundo que se opera na grande boca aberta que mói, corta e mastiga é um dos assuntos mais

Na metrópole paulista notamos uma gama diversificada de *buffets* o que indica o envolvimento diante do consumo de classes. As relações de atendimento levam em conta suas estratégias – a fatia de mercado que tal empresa procura atingir direcionando para isso a sua produção e os produtos servidos. O que se justifica nesse ponto é a proximidade⁶² que o serviço de *buffet* acaba atingindo dos seus contratantes, pois os detalhes são garantidos com o devido preparo para a execução.

Assim, o espaço utilizado acaba por aprimorar-se em sua funcionalidade no urbano. A vontade de atender ao interesse do comércio passa pela produção de um espaço, o que significa que certos lugares encontram-se funcionalizados com um tempo e um espaço próprio, que captam o uso e promovem a prescrição no modo de conceber o ritual. O que implica, portanto, a proposição de modalidades prontas, um desfrute de momentos que passam pelo conforto do *buffet* e por sua operacionalização.

A fragmentação da vida cotidiana aparece na medida em que outros fatores se somam. A explosão da violência e a generalização do medo urbano definem, assim, suportes para comportamentos que indicam o uso de espaços cada vez mais intramuros na metrópole. Desse modo, a vida urbana se afasta da rua, da sociabilidade mais espontânea e passa a ser difundida em ambientes preparados, controlados. Como nos ajuda Carlos (2000):

As novas condições de existência se realizam desigualmente em São Paulo pela criação de uma rotina organizada (no espaço e no tempo) da vida cotidiana que transforma radicalmente a sociabilidade, empobrecendo-a à medida que as relações entre as pessoas passam a ser substituídas por relações profissionais ou institucionais (p.14).

antigos e mais marcantes do pensamento humano. O homem degusta o mundo, sente o gosto do mundo, o introduz no seu corpo, faz dele uma parte de si. A consciência do homem que despertava não podia deixar de concentrar-se sobre esse aspecto, não podia deixar de extrair dele uma série de imagens essenciais, determinando as suas relações com o mundo. Esse encontro com o mundo na absorção de alimento era alegre e triunfante. O homem triunfava do mundo, engolia-o em vez de ser engolido por ele; a fronteira entre o homem e o mundo apagava-se num sentido que lhe era favorável” (BAKHTIN 2008 p.245

⁶² A proximidade de que falamos pode aparecer da seguinte maneira: reconhecimento por parte do contratante das marcas de bebidas servidas na ocasião do eventos; decoração e cenário dos espaços assim como as mesas dos convidados; as músicas que devem integrar o evento garantindo a intencionalidade do evento etc. Aqui podem aparecer inúmeras exigências do contratante.

Ao tratar do uso dos *buffets*, quando se observa à inserção de uma festa no espaço privado, seletivo, flagra-se uma sociabilidade atingida pela padronização dos serviços, que trata e administra a festa da criança e da família urbana⁶³, impondo ao consumo sua realização.

A NECESSIDADE CAPITALISTA

Não se pode esquecer o pano de fundo que faz desse tema um apêndice rigoroso da acumulação capitalista e do desfile da mercadoria que, agora, abdica da festa para melhor entendê-la – o que faz, então, a categoria espacial reter e enveredar-se pelas condições da produção centrada no uso privado do solo urbano, o que imputa, conseqüentemente, ao espaço da cidade sua indissociável participação. Nas palavras de Harvey, “a produção e circulação capitalista tendem a transformar essas possibilidades num sistema geográfico integrado de produção e troca, que atende ao propósito da acumulação capitalista” (2005, p. 56).

O espaço integra as relações de produção capitalista ao desenvolver mercadorias, incluindo o espaço, que incorpora funcionalidades para o qual a festa se encarrega de abdicar da rua e de si. A vida cotidiana centrada nas ofertas de consumo e na produção de mercadorias orienta a existência das festas em ambiente privado, inscreve o encontro de pessoas em ambientes seletivos dentro do espaço **hierarquizado** da cidade garantindo a predisposição para lugares que se distribuem organizadamente.

O modo como se planifica a distribuição dos bens depende das grandes estruturas de administração do capital. Ao se organizar para prover alimento, habitação, transporte e diversão aos membros da sociedade, o sistema econômico “pensa” como reproduzir a força de trabalho e aumentar a lucratividade dos produtos. Podemos não estar de acordo com a estratégia, com a seleção de quem consumirá mais ou menos, mais é inegável que as ofertas e bens e a indução publicitária de sua compra não são atos arbitrários. (CANCLINI, 1995, p.53)

O modo como a metrópole de São Paulo concentra seus *buffets* nos bairros de Moema e Indianópolis, mas não exclusivamente neles, revela a orientação de uso do seu espaço sob critérios urbanos, políticos e econômicos dos quais haverá

⁶³ Ver o documentário *Criança, a alma do negócio*. Diretora: Estela Renner ; Produtor : Marcos Nisti. 2009

condições para admitir nichos de investimentos e rentabilidade aos aptos a participarem do consumo e das zonas de comércio reconhecendo sua proximidade com vias importantes de circulação⁶⁴ que elas possuem para o acesso de seus habitantes. Carlos (2000) aponta:

[...] o corpo e os passos estão cada vez mais restritos a lugares vigiados, normatizados, privatizados ou privados. Esse fato é consequência da tendência que se esboça no mundo moderno, que transforma o espaço em mercadoria ou área de circulação, o que, tendencialmente, limitaria seu uso às formas de apropriação privada (2000, p. 37).

O processo de acumulação capitalista envolve a expansão dos *buffets* em São Paulo e, mais do que isso, assume a exploração da festa diante da reprodução do urbano. O espaço pronto entra no processo de acumulação e na generalização da festa enquanto mercadoria propiciando condições para fazer dela um modo pelo qual a vida urbana se realiza e encontra seus meios para a celebração que amplifica sobre seus habitantes as notícias de que, por sua natureza, encontraram ambiente seguro em meio ao conturbado e, muitas vezes, inseguro urbano.

O *buffet*, enquanto possibilidade de negócio entre as pessoas, traz em si a possibilidade de lucro, e é, na verdade, uma oportunidade em que “vender” e “lucrar” são palavras que caminham juntas. E como nos sugere o SEBRAE:

Afinal de contas podemos resumir a atividade de “*buffet*” numa ação de vender e lucrar. Se for comprovada a possibilidade de vender os produtos do *buffet* que pretende montar e de lucrar, então você encontrou uma oportunidade de negócio (MATOS, 2004, p.6).

O SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) contribui para a ampliação de pequenas e médias empresas promovendo cursos e orientando investimentos nesse setor. Mais do que compreender o papel do SEBRAE, ainda há, ao menos, dois aspectos importantes em curso: o primeiro acontece no plano da realização individual, ostentado pela força **empreendedora** que alimenta a possibilidade de investimento; a segunda, por sua vez, orienta a mercantilização dos aspectos da vida cidadina. Como nos sugere Berardi:

⁶⁴ No caso dos bairros de Moema e Indianópolis podemos apontar: Avenida Hélio Pellegrini, Av. República do Líbano, Av. Ibirapuera, Av. Bandeirantes e Av. Santo Amaro.

En el plano productivo, el individualismo se encuentra con las tecnologías individualizadas del ordenador y hacer estallar el fenómeno de la microempresa como signos de autorrealización. En el plano del consumo, produce una proliferación de nuevas necesidades, de nuevos productos a comercializar, y una progresiva mercantilización de cualquier aspecto de la relación social, afectiva e cultural. (2003, p.56)

Essas duas tendências em curso são importantes ao verificar sua expansão no processo de mercantilização dos domínios da vida social. Somando-se ainda a dimensão afetiva que se constrói durante a estadia pela presença dos recreadores e profissionais treinados a participarem significativamente daquilo que se festeja. Por exemplo, nos *buffets* infantis, a ligação entre o sentido alegre da celebração se aproxima aqueles que se vinculam à festa por meio do trabalho na qual sua preparação psicológica, afetiva e social está sendo requerida⁶⁵. Segundo Pelbart:

Por exemplo, a atividade de garantir o contorno, de cuidar das conexões, de administrar os afetos, de oferecer um chão existencial, de gerir um grupo, como se gerencie o bom andamento de uma casa – essas qualidades, que antes eram consideradas necessárias apenas no domínio da reprodução, agora são parte essencial do domínio produtivo (2000, p.36).

O processo de generalização da mercadoria invade os rituais de celebração coletiva cujo domínio indica os profissionais do ramo celebratório⁶⁶. O processo de generalização da mercadoria-festa induz a expansão dessas atividades uma vez que sua produção se desdobra na ação sobre as coisas e sobre os habitantes. A produção concebe um sentido que se realiza nas possibilidades de festas futuras. Em outras palavras, ao indicar sua possibilidade, tem-se inscrito nessa prática a exatidão de outras formas que não se alinham à sua artificialidade, o que se estende aos “espaços” das consciências. Diante da produção, tem se firmado sua condição cuja reprodução acaba expondo uma certa naturalidade nessas modalidades.

O que parece convidativo é a ideia de que a produção de festas nesses ambientes encerra seu caráter renovador, pródigo, coletivo, para realçar o “consumo

⁶⁵ Boaventura de Souza Santos (2000) faz referência à ideia de trabalho emocional. “O trabalho emocional é uma forma de trabalho em cuja especificação dominam as exigências de boa aparência física, sorriso permanente, delicadeza nos gestos e nas palavras, solicitude e atenção ante as exigências dos clientes, etc.” (p.282).

⁶⁶ Fazemos referência aqui ao papel dos promotores e da atuação dos *buffets*.

da festa”. Inserida no cotidiano, ela absorve sua programação em que o (uso do) espaço e tempo encontram-se servidos às famílias urbanas.

A festa destinada aos habitantes vê-se diante do “reino das mercadorias”. O **valor de troca**, o do “dinheiro”, processa o modo de estar na vida e concebe o modo de gozá-la⁶⁷. A importância do valor de troca neste ponto do trabalho revela a racionalidade inscrita cuja privação se encontra escondida sob a forma da segurança e da praticidade, impondo uma orientação sobre o ritual que se reserva às empresas dedicadas e treinadas – profissionalizadas⁶⁸.

Os *buffets* não celebram uma outra racionalidade, pelo contrário, eles encenam a programação inserida no cotidiano em que o consumo possui lugar. Os *buffets* encenam a racionalidade travestida na atuação dessas modalidades contribuindo para que se insira nos atos cotidianos reservados à programação e a prescrição. O que já aparece nas preocupações de Lefebvre é como restituir seu valor, no plano do vivido, sua capacidade criativa, de apropriação, de obra na cidade?

A expansão desses serviços é possível na medida em que ela realiza a função da mercadoria mediante aos anúncios de praticidade e conforto no ritual que se inscreve no espaço pronto e preparado. Isso traduz o sentido pelo qual o *buffet* induz ao desfrute diminuto. Marx (1983) nos ajuda sobre a concepção de mercadoria:

A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto de externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia Não importa a maneira como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência, objeto de consumo, ou indiretamente, como meio de produção (p.41).

A mercadoria do *buffet* é compartilhada no momento da realização do ritual em que a satisfação dos “bons” serviços marca os traços e estilos das festas, e dos

⁶⁷ Não esperamos que as festas e os banquetes sejam de graça, instalando, assim, uma ideia de gratuidade dispensada. O que nos atenta é o “que se compra” e com o que “se vende” na cidade. A expansão desses serviços revela os princípios de uma festa assegurada, que está definida nos moldes do contrato exigido ante a sua realização. O “que se vende” reforça os laços de um ambiente privado cujo movimento intrínseco traz uma segurança sobre a ritual: conforto e praticidade. Não há um hedonismo pródigo que reativa o habitar e cria o direito sobre as festividades.

⁶⁸ “... se a abundância não significa a Festa, se ela não reproduz uma renovação triunfal da Festa, para que serve e o que significa ela ?”(LEFEBVRE, 1997, p.60)

significados compartilhados, sobretudo em relação ao espaço destinado à realização. Seabra nos apresenta dois pontos importantes: “Considera-se então que mercadorias não são apenas os produtos que saem das fábricas, mas que fragmentos e momentos da existencia social também se realizam nos circuitos de valorização do capital” (1996, p. 82).

A atuação dessas empresas convoca à compreensão dos significados inerentes aos momentos, ao rito, fazendo assim sua produção privada. O que garante, dessa maneira, que os serviços são dirigidos sobre as “necessidades” dos contratantes, fazendo uso da festa comportada.

Assim, o uso do espaço acontece na medida em que satisfaz as necessidades e os caprichos de seus compradores, reconhecendo o papel que a mercadoria tem na sua própria realização, o que, em outras palavras, a situa nas necessidades implícitas ao uso privado, do contato, do encontro. Sua realização tomada pelo seu sentido realizador⁶⁹, dispendioso⁷⁰, evidencia o uso do lugar que guarda uma dimensão explicativa da vida cotidiana, justamente, por incorporar maneiras de uso do espaço no cotidiano, o que, em outras palavras, não pode ser entendida senão pelo espaço.

O SENTIDO DA FESTA

Nesta parte, recuperaremos alguns elos para reaver de que forma a festa nos dias atuais sucumbe ao tempo rápido da metrópole, apoiado em outros sentidos capazes de conduzir a elaboração de festas mais próprias e nem sempre limitadas por sua exploração, mas por permitir aos seus participantes a elaboração e o desfrute de toda a carga simbólica que a preenche.

A intenção exposta neste tópico é de transitar entre diversos significados que permeiam a realização propiciando, para isso, considerações que atestam o sentido pelo qual se cria uma festa, entendendo seus significados em jogo como criação coletiva.

Ao longo do desenvolvimento do bairro de Moema e Indianópolis é possível indicar como a constituição dos primeiros povoados e da vida de bairro dentro da

⁶⁹ “A necessidade se compara a um vazio, mas bem definido, a um oco bem delimitado. O consumo e o consumidor enchem esse vazio, ocupam esse oco”. (LEFEBVRE 1997 p. 89).

⁷⁰ “Dar e gozar, gastar e jubilar, pois há nessa prática toda a exibição do excesso que fascina, lá onde, às vezes, o estrito necessário faz falta.” (ONFRAY 1995 p. 124)

sua história trouxe ao homem de condições pobres e escassas sua possibilidade de gozar o encontro frente às limitações que o colocavam diante das famílias e das suas redondezas.

No início da década de 50, o bairro tinha todas as características de uma cidade do interior, todas as pessoas se conheciam e as famílias mantinham estreitas relações de amizade, não existia água encanada, esgoto, e poucas ruas eram asfaltadas e não havia iluminação pública. Isso impedia que as pessoas pudessem sair à noite, pois as ruas ficavam na escuridão, o que obrigava a se recolherem cedo às suas casa, em volta das conversas, dos bate-papos e das notícias do rádio (HORTA, 2007, p. 63).

As relações existentes entre a vida que se desenvolvia na metade do século XX aparecem no modo como a festa e o convívio coletivo preenchem um outro tempo de contato entre as pessoas pelo qual passava a dimensão do festivo – dimensão esta que entrou nas necessidades múltiplas e ricas na vida cotidiana.

Para Lefebvre (1958), a elaboração de festa camponesa, por exemplo, exigia da comunidade um esforço que realçava o significado da sua elaboração diante da coletividade.

As festas camponesas fortaleciam os liames sociais e, ao mesmo tempo, desencadeavam todos os desejos recalcados pelas disciplinas coletivas e pelas necessidades do trabalho cotidiano. Na festa, cada membro da comunidade ia, por assim dizer, além de si mesmo e tirava da natureza, da alimentação, da vida social, do seu próprio corpo e de seu espírito, de uma só vez, todas as energias, todos os prazeres, todos os possíveis(1958, p.215).

O contato com o sentido da festa camponesa, a seguir o pensamento de Lefebvre, conduz a uma leitura pelo avesso aos exemplos do contemporâneo pois sugere uma ordem inversa ao sentido plástico que ela possui nos nossos dias – falseada junto ao cotidiano, sua realização se revela como desfrute individual, nada para além de si.

A elaboração coletiva faz com que se produza uma possibilidade direta de construção social da festa em que se firme um contato direto consigo, uma vez que se reconheça nela seu papel mediador entre os significados que se expressam para além de sua realização, o que levará à constatação de que atualmente ela perdeu dimensões qualitativas importantes.

Certamente, desde o começo, a festa quebra a vida cotidiana, mas dela não se separa: a comunidade prática, a alimentação, a relação com a natureza, isto é, o trabalho, ficam reunidos, amplificados, engrandecidos na festa. O homem, ainda imerso na vida natural e imediato, vivia, imitava, cantava, dançava sua relação com a natureza e a ordem cósmica tal como a “representava”, segundo noções elementares e confusas. Em contato direto com a natureza, o homem ficava, também, em contato direto consigo próprio, com seu pensamento, com as formas de beleza, de sabedoria, de loucura, de frenesi e de possíveis. Sem desacordo profundo consigo, podia abandonar-se – nesse magnífico equilíbrio da comunidade camponesa – à sua vitalidade espontânea. Nada de si, nenhuma energia, nenhum instinto, deixava de ser empregado. [...] e quem sabe, por vezes, morresse saciado (LEFEBVRE, 1958, p.216).

No seio da cidade essa desarticulação entre o modo de vida rural, a vida de bairro, a constituição da metrópole, acompanham a transição que se verifica lentamente destituindo a maneira como seus habitantes se relacionavam com o tempo, o espaço⁷¹, a rotina, o caminhar, as relações de vizinhanças etc. Isso somado ao uso e ao esvaziamento da rua, do aumento da violência e da adaptação à vida que se quer urgente. Como escreve Martins:

Favelas e cortiços nos falam da transição que vem ser vivida na cidade, sem a preparação lenta e adaptativa que foi vivida por muitos outros. As experiências de transição já no campo tornavam lenta a desarticulação das relações tradicionais e a assimilação dos novos valores e concepções (2004, p.172).

Ao desenvolvimento da metrópole a festa vai se deslocando da produção coletiva e afastando sua condição singular da existência humana. Nela, é possível reconhecer o que se impõe ao homem enquanto mediações com a natureza, trágico, espaço, finitude, sem sentido, etc. Enfim, emprega um profundo contato na comunidade e é por isso que ela se realiza e se potencializa. Ela media um contato pelo qual as atividades básicas diárias podem não oferecer, o que imputa para si o papel de mediador do encontro humano e suas questões fundamentais. É por isso que ela se realiza e ganha significado na história do lugar e dos seus habitantes, pela sua capacidade de adquirir significados à produção de si em meio ao encontro.

⁷¹ Apesar das formas variadas de utilização, o uso dos espaços é um pressuposto da vida. E exatamente porque nem sempre as formas de uso foram as mesmas, é possível avaliar que muitas delas se consolidaram no decorrer da história humana, constituindo costumes e hábitos próprios dos diferentes povos e das condições naturais e históricas que viviam e vivem. (DAMIANI, 1997, p.48)

Nas festas rurais, os significados são compartilhados e possuem força e espontaneidade para fortalecer o papel intrínseco a ela – nisto reside um problema fundamental. Qual seria o significado que a festa fortalece nos nossos dias? Levantaremos, imersos no trabalho, alguns indicativos.

- 1) A presença do valor de troca nos domínios da vida social;
- 2) A fragmentação do espaço e o uso privativo;
- 3) A oferta de espaços para consumo temporário;
- 4) A separação entre os participantes e seus consumidores;
- 5) A naturalização dessas modalidades de festas em ambiente privado.

As festas rurais, nesse sentido, contribuem para admiti-las dentro de um tempo longo, distante, no qual é possível encontrar diferenças que marcam em relação ao atual e corriqueiro, em que ela passou a desenvolver um incômodo que esvazia o sentido da sua criação e a torna austera.

O distanciamento das festas rurais leva em parte seu afastamento, o que parece intrínseco. Tal deslocado se aprofunda com a lógica de acumulação⁷², o que não quer dizer, é claro, que se trata da oferta. Ao contrário, intensifica-se no contemporâneo o aumento de agências e circuitos de festas universitárias, municipais, rodeios, *raves*. O aumento considerável dos temas pelos quais se criam não traduz com exatidão o que venha a ser o sentido na atualidade, o que pede uma leitura **ao avesso**. Muito embora, seja nítido perceber nas grosserias contemporâneas, não resta quase mais nada de sentido ambivalente e regenerador⁷³. Bakhtin parece indicar com acuidade a ideia que reside na celebração do ritual.

O princípio material em crescimento, inesgotável, indestrutível, superabundante, princípio eternamente ridendo, destronador e renovador, associa-se contraditoriamente ao “princípio material” abastardado e rotineiro que preside à vida da sociedade de classes (2008, p.21).

O que devemos considerar, de fato, é que a produção ilimitada de festas não garante a dimensão qualitativa, histórica, pródiga que se aplica à sociabilidade. O

⁷² Bakhtin expõe como a festa e o banquete assumiram diferentes proposições com a ascensão burguesa. “Sob o domínio da cultura burguesa, a noção de festa não fez mais que restringir e desnaturalizar-se, sem contudo desaparecer” (BAKHTIN. 2008, p.240).

⁷³ Reside aqui a possibilidade de trabalhos sobre festas e sua aproximação ao consumo-espetáculo.

que se encontra nesses casos aproxima-se de uma omissão, repleta de redundância e grosseiras estratégias comerciais e recreativas que separam os participantes e os espectadores. Lipovetsky produz no seu livro *A felicidade paradoxal* (2007), um instigante percurso de análise sobre as possibilidades de felicidade conduzindo seu trabalho à festas⁷⁴ e o consumo. Segundo ele, “por toda parte, as festas são dominadas pela lógica dos lazeres, dos espetáculos e do consumo: a festa tradicional ou memorial foi substituída pela festa consumista ou frívola centrada no presente” (p.253).

O sentido predominante afasta-a de sua história e a coloca como promessa de um consumo individual. É por que nelas o que se preza não é o sentido coletivo pelo qual se festeja, mas a lógica individual que se firma na imagem de autorrealização, de sucesso individual, em que ela não se torna o momento de sair das determinações, ao contrário disso. Lipovetsky ainda afirma que “já não se trata mais apenas de vender serviços, é preciso oferecer experiência vivida, o inesperado e o extraordinário capazes de causar emoção, ligação, afetos e sensações” (2007, p.63).

A realidade vivida nos mostra que a dimensão afetiva, das emoções, do contato com o outro diante da abertura da casa para a celebração de ritual, agora, dar-se-á no espaço do mercado em que existe a preparação de um lugar cujo artifício para o encontro desenvolve sociabilidades aptas a entender os que participam ou não dela, situando o papel daqueles que montam e conduzem a festa de espírito limitado, uma celebração que se aproxima do caráter universal se não pelo remediável – o consumo.

[...] muitas das festividades contemporâneas têm como característica estar menos encarregadas de manter a vitalidade dos elementos essenciais da cultura coletiva que animar o presente dos indivíduos. Já não se trata tanto de revivificar a memória quanto de transformar o presente em tempo lúdico e recreativo (LIPOVETSKY, 2007, p.253).

O que a festa se dispõe a promover entre a coletividade se inscreve no afeto e marca a passagem de um tempo que ficou para trás, o que quer dizer, a prescrição de uma noção de encontro que a põe em contato com os perigos do desconhecido e

⁷⁴ O autor faz uso de adjetivos para situar a festa. Por exemplo : *festa hipermoderna, festa tradicional, festa lisa*.

as suas venerações, o que a irrompe dos animadores da ordem social que acontece dentro do governável.

A festa tradicional tinha o encargo de regenerar a ordem cósmica ou de reforçar a coesão da coletividade: de agora em diante ela está a serviço da procura da felicidade dos indivíduos, felicidade de ambivalência e de afetividade partilhada, além, por certo, da esfera das satisfações individualistas mercantis, e no entanto estimulada por estas (LIPOVETSKY, 2007, p.255).

Nos *buffets*, ela possui um significado plástico, formal e escorre ao avesso da sua própria possibilidade. Ao contrário do que se diga, ela parece destituída, flagelada, e o seu movimento tornou-se simplista, traiçoeiro, sendo que sua afirmação só pode ser compreendida na sua aproximação ao espetáculo, na qual o avesso parece ser precioso e necessário. A festa, por meio dessas empresas, perde uma conotação mais libertária, fruto da sua própria definição, e renovadora, pois ela traz em si um festejar redundante cujo clima seduz por sua insistência.

A presença de uma cordialidade forçada entre seus participantes, mediada por estratégias comerciais que penetram os domínios da vida, conduz a particularidades que as festas afastavam. A reunião entre a coletividade apresentava sentidos diferentes; por exemplo: o destronamento e a inversão dos papéis sociais, a sociabilidade permeada pelo excesso, a transgressão da norma coletiva, a quebra de tabus, a ideia de pertencimento ao lugar e aos significados pelos quais se festeja etc. Nesse conjunto, haverá, então, uma supressão da possibilidade da festa orientada por uma animação mais preocupada em livrar-se dela, e criando para si uma orientação duvidosa. Lipovetsky vai ainda mais além

A festa hipermoderna não inverte mais nada, já não abole nem regra nem tabu, daí em diante são os próprios princípios da vida cotidiana (segurança, saúde, higiene de vida, respeito pelas pessoas, convívio, cortesia, pudor) que estruturam os festejos coletivos. Estamos além da transgressão, das inversões e outras dilapidações: eis o tempo da festa lisa e correta, da festa *light* alinhada pelos valores de fundo da ordem cotidiana (2007, p.257).

Há uma sintonia fina entre as palavras de Lipovetsky e a forma como atuam os *buffet* na qual as inversões e dissimulações marcam a prática cotidiana, o que pede o domínio do seu contrário.

O *buffet* demarca o lugar do fastio, acaba por envolver uma ilusória sensação de festa apoiado num singelo sintoma de abundância. O papel desses serviços

afasta a energia do mundo para justificar a fragilidade de sua vocação – não há de fato festa que sucumba à sua insistência e repetição, em que se fraciona o tempo da alegria marcada por falsos brilhantes. O que, necessariamente, conduz à ideia de que, nesses serviços, é possível decidir sobre a felicidade alheia e alheada – sua vontade expressa pelo consumo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Lefebvre, contudo, a questão do movimento dialético entre a propriedade e apropriação esta formulada como momentos ínfimos que implicam o âmbito do vivido, lugar dos embates entre diversos processos de institucionalização da vida, como princípios lógico-políticos. Estes embates se travam na textura fina da sociedade, e têm de subverter formas de uso, revolver costumes.
(A *insurreição do uso*. Odette C. L. Seabra)

Este estudo procurou analisar a produção social da festa na metrópole de São Paulo delimitando para isso as empresas de *buffets* que atuam no bairro de Moema e Indianópolis, na Zona Sul da capital paulistana. Optamos por analisá-la levando em conta suas transformações dentro da metrópole, admitindo, assim, alterações que a situam dentro das possibilidades de consumo e no comércio, o que evoca os hábitos cotidianos.

A análise foi elaborada inscrevendo-a na lógica de uso do espaço privado, delimitando, assim, um referencial teórico sobre o cotidiano da metrópole para flagrar o modo como penetra o seio das atividades empresariais, orientando ritos urbanos, o que faz do espaço uma parte fundamental entregue aos profissionais.

Para melhor compreender o papel da festa contemporânea na metrópole, situamos sua possibilidade diante de um outro contexto, o qual foi expresso ao longo do trabalho e inúmeras vezes apresentado junto ao pensamento de Henry Lefebvre. Abaixo apresentamos duas citações na qual o autor apresenta preocupação com o tema da festa.

O problema é restituir a festa transformando a vida cotidiana. A cidade foi um espaço ocupado ao mesmo tempo pelo trabalho produtivo, pelas obras, pelas festas. Que ela reencontre essa função para além das funções, na sociedade urbana metamorfoseada (2001, p.128).

Já em outro trecho, é mais incisivo sobre suas consideração e lembra: “[...] a Revolução (violenta ou não) adquire um sentido novo: ruptura do cotidiano, restituição da festa” (LEFEBVRE, 1997, p.43).

Trata-se de sinalizar de que maneira ela poderá (re)admitir sua condição de encontro e capacidade renovadora, o que levará a proposição da seguinte pergunta: será possível falar em re-invenção da festa?

O que se situa neste ponto é a forma com a qual seu tema passa a ser inserido no cotidiano, o que levará à sua problematização⁷⁵, reconhecendo sua dimensão ontológica que se coloca diante da sua formalização nos espaços fechados, reconhecendo inversões que a afastam do desfrute da rua e inaptas a integrarem com maior espontaneidade a vida dos habitantes incorrendo ao avesso da sua possibilidade enquanto tal, como forma de não submergir.

Sinalizamos então uma outra possibilidade, o que vai ao encontro do que está por vir nos usos dos espaços, na gênese de uma produção social da festa, um vir a ser. Situa-se aqui um **entre, uma lacuna**. E é nesse **entre** que se encontra uma orientação mais própria na qual esse trabalho tece um problema da vida cotidiana. O que cabe a constatação de que há em si uma predileção sobre uma festa menos artificializada, esboçada em linhas mais ou menos inteligíveis, que se quer mais própria e sem endereço fixo. É nesse **entre** que se encontra o que dá valor a vida, onde encontra-se o fazer em se fazendo⁷⁶.

Seria preciso recuperar o sentido de autoria, do “fazer”, da festa-apropriação, da prodigalidade, entregue aos promotores, invalidando uma autonomia posta a prova de lucros repleta de artificialidade grosseira e representações cansativas por suas próprias repetições; o que não invalida uma espécie de naturalização dos modelos festivos ou um julgamento geral⁷⁷. E é possível situar o crescimento desse setor de serviços que investe na fidelização dos clientes criando para isso instrumentos que visam legitimar uma forma de gozo coletivo encenada, por

⁷⁵ A invenção do mundo social resulta da colocação inicial de problemas, do estabelecimento de uma **tensão** que revela impasses sobre o vivido. Tal campo de tensão instaura como que o **campo problemático** onde se gesta toda criação, que cria bifurcações e apresentará, alegremente, possíveis.

⁷⁶ La riqueza del texto social se mide entonces por su variación accesible: por la riqueza de posibilidades que ofrece a los individuos (que lo descifran y forman parte de él). Estas posibilidades exigen opciones, tan numerosas como aperturas tiene lo posible, pues lo posible y lo imposible van parejos; hay que escoger, y lo posible no escogido deviene imposible. (LEFEBVRE, 1978, p. 91)

⁷⁷ “Por mais que seja, de resto, a vantagem desse modo de pensar, para o conhecimento ele é a mais nociva espécie de julgamento geral: pois aí é condenada e difamada precisamente a disposição que tem o homem do conhecimento para, de maneira intrépida, declarar-se a qualquer momento contra a sua opinião prévia e ser desconfiado em relação a tudo o que em nós quer se tornar sólido.” (NIETZSCHE, 2002, p.201)

exemplo, por meio das revistas especializadas distribuídas⁷⁸ gratuitamente na cidade de São Paulo.

Paradoxalmente, à crescente oferta de empresas para tal modalidade de serviços se reconhece uma outra necessidade implícita à construção de uma festa em que será possível marcar o lugar da diferença e de estilo. Pede-se um pouco mais de nós todos. É porque existe uma latência que pode ser acompanhada pela tese de que a produção dos *buffets* esgota uma celebração fixada pelo consumo da festa. Urge nessa latência o modo gratuito e fortuito da celebração e dos encontros, o que em outras palavras, esgota-se em um modo festivo pobre e simplificador; uma receita que atesta uma impossibilidade que faz ela gritar pela sua própria redundância⁷⁹. Assim irá despertar um convite contrário ao consumo nesses lugares e nessas condições, pois se fixa uma sociabilidade que não se firma pelo excesso mas sim por uma *modulação de excesso*, que freia um orientação de rito tão necessária a ideia de gozo e construção de si em que se abdica de qualquer risco e de inconvenientes, seguindo sua programação. E vai surgir o tempo em que essas festas conclamaram outro nome, outra classificação e será preciso recuperar o sentido da festa para impor, ao que não é festa, seu lugar e sua história na esfera dos serviços.

E será preciso buscar novas pistas e caminhos sobre a vida na metrópole para flagrar os gritos que compõem outras vozes, onde o uso se restitua na sua força criadora tão forte e contrária à residência fixa, rompendo com a ideia de que a sociedade da abundância trouxe uma produção ilimitada de si própria. Traçar novas rotas e desafios sobre o modo de vida e significados de estar na vida na sua relação com a festa. Lançar voo lá onde há os deslocamentos polvorosos que invalidam os que se apavoram pelo ordeiro e entregam suas formas de encontro à administração de terceiros⁸⁰. O que levará ao entendimento de como acontece a experiência festiva, levando em conta sua produção em ambiente privado, seletivo, que orienta o encontro dissimulando-o e promovendo hábitos.

⁷⁸ Revista *Infância e Festa* (Tiragem 20.000 exemplares – www.infanciaefesta.com.br) – Revista *Festas Infantis, Buffets e Eventos* (Tiragem 20.000 exemplares – www.revistafestas.com.br – ver ilustração dessa revista no capítulo dois deste trabalho).

⁷⁹ A industrialização do cotidiano, fenômeno do mundo moderno, avançando sobre as particularidades, as faz objeto de estratégias mercadológicas; o mercado para jovens não deixa de se diversificar, impondo signos de consumo – as “marcas” -, objetos de todo tipo, teor e qualidade. O consumo do signo ameaça o “uso” como fruição, como desfrute. (ODETTE, 1996, p.77)

⁸⁰ “Nosso fazer deve determinar o que deixamos de lado: ao fazer, deixamos de lado.” (NIETZSCHE, 2002, p. 206)

E os deslocamentos tomam corpo se existir uma necessidade que conduz intrinsecamente à produção da festa: é a necessidade de torná-las produtos da própria produção, entendendo nesse movimento a embriaguez que assume as descobertas do vivido; um via a ser outro⁸¹. O que há de instigante nesse **entre** é a recusa aos pacotes e kits de festas que inviabilizam a possibilidade de apropriação e escultura do tempo e do espaço⁸². Reverencia-se um resgate contrário à sua artificialização, que reitera uma força tão maior à clausura do preparado, do uso privativo e sem vida do espaço. O **entre**, de que falamos, recusa o espaço pronto para a festa, ele vai dizer que não se procura por novos espaços, mas sim por outras relações entre a coletividade e o espaço na qual o Homem se veja reunido a celebrar e a ostentar suas faculdades que se potencializa. Como lembra Seabra:

O uso recusado, aquele que não cabe nas prescrições da propriedade, não se pode abolir. Assim recusado, o uso continuar como ausência, exclusão da propriedade, e como conflito, se concebendo como tal no âmbito das estratégias dos usuários. Nisso esta o conflito, a insurgência do uso (1996, p.79).

Trata-se de recompor nichos de inventividade ordenados pela vontade de encontro⁸³. O que impede de tornar a festa um produto empobrecido do nosso tempo mesmo quando há um esforço grandioso para acreditar que a festa é apenas duas ou três horas em um *buffet*, porque existem aqueles que acreditam que ela tornou-se mágica. Digamos que ela desapareceu, mas é certo que sobre ela só poderá transitar os que considerem o diverso e o múltiplo consagrando a volúpia de um momento rico para além das suas determinações. Assim,

Se a compreendemos como atmos de apropriação, como presença e como não alienação é necessário descobri-la nos resíduos irreduzíveis da vida social, estes que correspondem, muitas vezes a necessidades e circunstâncias vitais, tais como as do amor, da alegria [...] mas certo é que o espetáculo não pode matar a festa. Se assim o fizesse mataria o alimenta da qual se nutre, a subjetividade, o prazer, o sonho, o desejo. Mas toda a questão está em que pode rebaixar toda a dimensão qualitativa da vida ao irrisório (SEABRA, 2002, p. 4).

⁸¹ O que não surge de um dia para outro como que por decreto, mas se apresenta como resultado de pequenas transformações, pequenas criações surgidas aqui e acolá, de intensidades bem diferentes, e propagadas até conquistarem consistência social que lhe dê visibilidade.

⁸² “Não somente caracterizar o espaço em que vivemos em sua gênese, mas reencontrar, através do, e pelo espaço produzido, a gênese da sociedade atual”. (LEFEBVRE 1986 apud RAMOS 2004 p.81)

⁸³ “... os corpos, o tempo, os gestos, as palavras, as ações, o espaço, o real por inteiro, são considerados como materiais dos quais é preciso extrair formas”.(ONFRAY, 1995, p.93)

Trata-se mais de uma negação a qualquer suposta “autenticidade festiva”, ou “naturalização dos modos festivos”, do que propriamente afirmação de um outro modelo. Apontar seria ao menos diminuir o problema da festa sem ao menos reconhecerem sua exaustão. Como nos sugere Heller (1970, p.18), “o homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade”.

Descobre-se, então, a partir do tema da festa, um problema que nos remete à vida cotidiana nos tempos dedicados ao gozo e ao contato. Trata-se aqui de criar um sentido pela qual a festa forneça o direito à cidade, ao uso da festa na sua máxima predisposição à universalidade do homem.

De certo, haverá bifurcações sobre o modo de vida urbano na qual poderá ser possível marcar o lugar da diferença. A criação do sentido da festa passa pelo particular que fulgura esquecido e dissimulado, afastado dos holofotes preparados para ridicularizar os deslocamentos ao ordeiro. O sentido com o qual a alegria restitua o uso em nome do encontro que outrora trouxe à ela não apenas profissionais e tecnologias de som, luz, projeções, mas sim contato com os significados, com a história do lugar e com as mediações que ela proporciona incluindo a *finitude* que o atravessa.

A presença de ritos mais próprios e singulares afirma uma orientação de encontro coletivo alheio à seguridade dos contratos e dos prestadores de serviços; recupera a festa em uma dimensão na qual toda a logística dos *buffets* ainda não pode ser reproduzida devido à sua impossibilidade com a gratuidade das relações sociais e dos encontros⁸⁴, entendendo, nesse ponto que suas atividades veneram um discurso positivo, performático, limpo e polido. O grau de representação que se assume vincula-se com traquejo à plastificação do encontro, mesmo quando há um apelo rigoroso para o gozo e prazer.

Nos *buffets*, elas transbordam uma construção forjada de si, e nesse movimento reitera-se um **mal estar** no qual se conduz ao uso privativo, diminuindo

⁸⁴ A gratuidade dos encontros em nada pode ser comparada neste ponto com a **portabilidade das relações entre pessoas**, pois se reconhece na primeira uma predisposição ao nomadismo. A portabilidade das relações sugere a possibilidade dos “contatos”, das “pessoas conhecidas”, que por hora estão distantes, mas por algum motivo estão aptas a oferecer vantagens em nome da procedência e de uma amizade fajuta. Formas disfarçadas do clientelismo?

em si sua potencialidade. Entende-se que existe mais beleza na simetria dos padrões festivos que evita e sufoca as hesitações que se estende pela realidade vivida e pelas experiências eletivas⁸⁵.

Um envolvimento com o idêntico que força os adereços de uma própria artificialidade resumida numa **paródia de festa**. Na salvaguarda dessa orientação, assume-se um *modus vivendi* que opera na preservação do seguro e da temeridade, que se vê diante dos riscos e aos perigos da metrópole ora abdicadas ao contato com a rua e a privatização do encontro que o *buffet* proporciona. Ela tende a eliminar qualquer perigo e medo nos centros urbanos afirmando uma suposta segurança que se implica ao evento. Nesse sentido, ganha um sintoma no qual ela elimina as latências da vida humana em todas as suas dimensões, conduzindo ao que se resume ao consumo da festa e que, por outro lado, esconde, elimina-se, uma possibilidade de mediação entre o sem sentido, o trágico, enfim, a condição humana. Isso porque toda vez que a afastaram da sua condição, a transformaram em uma mercadoria que adota para si palavras que se aprimoram com o treino⁸⁶.

Não se trata de uma simplificação reducionista à influencia da ideologia dominante, mas sim da compreensão de um fenômeno que dissimula e altera os modos pelos quais se construiu um modo coletivo de encontro e de gozo, o que vai contagiar de maneira perversa os significados implícitos à festa. O que introduz comportamentos e práticas que viabilizam um modelo festivo redundante que fragiliza as sociabilidades e produz um momento indispensável ao convívio social em ambiente confinado. Não se trata de invalidar o preenchimento da vida diária pela lógica do valor, mas sim de traduzir com qual indelicadeza ela dissimulasse, criando para si um universo artificial tomado por profissionais sujeitos à afirmação positiva do encontro, reduzindo-a em um sintoma da vida cotidiana, o que serve à Geografia no estudo do espaço cujas tendências trazem à festa um sintoma de redundância.

De certo, ainda existiram várias perguntas que cogita desdobramentos nos estudos futuros. Trata-se de admitir os impasses que o tema impõe às predeterminações dos rituais coletivos a partir do pressuposto de um momento mais

⁸⁵ Tal incômodo em pensar o surgimento do novo deriva do próprio estatuto conferido às subjetividades, sempre capturadas e definidas como reflexo das grandes representações sociais, e afastadas do campo dos **devires**. As subjetividades são sempre as **partes mecânicas** de uma engrenagem significante anterior. Inserir a “invenção” como conceito operador no estudo das formações e transformações sociais significa atualizar as subjetividades e o desejo enquanto principais forças de produção das realidades sociais (THEMUDO, 2002, p.71).

⁸⁶ A linguagem se evidencia, então, como uma retórica instrumental pela perda progressiva de sua dimensão como **poiesis**.(BIRMAM, 2003 p.4)

próprio – misto de prodigalidade e apropriação – sendo-lhes possível reconhecerem-se nelas, ao invés de encenações faustas que nos afastam da autoria e da partilha dos significados daquilo que se festeja.

Sua elaboração compõe novas durações que se criam entre o imaginário e os fatos, pois a dimensão da possibilidade orienta as escolhas da vida citadina que eclode em tom saboroso aos aptos a flagrar os deslocamentos sutis que escapam ao uso da festa pelo comércio. Sendo assim, surge uma pergunta que merece destaque nos estudos urbanos para o entendimento do espaço e da vida na sua relação com a festa:

O que a festa produz no Homem? Qual Homem a festa produz, hoje?

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

ALFREDO, Anselmo Alfredo. O mundo moderno e o espaço: apreciações sobre a contribuição de Henri Lefebvre. In: **GEOUSP - Espaço e Tempo**, n.19. São Paulo, 2006, p. 53-79.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**: significados do festejar, no país que "não é sério". 1998. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

AZEVEDO, Aroldo de. **A Cidade de São Paulo**: Estudos de Geografia Urbana. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1958.

ASSIS, Corinna. Fidelização de clientes. In: **Revista Infância e Festa**. São Paulo Ano 9, n. 33. 2008. p.32-135.

_____. Especial decoração de mesas. In: **Revista Infância e Festa**. Ano 9, n. 33. 2008. p.42-52.

ASSUNÇÃO, Paulo de. A cidade de São Paulo no século XIX: Ruas e pontes em transformação. In: **Revista eletrônica do Arquivo do Estado**, v.10, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao10/materia03/texto03.pdf>> Acesso em 02/02/2008.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BAUMANN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade** . Tradução Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na rua**. Campinas: Papyrus Editores, 1989.

BERARDI, Franco. **Lá fábrica de la infelicidad. Nuevas formas de trabajo y movimiento global**. Madrid: Traficantes de sueños, 2003.

BIRMAN, Joel. **Dor e sofrimento em um mundo sem mediação**. (Estados Gerais da Psicanálise). Disponível em: www.estadosgerais.org. Acesso em 18 julho 2009.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilo de vida. In: ORTIZ, Renata. **Sociologia**. São Paulo: Ática. 1983

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Novas contradições de uso. In: DAMIANI, Amélia Luísa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA. Odette Carvalho de Lima. (Org.). **O espaço no fim de século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **Espaço-Tempo na Metrópole**. São Paulo: Contexto. 2000.

_____. **A cidade**. São Paulo. São Paulo: Contexto, 2005. (Repensando a Geografia).

CASTROGIOVANNI, A. C. (org) **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 6ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.

_____. Espaço-casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In: **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.25-54.

DAMIANI, Amélia Luisa. As contradições do espaço: da lógica (formal) à (lógica) dialética, a propósito do espaço. In: DAMIANI, Amélia Luísa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (Org.). **O espaço no fim de século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 1999.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FIGUEIREDO, Luciano. A revolta é uma festa: relações entre protestos e festas na América Espanhola. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. **Festa: cultura e socialidade na América Espanhola** (Org.). v. 2. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo. Fapesp: Imprensa Oficial, 2001. .(Estante USP – Brasil 500 anos. v. 3).

GARCEZ, Pedro Ghirardi; ZILLES, Ana Maria. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Aalberto (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.

GUARINELLO, Noberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Org.). **Festa: cultura e socialidade na América Espanhola**. v. 2. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo. Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.(Estante USP – Brasil 500 anos. v. 3).

GORZ, André. **Metamorfose do trabalho: crítica da razão econômica**. São Paulo: Annablume, 2003.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HORTA, Lygia. **Moema: histórias, pássaros e índios**. São Paulo: BIZZ Comunicação e Produções, 2007.

IBGE, **Pesquisa anual de serviços (PAS) 2003**. Rio de Janeiro: IBGE,V.5, 2003.

IBGE, **Pesquisa anual de serviços (PAS) 2004**. Rio de Janeiro: IBGE, V.6. 2004.

IBGE, **Pesquisa anual de serviços (PAS) 2005**. Rio de Janeiro: IBGE, V.7. 2005.

IBGE, **Pesquisa anual de serviços (PAS) 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, V.8. 2006.

LEFEBVRE, Henri. Notes écrites un dimanche dans la campagne française. In: _____ . **Critique de la vie quotidienne – I – Introduction**. Paris: L'Arche Éditeur, 1958, p. 215-241.

_____. **De lo rural a lo urbano**. 4. ed. Barcelona: Península, 1978.

_____. **A reprodução das relações de produção**. Porto: Escorpião, 1973.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **O direito a cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOWY, Michael . **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen**. 2. ed. São Paulo: Editora Busca Vida, 1988,.

MAFFESOLI, Michel. **O Ritmo da Vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lilian de Lucca (Org.). **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2000.

MAIA, Doralice Sátyro. A vaquejada: de festa sertaneja a espetáculo nas cidades. In: ALMEIDA, Maria Geralda; RATTS, Alessandro Janner Petzold (Org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p.159-183,

MARIANO, Neusa de Fátima. **Divina tradição ilumina Mogi das Cruzes**: o Espírito Santo faz a festa. 2007 – Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. O migrante brasileiro na São Paulo estrangeira. In: PORTA, Paula (Org.). **História da cidade de São Paulo**: a cidade na primeira metade do século XX..v. 3. São Paulo: Paz e Terra: 2004.

MARTINS, Sérgio. Lazer, urbanização e os limites da cidadania. In: ISAYAMA, Hélder; LINHARES, Meily (Org.). **Sobre lazer e política**: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2006.

MARX, Karl. A mercadoria. In: _____. **O Capital**: crítica da economia política. v. 1. São Paulo: Abril, 1983, p. 45-78.

_____. Manuscritos econômico-filosóficos (Terceiro manuscrito). In **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 170-214. (Os Pensadores).

MATOS, Antonio Carlos de. *et al.* (Org.). **Buffet**. Brasília: Sebrae, 2004. (Comece Certo, 13).

MARANGONI, Silvia. O número um. In: **Revista Emporium**. n. 2. 2007. Disponível em: <<http://www.emporiumsaopaulo.com.br/revista/materia.asp?edc=2&cmt=471>>. Acesso em: 04 fev. 2008.

MOHERDAUI, Bel. Os donos das festas. **Revista Veja**, São Paulo, Edição 1.726 - 14 nov. 2001. 1.726 ed.

NIETZSCHE, Friedrich. **Gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

ODA, Deise Tomoco. **Preservação e Controle do Uso do Solo e a atuação das Associações de Moradores de Bairros**. 2003. 150p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. 2003.

OLIVEIRA JÚNIOR, Gilberto Alves de. **Novas expressões de centralidade e (re)produção do espaço urbano em cidades médias: o Jequitibá Plaza Shopping em Itabuna-BA**. 2008. 449 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

ONFRAY, Michel. **A Escultura de Si**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarniere. **O tempo e o espaço da alimentação no centro da metrópole paulista**. 2001. 195f. Tese (Doutorado em Geografia – Área de Concentração em Organização do Espaço) – Instituto de Geociências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2001.

PELBART, Peter Pál. **Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura**. Brasiliense: São Paulo, 1989

_____. **A vertigem por um fio**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PINTAUDI, Silvana Maria. A cidade e as formas do comércio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto 2001, p.143-159.

PONCIANO, Levino. **Bairros paulistanos de A a Z**. São Paulo: Senac, 2001.

RAMOS, Aluísio Wellichan. Cotidiano, espaço e tempo de um antigo bairro paulistano: transformações da cidade e a dimensão do vivido. In: **GEOUSP**. n. 15, 2004, p.77-103.

Moema – O bairro dos *Buffets*. In: **Revista Festas Infantis – Buffet e Eventos**. Disponível em: <http://www.revistafestas.com.br/revista_infantis_12.htm> Acesso em 04/06/2007>

ROLNIK, Raquel. **São Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001. (Folha Explica)

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SEABRA, Odete. A insurreição do uso. In: MARTINS, José de Souza (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à Dialética**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. O irreduzível da festa. In: **XIII Encontro Nacional de Geógrafos**. João Pessoa. 2002. 1 CD-ROM.

SILVA, Carlos Henrique Costa da. **O tempo e o espaço do comércio 24 horas na metrópole paulista**. 2003. 229f. Dissertação (Mestrado em Geografia – Área de concentração em Organização do Espaço) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **A identidade da metrópole. O processo de verticalização em São Paulo**. São Paulo. HUCITEC, 1994.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A urbanização da sociedade: reflexões para um debate sobre as novas formas espaciais. IN: DAMIANI, Amélia Luísa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (Org.). **O espaço no fim de século**: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 1999.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.) **Novas Formas Comerciais e a redefinição da centralidade intra-urbana**. In: SPOSITO, Maria Encarnação

Beltrão. Textos e Contextos para a leitura geográfica de uma cidade média. Presidente Prudente: UNESP, 2001.

SANTOS, Renan Gauthier Cardoso dos Santos. **A festa na cidade: Da casa ao buffet**. UNESP – Campus Rio Claro. Geografia. Trabalho de Conclusão de Curso. 2006.

THEMUDO, Tiago Seixas. **Gabriel tarde: sociologia e subjetividade**. Rio de Janeiro: RELUME DUMARÁ, 2002.

ANEXO 1

**REPORTAGEM PUBLICADA PELA
REVISTA VEJA 14 DE NOVEMBRO
DE 2001. “OS DONOS DAS
FESTAS”**

Os donos das festas

Casar, comemorar, festejar – para quem tem dinheiro, é com o Buffet França

Bel Moherdau

Fotos Antonio Milena



Os irmãos França à frente de sua equipe: 260 funcionários em uma única festa

Nesta semana, mais um membro do clã dos Safra – Jacob, filho do banqueiro Joseph Safra – vai se casar. A festa em São Paulo, com todas as extravagâncias permitidas a uma casa bancária desse quilate, como de costume, terá a assinatura do *Buffet* França. Considerado um dos mais requintados e tradicionais do país, o França é o preferido da elite paulista, responsável por recepções das famílias Setúbal (donos do Banco Itaú), Mofarrej (do hotel Sheraton Mofarrej), Szajman (Grupo VR) e Baumgart (Center Norte-Vedacit), entre outras. Mas não é preciso ter sobrenome estrelado para contratar seus serviços. Com dinheiro e antecedência, ambos em altas doses, é possível arrumar uma vaguinha na congestionadíssima agenda do França. Em um único fim de semana, o bufê chega a organizar dez festas, entre cafés da manhã, almoços, chás e jantares para grupos de três a 3 000 pessoas. Sediado em São Paulo, o França virou fenômeno nacional, com fama e clientes arrebanhados país a fora, "de Porto Alegre a Salvador", segundo a diretora Rita França. E, feito dos feitos, até pelos concorrentes é elogiado. "Se eu fosse fazer uma festa para mim e decidisse variar, faria com o França", afirma Charlô Whately, dono do bufê paulistano que leva seu nome. "Aqui no Rio de Janeiro poucos

procuram atingir o nível de serviço que eles oferecem", ecoa o chef carioca Mário de Andrade Neto, dono do Casa dos Sabores. "Eles são o Mercedes-Benz do setor."

O *Buffet França* nasceu em 1950, logo depois que Nilson França – o seu França – foi chamado para fazer a festa de casamento de dois antigos clientes da brasserie tocada por sua família em São Vicente, no litoral de São Paulo. O negócio deslanchou, dois sócios se agregaram, e a nova geração da família França assumiu o comando – sempre supervisionados muito de perto pelo pai, que, aos 71 anos, continua ativíssimo. "Antes das festas, vou da calçada ao fundo do salão observando tudo o que está errado. Eu vejo o que meus filhos não vêem", diz ele. Os filhos, José Carlos, Rita e Gisele, são os responsáveis pela expansão dos negócios para fora de São Paulo, a partir da década de 80, uma obra de planejamento estratégico que costuma mobilizar mais de uma centena de pessoas, além de fogões, fornos, bandejas de comida, pratos, copos e até perfeitas bolas de sorvete, transportados em carretas, caminhões frigoríficos e ônibus. A padronização do serviço obviamente não produz obras-primas da culinária, mas é o grande trunfo da empresa. Quem contrata o França sabe que pode contar com uma linha de montagem perfeitamente profissional, capaz de atender a eventos como a maior festa até hoje realizada pelo bufê fora de São Paulo: um jantar para 2 400 pessoas em uma base aérea no Rio de Janeiro, com pista no meio do salão para a passagem de uma escola de samba entre o prato principal e a sobremesa. A mais complicada – e inesquecível – durou cinco dias, em um parque de Belo Horizonte, com coquetel, almoço e jantar para 1 000 pessoas a cada dia. "Tivemos de montar até lavanderia no local", conta Rita. Eventualmente, ultrapassar a fronteira paulista rende ciúmeiras. Em outubro, o França organizou uma festança de bar mitzvá, no Rio de Janeiro. Sempre zelosa dos interesses locais, a colunista Hildegard Angel, do jornal *O Globo*, reclamou da importação. "O França realmente é ótimo, tão bom quanto chefs cariocas. Mas quem resiste a provar uma novidade, não é?", indagou.

Peixe repartido – No mês passado, no lançamento de um modelo de avião, o bufê foi chamado para organizar um almoço para 1 000 pessoas dentro de um hangar, no interior de São Paulo. Levaram tudo, da louça ao gelo, além de 200 garçons, onze cozinheiros e vinte maîtres e gerentes, em dois caminhões e seis ônibus. O planejamento começou semanas antes, com a elaboração do cronograma da festa e do cardápio – departamento em que seu França tem até hoje a palavra final. "No sábado começamos a montar tudo. Às 7h30 de segunda-feira, dia do almoço, o salão já estava pronto", conta José Carlos. A comida foi quase toda preparada no local. A sobremesa (sorvete de tangerina com fios de laranja, zabaione, coco ralado e biscoito) começou a ser montada só depois que os pratos quentes (robalo grelhado ao molho de vinho branco, risoto de açafrão com pinholes, ravióli de brie ao pomodoro e manjerição e blanquet de vitela) tinham sido servidos. Em uma hora, praticamente todos os 1 000 convidados já estavam acabando de degustar o biscoitinho do sorvete.



**Almoço para 1 000 pessoas:
dentro de um hangar, entre os
aviões**

Nem sempre tudo corre conforme a programação. Num almoço em Americana, no interior de São Paulo, um vendaval arrancou a cobertura do salão e foi tudo pelos ares: copos, pratos, cadeiras, mesas. Em quarenta minutos, a equipe repôs tudo no lugar. Em outra ocasião, uma festa planejada para 500 convidados recebeu 1 000. "Não parava de chegar gente. Montamos novas mesas, pegamos tudo que tínhamos e fomos dando um jeito. Como a porção de peixe era grande, parti no meio e remontei todos os pratos. Ninguém ficou sem comer", orgulha-se Rita. Detalhe: a comida servida era kosher, preparada em uma cozinha especial de acordo com as recomendações rabínicas exigidas pelos seguidores ortodoxos do judaísmo. Essa cozinha é uma espécie de acidente religioso-geográfico: com sede num bairro de São Paulo onde é forte a presença da comunidade judaica, o França montou instalações separadas para atender a freguesia. Um rabino tem a chave da cozinha e supervisiona o preparo dos acepipes.

O bufê mantém uma equipe fixa de cerca de 130 pessoas e outras 200 em seu cadastro. Cobra, num jantar, um mínimo de 90 reais por convidado, fora decoração, aluguel de salão, música e outros detalhes nada baratos. Mesmo assim, marcar festa no salão nobre do França em um sábado à noite, só com dois anos de antecedência. Clientes não faltam, e arranjos especiais são aceitos. Entrou para a história do bufê o caso de uma dentista que marcou e começou a pagar a festa de debutante da filha quando ela tinha 10 anos. Foi um sucesso.

UM EXÉRCITO EM ATIVIDADE



Prato quente: na cozinha montada especialmente para o almoço, onze cozinheiros e seus auxiliares arrumam a comida a ser servida por 200 garçons

Sobremesa: as taças de sorvete com calda e biscoito têm de ser arranjadas minutos antes de ir para a mesa, para evitar que o doce derreta ou desmonte no caminho



O quebra-cabeça dos talheres: na arrumação do salão, uma parte da equipe se dedica a separar 1 000 conjuntos de garfos, facas e colheres para prato principal e sobremesa

ANEXO – 2

O número um

Jovem, charmoso e rico em oferta de serviços de primeira, moema se transformou, em tempo recorde, em um dos bairros paulistanos campeões de qualidade de vida

Por Silvia Marangoni

Fotos Ed Viggiani

Pergunte a qualquer paulistano que bairro tem suas ruas divididas por tipos de nomes - de passarinhos e de origem indígena - e a resposta será quase imediata: Moema. O que muitos não sabem, porém, é que esse bairro de classe média e classe média alta, repleto de ruas planas e arborizadas, já foi um grande viveiro a céu aberto. Isso porque Moema, que em tupi-guarani significa Aurora, era cercada originalmente pela Mata Atlântica e, portanto, habitat das diversas espécies de pássaros que hoje dão nome a dezenas de ruas do bairro. E mesmo com toda a modernização e estrutura comerciais que fazem do lugar um dos cinco bairros paulistanos de maior investimento imobiliário, ainda hoje é possível ouvir o canto de canários, pintassilgos, araguaris, periquitos, rouxinóis, ibijaús, tuins, sabiás e bem-te-vis que vivem nas centenas de árvores que sobreviveram ao seu crescimento.

Moema é considerado o melhor lugar para se viver em São Paulo, segundo levantamento recente do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Segurança e Assistência Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mas nem sempre foi assim. "Quando viemos para cá, em 1955, não havia esgoto nem água encanada nem ruas pavimentadas nem iluminação pública", lembra a advogada e professora Lygia Veras de Freitas Horta. "Moema nem tinha esse nome: chamava-se Indianópolis." Roberto, seu marido, vai mais longe. "Não havia calçamento. A água vinha de um poço e o esgoto era uma fossa no jardim. Nunca me esqueço do dia em que atolei o carro no portão de casa depois de uma chuva forte." Pioneiros e recém-casados, Lygia e Roberto foram motivo de ironia de amigos e parentes que não conseguiam entender a razão por que o casal quis abandonar o confortável bairro da Aclimação, em troca do que chamavam de fazendinha.

Cinqüenta anos depois, o casal não apenas continua morando no bairro, como ela preside a Associação de Moradores e Amigos de Moema (AMAM), que ajudou a fundar dezoito anos atrás, em fevereiro de 1987 (leia quadro nesta reportagem).

Mas quando Indianópolis passou a se chamar Moema? Exatamente em 1987. Antes disso, Moema era apenas o nome de uma avenida que cortava a Ibirapuera e onde funcionava a antiga parada de bonde local - na Praça Nossa Senhora Aparecida, onde hoje está a doceira Ofner. Foi naquele ano, após sanção do prefeito Jânio Quadros, que o nome Moema foi reconhecido, a pedido de moradores representados pela AMAM. Lygia teve participação fundamental nesse episódio, ao oferecer um almoço em sua casa a Jânio. Na ocasião, defendeu a mudança de nome. No dia 15 de outubro de 1987, exatos quinze dias depois desse encontro, o nome Moema seria oficializado em decreto publicado no Diário Oficial.

Quatro anos depois, ao estabelecer novos limites aos bairros da cidade, a prefeitura esteve prestes a mudar o nome do bairro para Ibirapuera. Seria uma homenagem ao parque de mesmo nome, que passaria a pertencer aos novos limites. Antes, o Ibirapuera ficava na Vila Mariana. Mais uma vez, e graças à participação ativa de Lygia Horta, a AMAM saiu-se vitoriosa. Moema não somente teve seu nome preservado, como ganhou mais espaço, sendo

elevada à categoria de distrito: se antes o bairro era delimitado pela rua Afonso Brás e avenidas República do Líbano, Indianópolis, Rubem Berta, Bandeirantes e Santo Amaro, depois disso os limites se estenderam até a rua Tutóia e avenida Brigadeiro Luis Antônio, incluindo o Parque do Ibirapuera.

Quase cem anos depois do loteamento das terras do Sítio da Traição (leia quadro nesta reportagem), o jovem distrito tornou-se uma referência de modernidade. Moema atual possui ampla estrutura comercial. Seus bares e restaurantes são procurados por paulistanos de vários pontos da cidade. O bairro tem cerca de 70.000 habitantes, distribuídos em uma área de 9 quilômetros quadrados, o que significa quase 9.000 habitantes por quilômetro quadrado. Apesar disso, segundo o mesmo estudo da PUC-SP, Moema oferece condições de vida quase ideais. A taxa de desemprego é insignificante quando comparada com alguns bairros de zonas mais pobres: apenas atinge 0,91% da população ativa, enquanto em algumas áreas da zona central o índice chega a 5,16%. O rendimento familiar mostra também uma enorme diferença social. Enquanto 37% dos chefes de família de Moema recebem mais de 20 salários mínimos por mês, há bairros da zona leste em que apenas 0,15% estão nessa faixa. O analfabetismo, no bairro, atinge 0,83% dos moradores, taxa irrisória na comparação com Vila Andrade e Marsilac, onde esse índice chega a 8,62% e 9,01%, respectivamente. Moema apresenta expressiva concentração de moradores pertencentes à classe A (quase 57% dos chefes de família ganham acima de 4.000 reais por mês e gastam, em média, 10.703 dólares por ano - três vezes mais do que a média paulistana, segundo pesquisa realizada pela empresa de consultoria Target Marketing) e a menor quantidade de pessoas de classe E (renda mensal abaixo de 400 reais). Considerando a qualidade de vida, apenas 0,62% das casas não têm acesso ao abastecimento de água; 0,72% têm acesso precário à rede de esgoto e 0,8% coleta de lixo deficiente, de acordo com a pesquisa. Além disso, conforme dados informados pela Secretaria Municipal de Assistência Social, em trabalho de mapeamento da exclusão na cidade, em Moema não existem favelas e há ótima oferta de serviços públicos.

Toda essa qualidade de vida está na mira das grandes construtoras, que fizeram do bairro um líder em lançamentos imobiliários de alto padrão. Moema está em quarto lugar em número de empreendimentos de imóveis (atrás de Morumbi, Butantã e Tatuapé), mas é o recordista no segmento de alto padrão. Levantamento elaborado pela Escopo Geomarketing concluiu que de nenhum outro bairro se chega tão rápido a todos os principais pólos empresariais de São Paulo - Paulista, Centro, Itaim, região da avenida Eng. Luís Carlos Berrini e Chácara Santo Antônio. No comércio, Moema atende a todos os gostos. Quem não gosta de passear em shoppings pode perfeitamente fazer compras percorrendo as ruas do bairro. Lojas, bares, restaurantes, sorveterias, cinemas, casas de show, petshops, supermercados, cabeleireiros, clubes, academias, Moema tem de tudo, do bom e do melhor. Estão localizados no bairro, por exemplo, a refinada boutique Daslu, na Vila Nova Conceição, a badalada loja de calçados Shoestock, a Joan Sehn, uma das mais antigas choperias da cidade (foi inaugurada em 1937), o restaurante alemão Windhuk, aberto em 1948 por um dos tripulantes do navio alemão de mesmo nome que aportou no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, e outras dezenas de botecos, bares, restaurantes e atrações que fazem do bairro um dos destinos preferidos de jovens, adultos e, mais recentemente, crianças. Sim, Moema é o paraíso dos *buffets* infantis, com quase quarenta estabelecimentos. A maioria deles com agendas lotadas.

A já famosa rua Normandia também pertence ao bairro. O Dia D costuma ocorrer na semana que antecede ao Natal, quando a rua fica enfeitada com luzes coloridas, enormes bonecos de Papai Noel, duendes, renas, e é coberta de neve artificial produzida por máquina. "Tudo para atrair o público e agradar aos moradores do bairro", como conta a vice-presidente da Associação dos Lojistas das ruas Normandia e Gaivota, Érika Assumpção. Nesse período,

cerca de 300.000 pessoas chegam a desembarcar na Normandia. A força do comércio fez com que as 54 casas construídas em estilo europeu, que até os anos 80 eram ocupadas por moradores do bairro, fossem pouco a pouco se transformando em lojas que vendem de artigos para decoração e vestuário a presentes para o ano inteiro.

A revolução que desaguou no surgimento de Moema como conhecemos hoje começou em 1976, data em que foi construído o Shopping Center Ibirapuera, no mesmo quarteirão onde antes existia um clube de bairro, o Real, cujo muro se transformava em arquibancadas de centenas de torcedores que se acotovelavam para acompanhar animadas partidas de futebol de várzea. A frente do Shopping dá para a mesma avenida Ibirapuera onde até 1967 passava o bonde. Antes da reforma que ampliou a avenida, no ano passado, ainda era possível ver pedaços de trilhos em alguns cruzamentos. Prestes a completar 18 anos de vida, o distrito de Moema tem muita história para contar. Pergunte só ao vovô e à vovó no almoço de família deste domingo.

Anjos da guarda

Lygia e Roberto Horta são testemunhas vivas do nascimento do bairro e de seu florescer

Após criar três filhas e ser avó coruja de duas netas, Lygia Veras de Freitas Horta resolveu abrir espaço em sua agenda para resgatar projetos particulares. Um deles foi a criação de uma entidade para valorizar e promover melhorias para o bairro que adotou ao se casar: Moema. Ao lado do advogado Carlos Alberto Accunzo, fundou a AMAM, em 23 de fevereiro de 1987.

Dona de olhar vivo, fala mansa e sorriso cativante, Lygia é daquelas pessoas que estão sempre às voltas com grandes empreitadas. Uma delas, ainda não realizada, é escrever um livro contando todas as passagens históricas do bairro. Material para isso, ela tem de sobra. Lygia conta, por exemplo, que a história de Moema começou em 1913, quando o engenheiro Fernando Arens comprou o Sítio da Traição com o dinheiro da venda de alguns terrenos no litoral de São Paulo. A área compreendia 182 alqueires, começando a oeste da Vila Mariana, entre os córregos Uberaba e Traição, e percorrendo o trecho que hoje corresponde às avenidas República da Líbano, Jabaquara, Indianópolis e toda a área onde está a avenida dos Bandeirantes. Foi graças à enorme variedade de aves que habitavam a região e à simpatia de Arens por nomes indígenas que a região foi batizada de Indianópolis (cidade dos índios) e recebeu os nomes que traz até hoje. A avenida Indianópolis se chamava Araci em homenagem à filha de Arens - hoje uma senhora de 99 anos, que prometeu entregar à Lygia a escritura original que comprova a posse das terras do antigo Sítio da Traição.

A Moema da década de 30 era um bairro essencialmente fabril e suas indústrias têxteis incentivaram a vinda de imigrantes italianos, austríacos, russos, húngaros, lituanos e alemães, todos operários. Até 1965, a vila operária manteve-se no bairro. Ainda hoje é possível encontrar algumas dessas casas, várias delas transformadas em estabelecimentos comerciais e algumas preservadas, como é o caso das residências da rua Arapapi - uma pequena travessa localizada entre as ruas Bem-te-vi e Pavão. Em 1976, o bairro ganhou seu primeiro grande empreendimento comercial: o Shopping Ibirapuera. Prestes a completar 29 anos, o Ibirapuera é uma referência do bairro. Por seus corredores circulam quase 90.000 pessoas todos os dias.

As batalhas de uma guerreira vitoriosa

Moema virou distrito por causa de Lygia Horta, que ajudou a enterrar ratos e baratas dos córregos Uberaba e Uberabinha e acabou com os vôos noturnos de Congonhas

Por que Moema?

"Porque havia essa identidade", explica Lygia. "Quem deu o nome de Indianópolis foi Fernando Arens, o dono do loteamento do Sítio da Traição, mas as pessoas diziam Moema. A parada principal da linha do bonde era bem em frente à igreja Nossa Senhora Aparecida, conhecida como igreja de Moema."

Virado à Paulista

Em outubro de 1987, quando recebeu o prefeito Jânio Quadros em sua casa para o almoço que resultou na alteração do nome do bairro de Indianópolis para Moema, Lygia era secretária da AMAM. "Naquela época, os políticos eram mais acessíveis e comprometidos com a verdade. Quando diziam que fariam alguma coisa, podíamos confiar." Sobre Jânio, Lygia lembra coisas curiosas: "Mesa posta (o menu era virado à paulista, prato preferido do prefeito), todos aguardavam a comitiva do prefeito, que atrasou meia hora. Ele veio da prefeitura, que ficava no Ibirapuera, multando pessoalmente todos os carros em situação irregular que encontrou pelo caminho".

Repouso Noturno

Graças a AMAM, desde 1989 os moradores de Moema e arredores têm garantidas algumas horas a mais de sono tranquilo. O projeto de repouso noturno, apresentado por Lygia, conseguiu que o Aeroporto de Congonhas interrompesse o tráfego aéreo das 23 horas às 6 da manhã.

Canalização de Córregos

A canalização dos córregos Uberaba e Uberabinha, em 1991, foi mais uma conquista da AMAM. Hoje, sobre os córregos em que se jogava lixo e que atraía insetos e ratazanas corre a movimentada avenida Hélio Pellegrino, que liga a República do Líbano à Nova Faria Lima.

Fonte

<http://www.emporiumsaopaulo.com.br/revista/materia.asp?edc=2&cmt=471>

ANEXO – 3

Website da “Feira de Festas Infantis”.

Mega kids Festas
1ª megafeira de festas infantis

Megafestas
Expositores
Mapa da Feira
Como chegar
Ingressos
Imprensa
Contato
Informações para Expositores

**A maior e mais completa
Feira de Festas Infantis do País!**

MEGAFESTAS KIDS

**Você não pode perder!
Venha fazer a festa!**

Data: de 14 a 16 de março de 2008
Horário: das 11 às 19 horas
Local: TERRAÇO DASLU
Rua Chedid Jafet, 131 - Vila Olímpia

Enquanto você visita a MegaFeira seus filhos brincam na MegaFesta temática ininterrupta! (organizada pela **Xic Balloon Produção de Festas**)

Parte da renda dos ingressos será destinada ao **ICRIM** (Instituto de Apoio à Criança e ao Adolescente com Doenças Renais)

WUST TOUR tem descontos em passagens aéreas e hotéis para facilitar sua chegada.

Local: **TERRAÇO DASLU**
Apóio: **Festas Kids**, **Festas Teens**, **Festas**
Realização: **Notícias e Notas**
Organização: **GIG** (GIG EVENTOS E PROMOÇÕES)
Comunicação: **Ricardo Viveiros & Associados** (Clina de Comunicação)
Assessoria de Imprensa: **Ricardo Viveiros & Associados** (Clina de Comunicação)

Megafestas - Todos os direitos controlados

1º Megafeira de Festas Infantis na cidade de São Paulo/SP. Retirado de: www.megafestas.com.br